



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

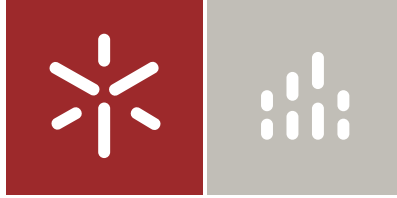
Gisele Silva de Araújo

Arquitetura e Media: Crise ou (R)evolução?

Gisele Silva de Araújo Arquitetura e Media: Crise ou (R)evolução?

UMinho | 2019

janeiro de 2019



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Gisele Silva de Araújo

Arquitetura e Media: Crise ou (R)evolução?

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Eduardo Jorge Cabral dos Santos
Fernandes

Nome: Gisele Silva de Araújo

Endereço eletrónico: gisele.araujo.br@hotmail.com

Telefone: 934992326

Número do Bilhete de Identidade: 14887320

Título dissertação: Arquitetura e Media: Crise ou (R)evolução?

Orientador: Eduardo Jorge Cabral dos Santos Fernandes

Ano de conclusão: 2019

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 28/03/2019

Assinatura: Gisele Araújo

Ao Professor Doutor Eduardo Fernandes, por toda a
disponibilidade e suporte.

Aos meus pais e irmã, pelo apoio incondicional.

Aos amigos, em especial os que MIARQ me deu, por
partilharem comigo esta aventura.

Resumo

‘Arquitetura e Media: Crise ou (R)evolução?’ explora a relação entre a arquitetura, a sociedade e os Media, com um olhar atento sobre as transformações que o conceito de participação tem vindo a sofrer sob o novo panorama comunicativo.

Trata-se de uma abordagem que remete ao passado para compreender o presente, contemplando ideologias que se têm vindo a desenvolver desde os anos 60 até à contemporaneidade. Abordam-se, numa primeira fase, teóricos como Marshall McLuhan, Giancarlo de Carlo e John F.C. Turner, a fim de expor as implicações iniciais da revolução cultural causada pelos Media na disciplina arquitetónica. Para efeitos de enquadramento nacional, foi considerado o caso do processo SAAL.

Conhecidos os conceitos subsequentes desta primeira revolução cultural que atingiu o século XX, a emergência de uma cultura participativa e a convergência dos media são associados ao período da mais recente revolução mediática. A atenção volta-se para a atualidade numa perspetiva que confronta a verdadeira posição do arquiteto e do público, numa era em que os papéis se veem confundidos.

Balkrishna Doshi e Alejandro Aravena, recentes vencedores do prémio Pritzker, são casos de estudo que permitem corroborar ou refutar princípios assumidos na arquitetura dos dias de hoje. Se na sua obra é evidente a importância dos processos participativos, o reconhecimento internacional que ambos conheceram pode relacionar-se com a perceção da influência que os Media tiveram sobre o papel que cada um desempenha atualmente na produção de uma arquitetura que divide opiniões mas faz convergir meios.

Abstract

'Architecture and Media: Crisis or (R)evolution?' explores the relation between architecture, society and Media, with a watchful eye on the transformations the participation concept has been suffering under the new communicative panorama.

It is an approach that refers back to the past to understand the present, contemplating ideologies that have been developed since the 60's until the present days. In a first phase, theoreticians such as Marshall McLuhan, Giancarlo de Carlo and John F.C. Turner will be introduced, in order to expose the initial implications of the cultural revolution caused by Media in the architectural discipline. For the purposes of national framework, the SAAL case will be studied.

Having known the subsequent concepts of this first cultural revolution that reached the 20th century, the emergence of a participatory culture and the convergence of media are associated with the period of the most recent media revolution. Attention is thus drawn to the present, in a perspective which confronts the true position of the architect and the public, in an era in which the roles seem to be confused.

Balkrishna Doshi and Alejandro Aravena, recent winners of the Pritzker Prize, are case studies that allow us to corroborate or to refute the principles assumed in today's architecture. If the importance of participatory processes is evident in their work, the international recognition they have both known can be related to the perception of the influence that media took over the role each one is currently playing in the production of an architecture that, divides opinions but converges means.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 Os Media	 5
1.1. O nascimento de um novo Público	9
1.2. Informação enquanto ferramenta de Poder	14
Capítulo 2 Arquitetura e Participação	 21
2.1. Teorias participativas	25
2.1.1. Giancarlo de Carlo	28
2.1.2. John Turner	36
2.2. Contextualização nacional	40
Capítulo 3 Século XXI: Revolução Mediática	 55
3.1. Uma questão de perspetiva	60
Capítulo 4 Quando Arquitetura e Media se encontram	 67
4.1. Alejandro Aravena	74
4.2. Balkrishna Doshi	88
Conclusão	101
Bibliografia	109

Introdução

Os Media¹ adquiriram, ao longo dos anos, perante a sociedade contemporânea, uma posição que permite influenciar e moldar opiniões, bem como levar a diversas alterações que ocorrem na própria identidade e valores dessa mesma sociedade. A discussão aberta nesta dissertação pretende estudar o modo como a arquitetura tem vindo, com maior ou menor consciência disso, a ser transformada, resultando numa nova aproximação à sua prática.

O discurso organiza-se em quatro capítulos cujo âmago reside sempre na relação entre a arquitetura, a sociedade e os Media. Pretende-se uma análise diacrónica do modo como, através deste conjunto de meios em constante mutação, a arquitetura tem sido mais ou menos eficaz na aplicação de respostas às necessidades imediatas de uma população. Este é o tema que dará sustento a esta investigação, que procurará abordar a inclusão enquanto prática arquitetónica.

No capítulo 1, a abordagem passa pela exposição do impacto causado pelos Media desde a sua aparição, estudando a forma como aos poucos se foi alterando o conceito de Público.

Capítulo 1

É partindo deste entendimento de Media enquanto génese de uma mudança de comportamentos, que se entra no 2º capítulo desta dissertação, introduzindo as teorias participativas, nas quais o consumidor era visto como parte do processo arquitetónico. Importa destacar personalidades como Giancarlo de Carlo e John F.C. Turner, pela sua

Capítulo 2

¹ Conjunto de técnicas de difusão de mensagens (culturais, informativas ou publicitárias) destinadas ao grande público, tais como a televisão, a rádio, a imprensa, o cartaz; meios de comunicação social. Mass media in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-06-26]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mass-media>

visão pioneira na discussão sobre arquitetura participativa, colocando a possibilidade de considerar a arquitetura enquanto promotora de processos participativos e de igualdade.

Em Portugal, foi aquando da Revolução do 25 de Abril, perante um cenário de agitação social, que se percebeu a participação como meio de enfrentar e equilibrar dimensões sociais, económicas e políticas, decorrentes da tomada de consciência coletiva das condições em que se vivia.

Capítulo 3

No terceiro capítulo, o foco recai sobre a contemporaneidade e a revolução mediática. Depois de entendidas as mudanças inerentes à sociedade e à arquitetura provocadas pelos desenvolvimentos da primeira metade do século XX, será feita uma nova abordagem, relativa ao modo como a Internet, já nos anos 90, foi responsável por uma agitação social que se tem vindo a fazer sentir, especialmente, nos últimos anos. Em simultâneo, perante a consolidação de uma cultura mediática, coletiva e participativa, ver-se-ão expostos os princípios que tradicionalmente caracterizavam o trabalho do arquiteto, perante novos conceitos e ideais que vão ganhando espaço e contrariando os estigmas sociais associados à profissão.

Capítulo 4

A atuação dos Media descentralizou o poder outrora colocado nas mãos de um só indivíduo, permitindo a chegada da “nova arquitetura do coletivo”². A interação é palavra de ordem e, para o exemplificar, estudar-se-á, no quarto capítulo, o processo de trabalho de Alejandro Aravena e Balkrishna Doshi.

Aravena, galardoado em 2016 com o prémio Pritzker, é um modelo inquestionável desta nova aproximação à arquitetura, participativa e humanitária. Tanto a sua obra quanto o seu mais recente reconhecimento, são fatores que não se podem dissociar dos Media e do poder que estes têm concedido ao público/utilizador da Arquitetura. A sua abordagem dá muita importância à inclusão enquanto objeto fundamental do processo arquitetónico, ao entendimento e à compreensão de necessidades e restrições. É neste sentido que o papel do público se demonstra tão fundamental e, a coordenação, imprescindível.

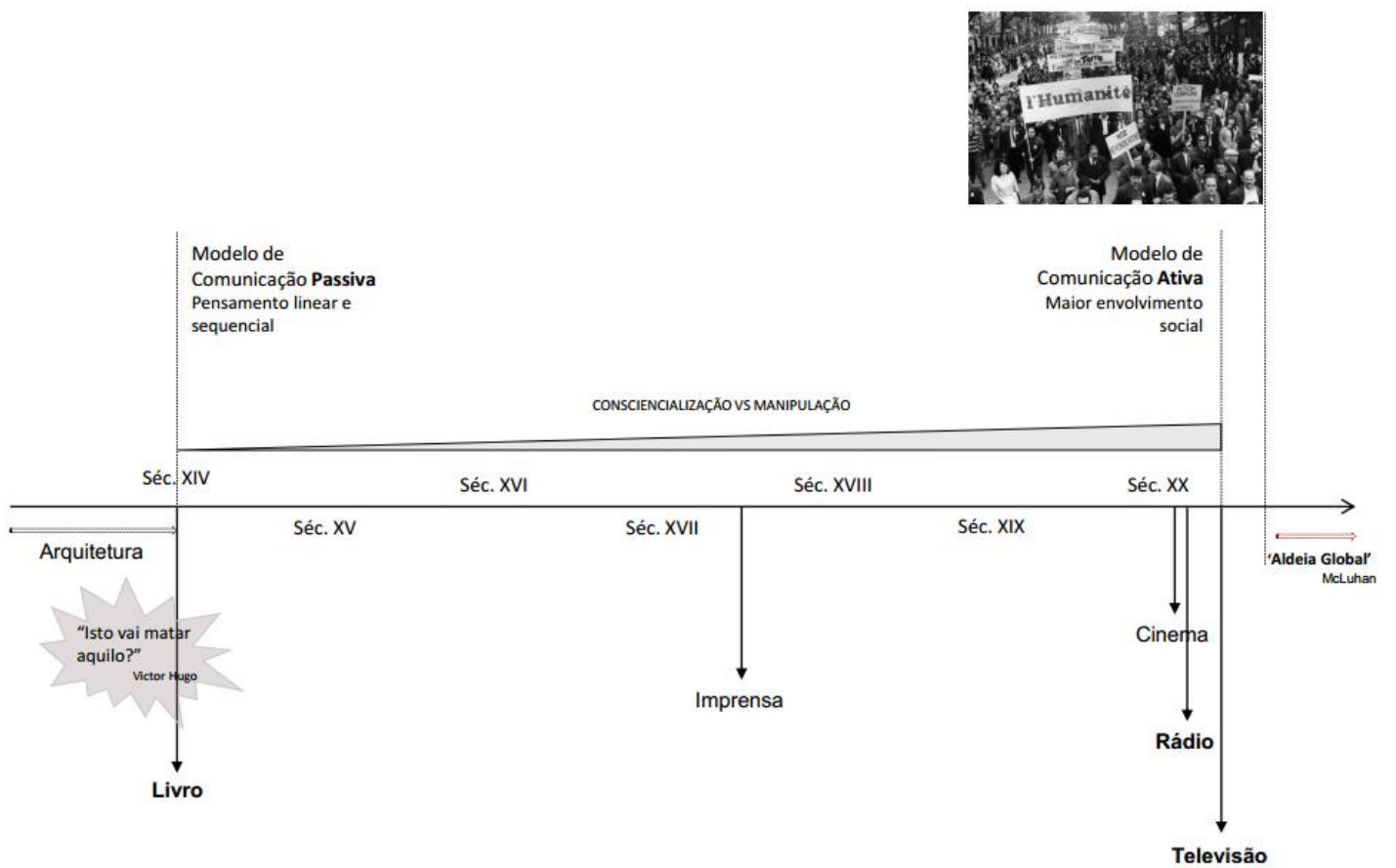
² Casa da Arquitetura (Ed.) *Poder/Arquitetura*. Porto: Lars Muller Publishers, 2017.

Balkrishna Doshi, o mais recente vencedor do prêmio Pritzker, tem vindo a adaptar as influências modernistas de grandes mestres para a identificação de uma linguagem arquitetónica que possa ser representativa do panorama indiano. Para o efeito, entende como fundamental a aproximação ao contexto do lugar, à realidade do morador, às suas experiências e rituais. Fala do seu trabalho como uma constante exploração, na qual questiona diversos paradigmas da profissão.

Numa era em que todos têm voz e presença, algo os distinguiu dos restantes profissionais da área, levando-os a alcançar o mais prestigiado prêmio da arquitetura. Encontrar-se-á nestes nomes um novo princípio para a disciplina?

1 | Os Media

“All media work us over completely”
McLuhan, 1967



Esquema síntese capítulo 1
 Fotografia: Protestos em Paris, maio de 1968 (AFP)

Falar de media é falar de informação - de troca de informação entre um emissor e um sujeito. Para introduzir o tema dos Media na arquitetura, torna-se indispensável começar por entender qual o impacto que os mesmos tiveram na sociedade quando foram inseridos no quotidiano das populações.

Nem sempre os meios de comunicação tiveram o mesmo poder de influência, o seu papel de atuação foi-se alargando consoante a sua capacidade de alcançar o seu público. No século XX, no decorrer das décadas, os media desencadearam reconfigurações visíveis na estrutura social das cidades, na economia e até na política, colocando a informação enquanto base de todas as relações, uma vez que esta é, por sua vez, a base do conhecimento.

Para fazer esta aproximação ao conceito será, neste primeiro capítulo, realizada uma reflexão sobre as teorias de autores como McLuhan, que foram relevantes para a compreensão do poder que os Media foram tomando, na transformação de culturas, de pensamentos e, conseqüentemente, da população e do meio.

Será importante entender de que forma o público foi conquistando o seu espaço de interação com os meios de comunicação, alcançando também uma posição na cultura mediática que se fazia emergir. Isto porque “(...) a população participa na sociedade através da sua presença, interação e/ou participação na esfera mediática (mesmo quando esse processo de participação é desequilibrado)”³.

Assim, a complexidade existente na relação entre media e participação virá a ser explorada ao longo deste capítulo, tal como a evolução dos meios de comunicação e

³ “(...) people participate in society through their presence, interaction and/or participation in the media sphere (even when this participation process in the media sphere is unbalanced)” em CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011, pág.355

do papel dos próprios participantes, emissor e recetor, qualquer que seja o seu nível de envolvimento.

Atenda-se ao facto que “(...) o debate sobre a participação dos media é um bom exemplo da omnipresença do conceito de participação: na segunda metade do século XX e no início do século XXI, a participação nos media ou através deles, tem estado na agenda dos debates e práticas sobre media alternativos e comunitários, programas de entrevistas, *reality shows*, novos media e diversas outras áreas”⁴.

Assim aconteceu também com a Arquitetura, uma vez que conceitos como poder, organização, tecnologia e acima de tudo política, são recorrentes e comuns. Desse modo, também essa participação que se revela parte integrante da adaptação da sociedade aos media, se agrega inevitavelmente à disciplina arquitetónica, como será explorado nos capítulos seguintes desta dissertação.

⁴ “(...) the debate on media participation is a good example of the omnipresence of the concept of participation: In the second half of the twentieth century and the beginning of the twenty-first, participation in and through media has been on the agenda in the debates on, and practices of, alternative and community media, the world information and communication order, talk shows, reality television, new media, and the several other areas” em CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011, pág.352

1.1. O nascimento de um novo Público

Quando surgiram os primeiros meios de comunicação foi necessário, como sempre acontece quando algo de novo surge numa comunidade, haver uma adaptação das populações a esse fenómeno. Isto foi acontecendo contínua e reciprocamente ao longo dos anos, no sentido em que não apenas a população se adaptava às formas de comunicação, mas também esses novos media se iam transformando e evoluindo perante sociedades também elas evoluídas e cada vez mais exigentes. A mudança foi progressiva e evidente – nos valores; nos princípios, nas necessidades; nas ambições e na cultura.

Pode-se dizer que a arquitetura representou, já nos tempos medievais, a primeira configuração dos media. “De fato, desde a origem das coisas até o décimo quinto século da era cristã inclusive, a arquitetura é o grande livro da humanidade, a expressão principal do homem em seus diversos estágios de desenvolvimento, seja como força, seja como inteligência”⁵.

Arquitetura
enquanto Media

Não obstante, segundo Marshall McLuhan⁶, “até que a escrita fosse inventada, o homem vivia num espaço acústico: sem fronteiras, sem direção, sem horizonte, na escuridão da mente, no mundo da emoção, pela intuição primordial, pelo terror.”⁷ O livro impresso, cuja invenção remonta ao final da Idade Média, ultrapassou a barreira do anonimato e criou uma ‘cultura individualista’ que era até então desconhecida – as pessoas passaram a construir pontos de vista e opiniões, afastando-se do senso comum.⁸

Livro

Para Victor Hugo, “(...) até Gutenberg, a arquitetura é a escritura principal, a escritura universal. Esse livro granítico iniciado pelo Oriente, continuado pela antiguidade grega e romana, a Idade Média escreveu nele sua última página”⁹. Assim,

⁵ HUGO, Victor, *Notre-Dame de Paris*. Paris: editora Flammarion. 1967. Tradução de Luigi Rotelli. Disponível em <http://www.entreculturas.com.br/2010/08/historia_arquitetura/> acesso em 27 de setembro de 2018

⁶ Marshall McLuhan (1911-1980) – educador, filósofo e teórico da comunicação canadense e cultura mediática. Criador do conceito de ‘Aldeia global’ e defensor da máxima ‘O meio é a mensagem’, foi pioneiro no estudo das transformações sociais causadas pela revolução tecnológica, vislumbrando a internet décadas antes do seu aparecimento.

⁷ “Until writing was invented, man lived in an acoustic space: boundless, directionless, horizonless, in the dark of the mind, in the world of emotion, by primordial intuition, by terror.” Em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967. Pág.48

⁸ Idem

⁹ HUGO, Victor, *Notre-Dame de Paris*. Paris: editora Flammarion. 1967. Tradução de Luigi Rotelli. Disponível em <http://www.entreculturas.com.br/2010/08/historia_arquitetura/> acesso em 27 de setembro de 2018

o desfecho previsto após a invenção da imprensa foi que esta nova potência se sobrepusesse à anterior - “Isto vai matar aquilo!” – afirmou - o livro mataria a arquitetura.

Através do livro, a população experienciou a informação de forma privada, associada a um ponto de vista particular. A crença havia cedido lugar à opinião, nascera um novo público. Posteriormente, a par do desenvolvimento tecnológico, o aparecimento da imprensa (jornais, revistas) permitiu entender a participação enquanto meio comunitário, que privilegiava o trabalho de equipa sobre o esforço individual. Posteriormente, a rádio e a indústria cinematográfica surgiram como novos meios mais populares e comunicativos.

Em 1920, surgia a primeira emissora de rádio de que há registo, nos Estados Unidos. A sua relevância residiu na descodificação da informação, que de suporte escrito passou à oralidade, bem como no espaço que abriu para a inserção do recetor na produção de informação ou entretenimento, nomeadamente via entrevistas, música ou radionovelas.

Não obstante, o processo de aceitação deste novo meio de comunicação nem sempre se fez da forma mais tranquila, uma vez que, associados a ele, emergiram também, para alguns, sentimentos de insegurança, imprevisibilidade ou, por vezes, desvalorização. “Quem se assusta não é o povo, mas as elites. Cai-lhes mal tudo aquilo em que pressintam vulgarização”¹⁰. Deste modo, sendo este um meio que permitia a chegada de informação a todo o indivíduo, mesmo aquele que não soubesse ler ou escrever, colocava de parte estatutos – como a literacia - até então indispensáveis no acesso à informação.

“A rádio afeta a maioria das pessoas intimamente, de pessoa para pessoa, oferecendo um mundo de comunicação ‘não falada’ entre escritor-locutor e ouvinte. Esse é o aspeto imediato da rádio. Uma experiência privada.”¹¹ Deste modo, alterou-se o paradigma social, introduzindo o conceito de informação para todos e para cada um.

¹⁰ ALVES, Dinis Manuel, *Isto matará aquilo?* Lousã, 1 de junho de 2003. Disponível em <<http://www.mediatico.com.pt/sartigo/index.php?x=28>> acesso em 27 de setembro de 2018

¹¹ “Radio affects most people intimately, person-to-person, offering a world of unspoken communication between writer-speaker and listener. That is the immediate aspect of radio. A private experience.” Em MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003. Pág.327

Isto influenciou bastante na força que teve para progredir, aumentando significativamente, a cada dia, o seu público.

Com essas sucessivas alterações, viu-se emergir uma cultura de massas, “um mundo de envolvimento total em que todos estão tão profundamente envolvidos com todos os outros”¹², que fez com que tudo - do indivíduo ao seu emprego, ao seu meio e à sua relação com os outros - se alterasse significativamente.

Neste processo surgiram alguns conflitos entre o desejo de privacidade e a necessidade de saber, num contexto em que não mais existiam ações e pensamentos totalmente particulares; entre o envolvimento social e a responsabilidade que dele advinha; entre os meios tradicionais de governo e uma nova política que surgia sob formas anteriormente inimagináveis.¹³

A adaptação far-se-ia com base no compromisso e participação das partes, onde estariam incluídos todos os grupos minoritários aos quais até então não era atribuído qualquer papel de relevo. Perante essa ação de reconhecimento, uma política inclusiva ia surgindo através de diferentes meios, dos quais se destacava a televisão. Em 1936, inaugurava-se o primeiro serviço regular de televisão, em Londres. Este meio veio a popularizar-se apenas após a segunda guerra mundial, dados os avanços tecnológicos que esta exigiu.¹⁴

Televisão

A TV veio terminar o que havia sido iniciado pela rádio, completando o ciclo sensorial humano. Foi um crescendo de acessibilidade e espetacularidade. As vozes passaram a ter rostos, era estabelecida na sociedade uma nova dinâmica visual e acústica.

“O segredo consiste em abrir os estúdios à participação popular: já não são as elites a fazer programas para o povo, antes o povo a comunicar consigo mesmo, na estética e na linguagem que são as suas. É a democracia levada à TV”¹⁵: a discussão

¹² “a world of total involvement in which everybody is so profoundly involved with everybody else” em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967, pág.61

¹³ Idem

¹⁴ *Como foi a primeira transmissão regular de TV no mundo, que completa 80 anos*, 2 de novembro de 2016. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37846960>> acesso em 15 de setembro de 2018

¹⁵ LOURENÇO, Ana; COSTA, Elisabete; TEIXEIRA, Teresa. *A grande expansão da televisão*. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/5/24.htm>> acesso em 15 de setembro de 2018

podia agora fazer-se dentro de cada residência – em cada casa aconteciam marchas, protestos, guerras, revoluções e, como afirmou McLuhan, “agora todos são sábios”¹⁶.

A forma como a tecnologia alterou a vida de todos os indivíduos, mostrou-se diretamente relacionada com a sua capacidade de criar no público a necessidade de aceder a ela, criando uma espécie de ciclo vicioso – quanto maior a oferta, maior a procura. Isto porque, como defende McLuhan na obra ‘Understanding Media’, os media são, e devem ser entendidos, em primeiro lugar, como uma extensão do nosso próprio corpo e sentidos.¹⁷

Os meios de comunicação “moldam e reajustam os padrões de comunidade e associação humanas”¹⁸ através da velocidade que imprimem a toda a sua atividade, fazendo de cada aglomerado um novo centro. “(...) os media, ao alterar o ambiente, evocam proporções únicas de percepções sensoriais. A extensão de qualquer sentido altera a maneira como pensamos e agimos - a maneira como percebemos o mundo.”¹⁹

Apesar de ter sido responsável por conceitos como continuidade, repetição e uniformidade²⁰, a mensagem transmitida pelos media, ou a forma como é feita a troca de informação, é passível de ser entendida com agressividade. Isto acontece especialmente em meios como a rádio, cuja mensagem “é de implosão e ressonância violentas e unificadas”²¹. Assim o entenderão particularmente aqueles que não são capazes de balancear o seu impacto, uma vez que “a alfabetização havia promovido um extremo de individualismo, e a rádio veio fazer exatamente o oposto”²².

A televisão, por sua vez, proporcionou maior interação com o seu público, precisamente através da relação que estabelecia com os seus sentidos, envolvendo a população num processo; tendo o poder de criar rituais a que cada indivíduo sentia

¹⁶ “Now all the world's a sage” em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967. Pág.14.

¹⁷ MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003.

¹⁸ “(...) they shape and rearrange the patterns of human association and community.” Idem, pág.138

¹⁹ “(...) media, by altering the environment, evoke in us their unique ratios of sense perceptions. The extension of any one sense alters the way we think and act – the way we perceive the world.” Em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967. Pág.148.

²⁰ MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003

²¹ “The message of radio is one of violent, unified implosion and resonance”. Idem. Pág.329

²² “(...) literacy had fostered an extreme of individualism, and radio had done just the opposite”. Ibidem

pertencer. O recetor passou a estar passivamente exposto a toda a informação e, conseqüentemente, exposto também a qualquer tipo de manipulação.

É por isto que, por muito tempo, aqueles que tentavam entender a ação dos meios de comunicação, mantinham-se alheios à sua capacidade, devido à falta de atenção que prestavam ao 'meio' propriamente dito, mantendo o seu foco exclusivamente na mensagem que era transmitida, no seu conteúdo. Neste sentido, o discurso de McLuhan foi essencial, por finalmente se focar nos media. Esta foi a chave para que as suas teorias alcançassem a verdadeira amplitude de ação dos media, permitindo-lhe entender o seu poder bem antes de todos os outros.

Todo este cenário de mudança, sob o qual a sociedade esteve constantemente a ser obrigada a abandonar a sua zona de conforto, a descreer de conhecimentos que se admitiam como dogmas, em prol de adquirir novos conceitos de informação e de vida, fez parte de um claro processo de evolução; "(...) o ambiente que o homem cria torna-se o seu meio para definir o seu papel no mesmo. A invenção da escrita originou uma linha de pensamento linear ou sequencial, separando o pensamento da ação. Agora, com a TV, (...) o pensamento e a ação estão mais próximos e o envolvimento social é maior. Voltámos a morar numa aldeia"²³.

Síntese

²³ "(...) Professor McLuhan says the environment that man creates becomes his medium for defining his role in it. The invention of type created linear, or sequential, thought, separating thought from action. Now, with TV (...), thought and action are closer and social involvement is greater. We again live in a village." Em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967, p.157

1.2. Informação enquanto ferramenta de Poder

Um dos papéis fundamentais dos meios de comunicação perante o meio social, independentemente da posição de cada indivíduo é, e sempre foi, a capacidade de consciencializar. Isto porque, numa analogia bastante pragmática, antes dos media, era fácil colocar todos os cidadãos dentro de uma caixa, e mantê-los lá, encerrados, sendo alimentados apenas pelos detentores do poder, com a informação que a esses fosse benéfica - verdadeira ou não - alheios a toda a realidade que acontecia no exterior. Pois os media representariam, neste cenário, uma janela. “A indústria cinematográfica forneceu uma janela para o mundo, e as nações colonizadas olharam por aquela janela e viram as coisas das quais haviam sido privadas. (...) Esse sentimento de privação desempenhou um papel importante nas revoluções nacionais do pós-guerra asiático”²⁴.

Modelos de
comunicação: de
passiva a ativa

O peso atribuído ao emissor da informação era grande, no sentido em que se vivia um modelo de comunicação passiva – modelo este que define o recetor enquanto ‘ponto final’ do processo comunicativo, aceitando toda a informação que lhe chega a partir dos diferentes media.

Posteriormente, foi surgindo uma teoria crítica, de que Marshall McLuhan é exemplo, com base numa atitude mais ativa do recetor, que já não era, portanto, visto como uma potencial vítima daquilo que era dito pelo emissor. Este olhar crítico permitiu entender que o indivíduo ou as massas - o público – deveria ser capaz de distinguir informação positiva ou negativa que lhe pudesse chegar, estando apto a aceitar apenas aquilo que considerasse relevante. Paralelamente, é introduzida a interação do recetor no processo de comunicação.²⁵ Esta participação acrescida vinha realçar a divergência existente entre a opinião e compreensão de cada sujeito mediante a sua cultura.

Consciencialização
como génese de
participação

Uma vez mais, toda esta transformação se deu sob um sistema cíclico, uma vez que a causa de toda a mudança na forma de atuação dos meios de comunicação foi precisamente a informação fornecida pelos mesmos. Assim sendo, as crises que afetaram os media foram da responsabilidade da sua própria existência. Quer isto dizer

²⁴ “The motion picture industry has provided a window on the world, and the colonized nations have looked through that window and have seen the things of which they have been deprived (...) that sense of deprivation has played a large part in the national revolutions of postwar Asia.” em MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967, pág.70

²⁵ CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011.

que a causa da mudança foi precisamente a consciencialização que foram permitindo, desde os seus primórdios, ainda sob um modelo de aceitação total por parte do seu público, até que este se tornou consciente o suficiente para fazer dessa informação uma arma.

A percepção da falta de imparcialidade com que a informação era tratada e divulgada, esteve assim na origem da participação do usuário na produção dos media; a sua interação com os conteúdos mediáticos passou de uma postura passiva a ativa. Esse princípio de informação igualitária levou à possibilidade de intervenção em outras áreas, do direito à educação e mesmo ao planeamento de cidades²⁶, a partir do momento em que as pessoas começaram, em diferentes ritmos, a ter percepção do mundo em que viviam e do lugar que efetivamente ocupavam.

A política foi fortemente afetada pelo ritmo célere a que toda a sociedade se transformou - “à medida que a velocidade da informação aumenta, a tendência é que a política se afaste da representação e da delegação de constituintes para o envolvimento imediato de toda a comunidade nos atos centrais de decisão”²⁷.

Essa velocidade que os novos meios de comunicação vieram impor ao dia a dia do cidadão alterou a estrutura da sociedade: “(...) agora via-se toda a tecnologia, incluindo a linguagem, como um meio de processar experiências, um meio de armazenar e agilizar informação. Em tal situação, toda a tecnologia poderia ser considerada uma arma”²⁸.

Para as comunidades do século XX, ainda pouco habituadas a esta cultura de ‘tudo de uma vez’, como se tudo fosse um acontecimento simultâneo, a transição foi atribulada, consequência da aceleração de todos os processos, na substituição do ‘agir’ pelo ‘reagir’²⁹. “As técnicas mecânicas, com os seus poderes limitados, foram por muito tempo usados como armas. As técnicas elétricas não podem ser usadas

²⁶ MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003

²⁷ “As the speed of information increases, the tendency is for politics to move away from representation and delegation of constituents toward immediate involvement of the entire community in the central acts of decision” Idem, pág.221

²⁸ “(...) we now see all technology, including language, as a means of processing experience, a means of storing and speeding information. And in such a situation all technology can plausibly be regarded as weapons.”. Idem, pág. 375

²⁹ MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the massage: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967

agressivamente, exceto para acabar com toda a vida de uma só vez, como o apagar de uma luz³⁰.

O indivíduo havia sido colocado numa posição paradoxal. A necessidade de doseamento entre o poder da tecnologia e a ténue divisão entre os impactos positivos e negativos que daí poderiam devir, vinha acompanhada de uma outra questão. O crescente envolvimento do sujeito em todas as questões sociais, políticas e económicas, mantinham-no a par da real condição humana, pelo que, enquanto ser informado, não podia agora ignorar ou aceitar certas situações: “(...) pode-se dizer que a era da eletricidade, envolvendo todos os homens profundamente uns com os outros, virá a rejeitar tais soluções mecânicas. É mais difícil fornecer singularidade e diversidade do que impor padrões uniformes de educação em massa; mas é essa tal singularidade e diversidade que pode ser fomentada sob condições elétricas como nunca antes³¹. O gerar dessa informação e o conseqüente conhecimento teve, enquanto corolário, o aumento de responsabilidades sociais, bem como o despertar de sentimentos de revolta, de um público que se percebia agora diferenciado, com valores, ideais e interesses próprios, que não podiam simplesmente ser aglomerados numa ‘massa amorfa’³².

A seu favor, as comunidades passaram a ter, agregada a todo este desenvolvimento, a sensibilidade gerada pela inter-relação de processos e experiências no aceleração da indústria, que exigiu e resultou no desenvolvimento de novos engenhos e modelos organizacionais³³.

Contra si, a exposição a que ficavam sujeitos perante todo o tipo de propaganda e manipulação que essa democratização dos media envolveu. Era importante perceber a duplicidade que a via mediática e respetiva facilidade de difusão de mensagens vinha implicar.

³⁰ “The mechanical techniques, with their limited powers, we have long used as weapons. The electric techniques cannot be used aggressively except to end all life at once, like the turning off a light.” Em MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003, pág.373

³¹ “(...) It can be said that the electric age, by involving all men deeply in one another, will come to reject such mechanical solutions. It is more difficult to provide uniqueness and diversity than it is to impose the uniform patterns of mass education; but it is such uniqueness and diversity that can be fostered under electric conditions as never before” Idem, pág.345

³² CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011.

³³ MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003

O progresso estava sempre condicionado pelo nível de envolvimento que os meios de comunicação permitiam ao seu público, ou seja, consoante a dimensão sob a qual lhes permitiam participar. Estaria, portanto, diretamente relacionado com o grau mínimo ou máximo de participação a que se propunham, o que variava não só face ao meio em si, mas também face ao ambiente, cultura e política em que se inseria. Estas variáveis determinariam a homogeneidade ou heterogeneidade da audiência que se sugeriam a alcançar, bem como a extensão social abrangida³⁴.

“(…) É preciso ter cuidado para não usar uma definição de participação demasiado ampla que incorpore todos os tipos de práticas sociais”³⁵, dado que, apesar de ter sido tida em conta em diversos ramos da sociedade, nem sempre era considerada sob uma relação proporcionalmente estável e equivalente quando se tratava de poder de decisão.

Neste sentido, o papel dos meios de comunicação revelou-se fundamental. “Através da esfera mediática, os cidadãos podem usar os seus poderes generativos para se tornar parte dos processos de tomada de decisão da sociedade, ou ainda para resistir a eles”³⁶, ainda que tivessem sempre de lutar contra as desigualdades de acesso que acabavam por existir, ainda que dissimuladas, no intuito de manter privilegiados, por exemplo, membros de elites políticas, que tinham interesse em manter sob o seu controlo toda a informação divulgada. “Mas, novamente, a resistência sempre permanece uma possibilidade, e muitas vozes diferentes podem ser ouvidas através dos canais de media alternativa (...). Mesmo dentro da grande media, vozes não-elitistas e não-hegemónicas conseguem infiltrar-se gerando intervenções no debate público”³⁷.

A conquista desse poder seria posteriormente responsável pela garantia de uma identidade, na medida em que o papel ativo de um determinado grupo o colocaria enquanto um grupo socialmente relevante e conhecedor, cuja opinião viria a contar. O

³⁴ CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011.

³⁵ “(…) we need to be careful not use too broad a definition of participation that incorporates all types of social practice.” Idem, pág.69

³⁶ “Through the media sphere, citizens can use their generative powers to become part of the societal decision-making processes, or to resist them.” Idem, pág.147

³⁷ “But, again, resistance always remains a possibility, and many different voices can be heard through the channels of alternative media (...). Even within the mainstream media, non-elite and non-hegemonic voices do manage to sneak in, and generate interventions in public debate.” Ibidem

contrário, por sua vez, implicaria uma posição de 'fraqueza' e passividade. Tudo isto determinaria uma espécie de pré-estrutura do papel que cada um poderia tomar perante as tomadas de decisão sociais, podendo permitir ou limitar ainda mais o acesso e participação que a elas seria concedido.

A identidade das massas ou de audiências de menor escala ia-se firmando conforme se permitiam justapor a entidades de maior peso e credibilidade, tais como profissionais mediáticos, celebridades ou políticos elitistas³⁸.

Essa tensão iminente entre a participação e o poder representativo foi exaltada pela cultura mediática e, como será estudado nos próximos capítulos, esteve fortemente associada à evolução da arquitetura - dada a forte relação de interdependência entre as duas matérias - principalmente quando aborda conceitos de autorrepresentação e autogestão, vindo a aproximar a disciplina de uma lógica democrática³⁹.

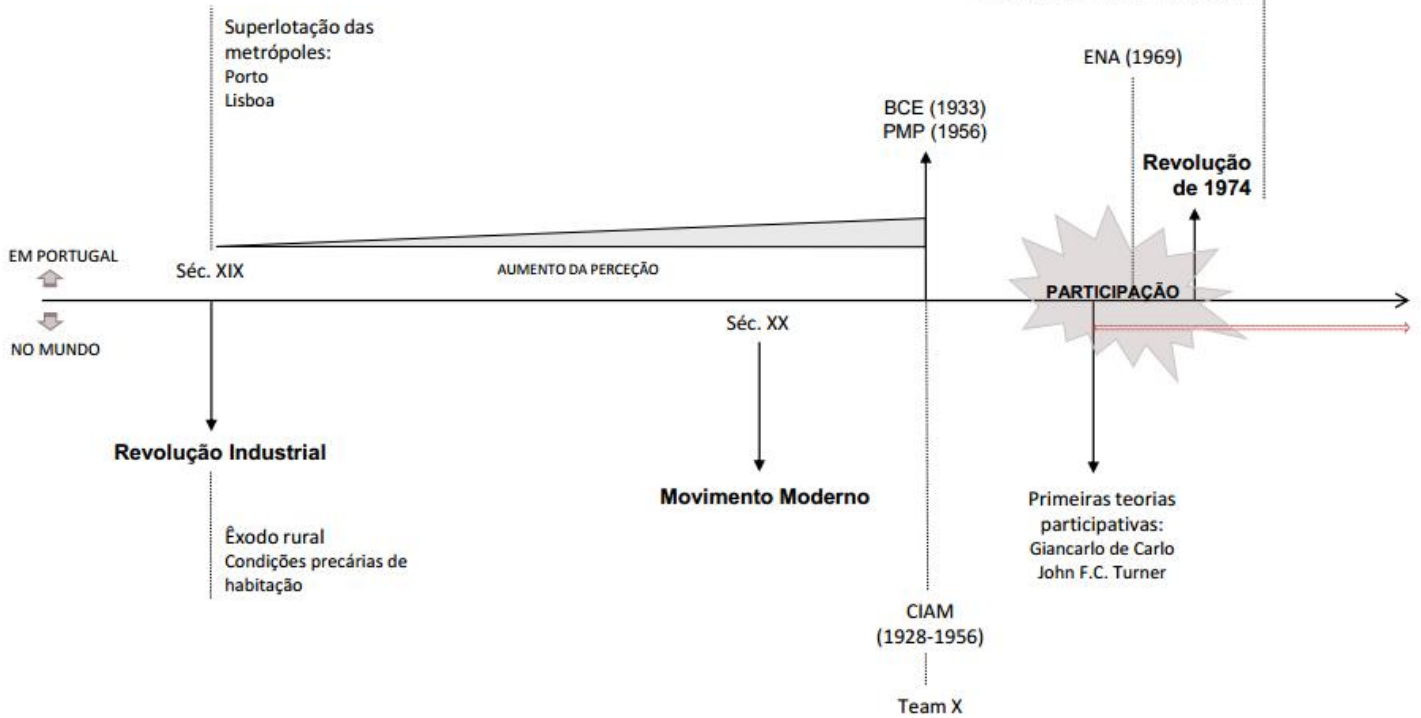
³⁸ CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011.

³⁹ Idem

2 | Arquitetura e Participação

“Men are suddenly nomadic gatherers of knowledge, nomadic as never before, informed as never before, free from fragmentary specialism as never before – but also involved in the total social process as never before”

McLuhan, 1964



Esquema síntese capítulo 2

Fotografia: Manifestação contra a Lei das Ocupações, Porto, 1975 (Col. Alves Costa)

A arquitetura é muitas vezes entendida como uma 'arma' usada pelos detentores do poder para seduzir, impressionar ou mesmo intimidar. Só quando passa a ser percebida como uma expressão de valores e de responsabilidades, é capaz de lidar de forma mais correta com situações reais, servindo a comunidade e melhorando a sua qualidade de vida.

Foi no decorrer da década de sessenta e inícios de setenta, no despertar de novas circunstâncias sociais e políticas, que se teceram várias teorias em torno do conceito de participação na Arquitetura, acreditando que este seria capaz de desempenhar um papel relevante para o desenvolvimento da sociedade.

A crise que afetou as ideologias e princípios da Arquitetura Moderna já se arrastava há várias décadas. Refém das suas próprias limitações, a resposta entregue pelos arquitetos revelava-se inadequada perante os problemas da população, dando origem a uma nova corrente de pensamento. Consequentemente, deu-se uma transformação que se revelou abrangente - envolvia um compromisso social acrescido - capaz de quebrar os estereótipos socioculturais e económicos que vinham sendo aplicados até então. No foco do debate emergiam temas associados às ciências sociais - que nesta altura ocupavam lugar de destaque - baseados na consciência crítica de que o caminho a seguir passava por uma via alternativa ao autocratismo que fundamentava a criação arquitetónica, buscando relações mais próximas e humanizadas entre a arquitetura, o cliente e a encomenda.⁴⁰

⁴⁰ BANDEIRINHA, José António. *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

Vários foram os processos reivindicativos que exaltaram a sublevação contra a superficialidade técnica na base do sistema produtivo vigente. O método tradicional capitalista conheceu uma alternativa quando novas referências surgiam, da psicologia às ciências económicas. Lutava-se por um novo “(...) impulso metodológico, mais consciente, mais rigoroso em relação às especificidades socioculturais dos destinatários da Arquitetura, (...) esquecidas ou ignoradas durante todo o decurso da saga modernista. No fundo, (...) numa tentativa, efervescente de esperança, de superar os impasses de formalização de que nos falava Tafuri”⁴¹.

Como consequência de diversos movimentos sociais em prol de melhores condições de habitação e de vida, novas potencialidades são geradas, no sentido em que a arquitetura se torna um território expandido e organizado tendo em consideração outras áreas de conhecimento que lhe acrescentam. É desta forma que, aos poucos, com interferências mais ou menos pontuais, se veem dissipadas determinadas limitações da disciplina, enquanto esta vê alargada a sua capacidade e vontade de interferência social e política.

“A ideia de uma participação mais ativa dos destinatários da Arquitetura surgia, pela via das ciências sociais, como uma forma de conferir maior base de credibilidade à disciplina, alargando a sua capacidade de interferência social, tradicionalmente limitada ao papel de resposta às encomendas de poder”⁴².

No subcapítulo seguinte serão referidas algumas das personalidades que tiveram maior influência neste processo de renovação da arquitetura - pelos ideais, pela procura de alternativas – contextualizando o surgimento da participação enquanto elemento gerador de uma nova disciplina de intervenção.

É o caso de arquitetos como Giancarlo de Carlo e John F. C. Turner que assumiram uma postura que nega as antigas convenções sociais, promovendo novas metodologias de trabalho bem como a atuação sob uma nova dimensão arquitetónica.

⁴¹ BANDEIRINHA, José António. *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011, pág.23

⁴² Idem, pág.30

2.1. Teorias participativas

A história é o ponto de partida para toda a arquitetura, todos os grandes desenvolvimentos das cidades, todas as grandes criações, vêm enquanto consequência de uma necessidade maior. Como afirmado por André Tavares, a arquitetura não é senão o suprimento de necessidades e expectativas, fazendo do arquiteto aquele que resolve problemas⁴³. Deste modo, grande parte do seu trabalho consiste em encontrar a questão correta à qual deve responder, pois de nada serve encontrar a resposta certa à pergunta errada.

O século XIX representou uma forte transformação na forma de viver, decorrente do progresso tecnológico e científico, que acarretou a alteração dos métodos de produção. A Revolução Industrial foi responsável por diversos movimentos populacionais. A pobreza extrema levava as populações dos campos às cidades, em busca de novas oportunidades de vida e postos de trabalho, sujeitando-se a sobreviver em condições precárias de habitação.

Enquadramento
histórico
Século XIX

A cidade industrial veio, portanto, agravar o problema habitacional, resultante das condições precárias de alojamento e de vida que foram sendo impostas à população. O êxodo rural colocou a cidade - e o próprio imigrante, 'corruptor da pureza racial' - numa posição ameaçadora para a ordem e harmonia social que acreditavam existir, fazendo deles os dois maiores 'temores contemporâneos'⁴⁴ e levando à necessidade urgente de repensar o seu planeamento.

"Agora a cidade grande suga o campo até ao osso, insaciável e incessantemente reclamando e devorando novos fluxos humanos, até exaurir-se e morrer em meio a um desperdício de território quase inabitado"⁴⁵.

A debilidade estrutural das cidades levou à sua superlotação, fazendo da questão habitacional um problema central. As pessoas que corriam para as cidades em busca de novas oportunidades, viam-se sujeitas a condições miseráveis de sobrevivência que,

⁴³ André Tavares citado em SAYEJ, Nadja. *Bricks and Mortar: 5 ways creative leaders can learn from architects*. Forbes, 27 de setembro de 2016. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/berlinschoolofcreativeleadership/2016/09/27/bricks-and-mortar-5-ways-creative-leaders-can-learn-from-architects/#1d4b522171ca>> acesso em 10 de maio de 2018

⁴⁴ HALL, Peter, *Cidades do Amanhã*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995

⁴⁵ Oswald Spengler citado em HALL, Peter, *Cidades do Amanhã*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, Pág,37

devido à incapacidade financeira, eram obrigadas a aceitar. O estado era de pobreza extrema: “Os distritos de Nova York ocupados por prédios de habitação coletiva são lugares onde milhares de pessoas vivem no mais ínfimo dos espaços onde é possível a seres humanos subsistirem – amontoados em quartos escuros e mal ventilados, em muitos dos quais a luz do sol nunca entra, e que, na sua maioria, não conhecem o ar fresco. São focos de doença, pobreza, vício e crime”⁴⁶.

No entanto, o problema não se restringia à habitação, ou sequer à população, também ela vista como uma ameaça; a própria cidade era já vista como um “parasita instalado no corpo da nação”⁴⁷, como refere Peter Hall, “o problema era a própria cidade – gigante. A percepção dele viu-a como fonte de múltiplos males sociais, possível declínio biológico e insurreição política em potencial”⁴⁸.

Essa percepção das desigualdades sociais e consequentes males vinha sendo facilitada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. A desorganização e desestruturação social tornou-se, ao longo do século XX, demasiado evidente. Já não se tratava do bairro, da cidade, ou sequer do país, a situação havia atingido uma escala mundial. É neste momento, em que o problema começa a fazer-se sentir e a afetar não só as classes mais desfavorecidas, mas de igual modo a própria burguesia, que se percebe a real necessidade de procurar uma solução.

Movimento
Moderno

O Movimento Moderno, enquanto momento de rutura com movimentos antecessores, gerador de críticas e paradoxos, pôs em causa o papel do arquiteto na sociedade e do usuário na arquitetura. “Le Corbusier identificou na própria existência da media impressa uma mudança concetual importante em relação à função da cultura e à percepção do mundo exterior pelo indivíduo moderno”⁴⁹. No século XX, o panorama esteve, portanto, marcado pela busca de novas formas de expressão, novos códigos, novas ideologias e valores sociais.

CIAM

Os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna - CIAM – puseram em destaque o debate de ideais modernistas, ampliando os conceitos e caminhos ligados

⁴⁶ HALL, Peter, *Cidades do Amanhã*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995, pág.43

⁴⁷ Idem pág.38

⁴⁸ Idem pág.47

⁴⁹ “Le corbusier identified in the very existence of the printed media an important conceptual shift regarding the function of culture and the perception of the exterior world by the modern individual.” Em COLOMINA, Beatriz, *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*. Londres: MIT Press. 1998. Pág.160.

ao destino da arquitetura, em reuniões cujos campos de atuação dos protagonistas divergiam, permitindo-lhes trazer à discussão diferentes abordagens, pontos de vista e contextos sociais, conscientes da existência de um problema urbanístico a solucionar.

O papel dos primeiros CIAM, apesar de fundamental no levantamento de temas importantes para o avanço do debate sobre o papel social da arquitetura, acabou por se perder nos seus próprios fundamentos, no sentido em que, como defendido por Montaner, tendeu para a abstração na estruturação dos seus valores, impedindo a resolução eficaz dos problemas da sociedade, e acabando por mantê-la distante dos seus utilizadores⁵⁰. Assim, na base da prática arquitetónica de princípio participativo da década de setenta, reside precisamente o reconhecimento da diversidade cultural, que se contrapõe - e leva a declínio - os princípios de universalidade promovidos pelo Movimento Moderno.⁵¹

Nos últimos encontros dos CIAM, o debate fazia-se em direção a um campo crítico que já não acreditava no funcionalismo Moderno, ou na resposta racionalista enquanto solução para os problemas de uma sociedade afetada pelo período de guerra e outros recentes desenvolvimentos. O Team X foi significativo no momento em que adotou um olhar mais sensível perante os utilizadores e o meio urbano. Foi nesta fase que se verificou o desejo por uma “prática situacionista da arquitetura, a qual como todas as outras práticas artísticas, deveria perder o seu carácter alienado do quotidiano.”⁵²

Team X

Neste momento os discursos centram-se numa arquitetura focada na realidade do contexto em que se insere, interventiva do ponto de vista social, e não mais apenas centrada na “tentativa ‘tateante’ e ‘intuitiva’ do desenho”⁵³ ou de conceitos totalmente abstratos. A organização passa a atender padrões sociais, em prol da melhoria do ambiente construído, bem como da situação dos que nele residem.

⁵⁰ Montaner citado em ALVES, João Carlos Teixeira, *Arquitetura de intervenção*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2014

⁵¹ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011

⁵² Idem, pág.31

⁵³ Idem, pág.23

“(...) morar era mais que possuir uma casa, era pertencer a um lugar, apropriar-se do lugar como parte da cidade. Aprender o lugar e pertencer era entendido como uma necessidade básica emocional.”⁵⁴

O arquiteto moderno, por sua vez, via-se obrigado a uma rápida adaptação, assistindo ao nascimento de uma nova forma de olhar para o cliente, que agora exige entendimento e racionalidade para acompanhar as suas complexidades, impondo-lhe responsabilidades que ultrapassam a zona de conforto em que se via inserido até então.

2.1.1. Giancarlo de Carlo

Membro do Team X, Giancarlo de Carlo⁵⁵ foi um dos pioneiros na criação de processos de trabalho que previam a inclusão do usuário como forma de dar respostas às inquietações sociais e políticas da época, tendo-se tornado uma referência no que respeita ao processo participativo na arquitetura.

De Carlo mantinha uma posição adversa em relação a algumas das vertentes de alinhamento dos CIAM, criticando a abstração das suas propostas, o raciocínio desatento ao ambiente particular de cada comunidade, a busca de um estilo moderno universal centrado em modelos e formas estilísticas. A sua intenção passava, fundamentalmente, pelo afastamento do funcionalismo e da rigidez científica, aproximando-se, pelo contrário, de uma arquitetura mais humanista, associada aos conceitos do Movimento Internacional Situacionista, atribuindo-lhe uma hierarquia de relações humanas, em permanente confronto com as vivências da sua comunidade, numa prática de integração perante os problemas do espaço urbano e habitação que a cada dia se tornavam mais evidentes.

Para este autor, era de suma importância reverter o panorama hierárquico em que o Poder se sobrepunha aos valores e à ética. Do mesmo modo, o compromisso

⁵⁴ “Arquitetura Participativa” na visão de Giancarlo de Carlo baseado em BARONE, Ana Cláudia. *Team 10, arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002 e PRONSATO, Sylvia A. Dobry. *Projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: FAUUSP, 2002.

⁵⁵ Giancarlo De Carlo (1919-2005): arquiteto italiano, membro do Team X, referência no discurso sobre a participação na arquitetura. Editor do Jornal ‘Spazio e Società’; fundador/educador do ILAUD (International Laboratory of Architecture and Urban Design).

social era mais difícil face aos interesses dos promotores imobiliários, cujo foco residia única e exclusivamente nas suas margens de lucro⁵⁶. Perante este panorama de urgência, muitos foram os arquitetos que se viram encurralados pelos meios tradicionais associados à prática da arquitetura, que se haviam tornado nesta altura tão ineficazes - incapazes de fornecer qualquer solução credível. A complexidade de um mundo bipolarizado entre os extremos capitalista e socialista, impunha o desenvolvimento de novas competências, e obrigava o arquiteto a uma flexibilidade à qual não estava de todo acostumado; fê-lo expor-se e renovar-se, renovando consigo toda a disciplina.

Depois de um longo período de resistência por parte das escolas de arquitetura, durante tanto tempo dominadas por um corpo docente conservador, finalmente se faziam ouvir os anseios dos estudantes na demanda por uma transformação radical na organização do ensino. A partir da aceitação generalizada que veio com a consciencialização das comunidades, o conflito e o medo dos novos ideais foi sendo regenerado, representando o ponto crucial de viragem das rotinas anteriormente admitidas. De Carlo, por sua vez, considera que o movimento de revolta estudantil de Maio de 68, representou “não só um culminar necessário para a crise na educação da arquitetura, mas também um reflexo das mais profundas e significativas disfunções da prática e da teoria arquitetónica – servindo esta última, muitas vezes, para mistificar a verdadeira rede de poder e exploração que permeia toda a sociedade.”⁵⁷

Esta aproximação de carácter experimental teve resultados arrojados, muitas vezes utópicos,⁵⁸ no sentido em que, como expõe De Carlo, qualquer que seja o papel e importância atribuída ao arquiteto em diferentes épocas da história, ele acaba sempre por estar sujeito à visão daqueles que se encontram no Poder, na medida em que depende da sua égide, quer financeira, quer autoritária, para qualquer tipo de ação. O Movimento Moderno representou uma oportunidade única para a renovação cultural da arquitetura; no entanto, levanta-se a questão da sua credibilidade, no sentido da

⁵⁶ BANDEIRINHA, José António. *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

⁵⁷ “(...) not only a necessary culmination of the crisis in architectural education, but also a reflection of the deeper and more significant dysfunctions of architectural practice and theory - the latter often serving to mystify the true network of power and exploitation permeating the entire society” em FRAMPTON, Kenneth, *Modern architecture: a critical history*, London: Thames and Hudson Ltd, 1985, pág.279

⁵⁸ ALVES, João Carlos Teixeira, *Arquitetura de intervenção*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2014, pág. 63

capacidade de ter um público; importa assim saber “qual o público alvo da arquitetura”⁵⁹.

Em *Architecture's Public*, De Carlo aborda a arquitetura Moderna sob um ponto de vista crítico, pela ação dirigida às classes dominantes, ignorando a opinião daqueles que de facto usufruíam dos espaços. Criticava a inércia do arquiteto por nunca ultrapassar estes limites, por nunca procurar colocar-se do lado oposto, por continuar a ignorar o campo social e económico daqueles que não partilhavam do Poder e da riqueza – “É verdade que alguns ‘heróis’ tiveram intenções e chegaram mesmo a produzir obras para além desses limites, mas sempre reclinando-se sobre as suas posições de elite, sem nunca as abandonar para se colocarem do outro lado: o lado das pessoas - aquelas que usam e suportam a arquitetura”⁶⁰.

A sua posição reside deste modo, na crença de que a arquitetura Moderna perdeu a sua credibilidade no momento em que escolheu o ‘caminho mais fácil’, colocando-se numa posição confortável de elite, atenta ao cliente, mas não ao usuário. Destaca a relatividade com que encaram os problemas de ‘como’ fazer, sem sequer pensar no ‘porquê’. Usa como referência as atividades subsequentes ao congresso dos CIAM em Frankfurt (Minimum Housing - 1929) e em Hoddesdon (The Heart of the City – 1951) que, com diferentes níveis de comprometimento, afirma, foram importantes no lançamento e aceitação de novas perspetivas de ação. Perante a busca pela forma que melhor expressasse a habitação no conceito que Frankfurt definiu como ‘mínimo existencial’, o autor defende que quando as justificativas são ignoradas, a realidade fica inevitavelmente excluída do processo: “(...) temos o direito de perguntar por que a moradia deve ser tão barata quanto possível e não, por exemplo, bastante cara; por que em vez de fazer todo o tipo de esforço para reduzi-la a mínimos níveis de superfície, de espessura e de materiais, não tratamos de fazê-la espaçosa, protegida, isolada, confortável, bem equipada, rica em oportunidades para a intimidade, a comunicação, o intercâmbio e a criatividade pessoal, etc. Na realidade, ninguém pode ficar satisfeito com uma resposta que apela à escassez de recursos disponíveis, quando todos sabemos quanto se gasta em guerras, na construção de mísseis e sistemas

CIAM II
Frankfurt

⁵⁹ DE CARLO, Giancarlo, “Architecture's Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.6

⁶⁰ “It is true that a few ‘heroes’ had intentions and produced works beyond these limits, but always leaning out of their elite positions, never stepping out to stand on the other side: the side of the people – those who use and bear architecture.” Idem, pág.7

antibalísticos, em projetos lunares, em investigação para a desfoliação de selvas habitadas por guerrilheiros e para a paralisação dos manifestantes que saem dos *ghettos*, na persuasão oculta, na invenção de necessidades artificiais, etc.”⁶¹

De Carlo acredita que o problema foi, logo à partida, mal definido, proporcionando soluções que, ao invés de representarem um benefício para a sociedade, foram, pelo contrário, responsáveis por uma das questões mais sérias não só daquele tempo, mas dos que se seguiram. “Essas propostas tornaram-se casas e bairros, subúrbios e cidades inteiras; manifestações palpáveis de um abuso perpetuado primeiro sobre os pobres, e depois sobre os ‘não-tão-pobres’. Tornaram-se álibis culturais de uma feroz especulação financeira e ineficácia política”.⁶²

Já quanto aos resultados do congresso de Hoddesdon - quando os CIAM estavam já num estágio bem menos funcionalista do que aquando da realização do segundo congresso - De Carlo considera uma situação ainda mais frustrante, ou como o próprio intitula, ‘menos inteligente’. Uma vez mais, desta vez sob um ideal liberal e não apenas materialista⁶³, a realidade era desprezada, as soluções superficiais, baseadas em conceitos que de novo nada tinham. Na tentativa, em sua opinião, extremamente fracassada e sem fundamento real, de devolver à cidade oportunidades de comunicação, escolha e emoções que havia perdido pela sua própria sugestão de zoneamento funcional, “o centro foi reservado para as casas dos ricos, para as atividades económicas mais lucrativas, para a burocracia e a política. Excluídos para os subúrbios nas suas habitações ‘mínimas’, os pobres foram ‘cortados’ da vida real da cidade”⁶⁴.

CIAM VIII
Hoddesdon

⁶¹ “(...) we have the right to ask ‘why’ housing should be as cheap as possible and not, for example, rather expensive: ‘why’ instead of making every effort to reduce it to minimum levels of floor area, space, of thicknesses, of materials, etc, we should not try to make dwellings spacious, protected, insulated, comfortable, well-equipped, rich in opportunities for privacy, communication, exchange, personal creativity, etc. Nobody can be satisfied with an answer that appeals to the scarcity of available resources when we know how much is spent on wars, missiles and anti-missile systems, on moon projects, on research to defoliate forests inhabited by partisans or to paralyze demonstrators emerging from ghettos, on hidden persuasion, on inventing artificial needs, etc.” em DE CARLO, Giancarlo, “Architecture’s Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.9

⁶² “(...) those proposals have become houses and neighborhoods and suburbs and then entire cities, palpable manifestations of an abuse perpetrated first on the poor, and then on the not-so-poor. The proposals became cultural alibis for the most ferocious economic speculation and the most obtuse political inefficiency”. Ibidem

⁶³ FRAMPTON, Kenneth, *Modern architecture: a critical history*, London: Thames and Hudson Ltd, 1985.

⁶⁴ “The center was reserved for the houses of the rich, for the most profitable economic activities, for bureaucracy and politics. Excluded to the edge in their minimum housing, the poor were cut off from the real life of the city” em DE CARLO, Giancarlo, “Architecture’s Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.11

Partindo destes dois exemplos retirados dos CIAM, Giancarlo de Carlo é capaz de identificar alguns dos princípios que admite como essenciais no desenvolvimento da crise de credibilidade que atingiu o campo da arquitetura. A precariedade no que respeita ao domínio prático da disciplina, tanto em termos de planeamento quanto de construção, é um dos aspetos sobre o qual recai a sua crítica, uma vez que, se não acompanhar a evolução dos tempos e respetivas tecnologias, quer de informação quer de construção ou comunicação, a arquitetura nunca será capaz de cumprir a demanda do seu público, ou sequer de entendê-la. Por sua vez, relacionada com esta falta de entendimento, refere a falta de orientação das escolas; face ao alvoroço causado pela revolta dos seus estudantes e conseqüente crise, não conseguiu produzir soluções significativas. No campo ideológico, por sua vez, a desordem tendia a aumentar – os ideias não eram claros e as opiniões eram divergentes. Criticava ainda a postura dos media, por assumirem uma posição contraproducente, divulgando a arquitetura fora do seu contexto real, afastando-a do utilizador, criando a imagem de uma arquitetura, imaculada e ‘não usável’.

De Carlo questiona: “Por que deveria a arquitetura ter credibilidade? (...) Os arquitetos discutem futilidades e perdem-se no vácuo de uma tranquilizadora falta de compromisso”⁶⁵. No entanto, acrescenta que a arquitetura, apesar de todas as adversidades, é indispensável; pode ser regenerada, optando por colocar-se do lado dos que eram excluídos pela estrutura de Poder, ao invés de apenas seguir as diretrizes do cliente. Este seria, na sua opinião, o passo indispensável para quebrar as fronteiras existentes entre as atividades humanas e a forma fundamentalmente burocrática e tecnológica como era encarada a habitação social, diluindo as fronteiras entre usuários e arquitetos.

“A transformação, em outras palavras, deve coincidir com a subversão da condição presente, onde ser arquiteto é o resultado de um poder delegado de forma repressiva, e a classificação ‘arquitetura’ é o resultado de uma referência a códigos de classe que legitimam apenas a exceção, com uma ênfase proporcional ao grau em que ela se afasta do seu contexto”⁶⁶.

⁶⁵ DE CARLO, Giancarlo, “Architecture’s Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.13

⁶⁶ “The metamorphosis, in other words, must coincide with the subversion of the present condition, where to be an architect is the result of power delegated in a repressive fashion, and to be architecture is the result of a reference

Ciente da impossibilidade de uma renovação rápida e eficiente da arquitetura, sem implicações maiores na estrutura geral da sociedade, acreditava que essas transformações eram portas que se abriam para que se pudessem renovar as superestruturas, devendo a arquitetura fazer uso da vantagem que tem sobre outras disciplinas, no sentido em que é capaz de produzir imagens concretas sobre possibilidades ainda não executadas. “Portanto, não podemos simplesmente sentar passivamente sob proteção da arquitetura ‘como ela existe’, esperando que o renascimento social gere a arquitetura ‘como ela será’ automaticamente”⁶⁷.

O método proposto por Giancarlo de Carlo admite que todos os processos arquitetônicos e papéis dos respectivos intervenientes deviam ser reformulados, sendo esta a única forma de restaurar a legitimidade que se fora perdendo ao longo dos anos. Este princípio era, a esta altura, algo sem precedentes, pelo que não havia um itinerário ou um objetivo previsto, mas antes um vasto leque de possibilidades por explorar.

Põe em evidência a enorme diferença existente entre trabalhar para o cliente ou com o cliente, clarificando que a mudança deve residir precisamente na inclusão do usuário no processo, enriquecendo o campo processual com variáveis complexas que só eles, com a experimentação e vivência contínua são capazes de avaliar à partida - “o rigor do método científico corresponde à identificação das necessidades reais dos utilizadores. No entanto, identificar essas necessidades não significa fazer um planeamento ‘para’ eles, mas ‘com’ eles”.⁶⁸

De Carlo considera indispensável o entendimento de que esta nova abordagem é libertadora no sentido em que não mais se prende ao autoritarismo das decisões fixas e externas. É aberta ao consenso permanente, tornando o processo extensível a toda a vida útil do objeto arquitetónico, permitindo-lhe sofrer as alterações necessárias, estimulando à participação contínua daquele que é o utilizador da arquitetura. Este, por sua vez, deve também adaptar-se às novas responsabilidades que lhe são atribuídas, numa atitude de constante reciprocidade e democracia. Este seria o

to class codes which legitimate only the exception, with an emphasis proportional to the degree to which it is cut off from its context.” Em DE CARLO, Giancarlo, “Architecture’s Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.13

⁶⁷ “Therefore, we cannot just sit passively in the cave of architecture as-it-exists, waiting for social rebirth to generate architecture as-it-will-be automatically.” Idem, pág.14

⁶⁸ “(...) the rigor of scientific method corresponds to an identification of users’ real needs. But identifying with the users’ needs does not mean planning ‘for’ them, but planning ‘with’ them” Idem, pág.15

panorama ideal que acreditava fazer frente às circunstâncias nem sempre favoráveis que advêm da mudança dos tempos, da política e das mentalidades – da sociedade como um todo. Uma vez que as pessoas estariam envolvidas em todo o processo, mesmo aquele que decorre depois da construção propriamente dita, este seria uma representação fiel dos seus interesses e teriam razões para o defender e melhorar, evitando fracassos como tantos outros já assistidos.

Deste modo, evitando os princípios autoritários na base dos anteriores processos, De Carlo sugeriu o seguimento de três fases que, não apenas de um modo sequencial, mas cíclico, possibilitavam o nascimento de novas relações dependendo da forma como eram encaradas. Seriam elas: descoberta das necessidades (identificação do problema); formulação de hipóteses; e por fim a sua implementação.

A sua teoria pretendia, portanto, rever os valores que sustentavam quer o papel social do arquiteto quer o do usuário, que passaram a apoiar-se mutuamente, subvertendo as bases autoritárias da prática. A primeira fase deste ciclo pode ser encarada como uma espécie de diagnóstico; pretendia um balanceamento entre a recolha de informação e a capacidade de crítica, expondo o sistema de valores imposto. Assim, fazia uso do conhecimento de causa do utilizador, através da sua participação ativa num processo pluralístico e inclusivo, que questionava o sistema tradicional numa atitude provocatória de conhecimento e expressão dos direitos daqueles que eram, por defeito, ignorados; grupos cujo *status* socioeconómico era inferior.

Seguia-se o traçar de alternativas que, em oposição ao sistema de planeamento autoritário e racional, se iam configurando no desenvolver do processo propriamente dito, baseado na constante interação entre a realidade e a representação, perseguindo uma condição de equilíbrio por entre as incertezas e instabilidades trazidas pela condição de mobilidade inerente ao processo. “A função do planeamento não é bloquear uma interpretação mais profunda da realidade de forma permanente e imóvel, mas, pelo contrário, abrir um processo dialético em que a realidade se expande continuamente, solicitada por imagens, que se diversificam cada vez mais através de

novas expansões da realidade”⁶⁹. Opunha-se ao planeamento que impunha soluções à partida, na defesa de um que, por sua vez, visava a participação social.

Essa participação colocava o utilizador numa posição de destaque no decorrer da elaboração do projeto, na formulação sucessiva de hipóteses, não só durante a fase processual, mas também na fase de construção e uso, quando é gerada uma nova linha de desenvolvimento. O público ganhava espaço para aceder e interagir com órgãos hierarquicamente superiores, mas nem sempre no sentido global do termo participação, dado que o envolvimento por vezes findava quando se chegava à dinâmica de poder.

De Carlo destaca a relação de interdependência que nasce nesta terceira fase do processo, relativa ao usuário e ao objeto arquitetónico, uma vez que várias formas de apropriação passam a ser válidas. Neste sentido, não apenas o espaço molda a atividade diária do utilizador, bem como as suas sensações, mas também o espaço é transformado, adaptando-se às necessidades e à realidade prática daquele que o frequenta.

Várias vozes se levantaram para discordar da aparente desordem que este movimento geraria, por parte daqueles que acreditavam numa arquitetura que impunha os seus próprios valores nas relações com a natureza ou a história, sem necessitar deste terceiro fator tão irregular e sobretudo imprevisível que é o Homem. Não obstante, defende De Carlo, “o propósito deste processo reside na sua 'plenitude' - em todo o conjunto de relações estabelecidas com aqueles para os quais é projetado. Seguindo o movimento desses relacionamentos, o processo continua a modificar-se e a ser modificado pelo usuário; integrando-se assim com a natureza e produzindo história, tornando-se através do uso que é feito dele, parte da natureza e da história”⁷⁰.

Para este autor, é este fenómeno vulgarmente denominado de ‘desordem’ – participação - a chave para a formulação de um novo conceito de arquitetura, este sim capaz de prover a disciplina de uma nova flexibilidade e crescimento até então não

⁶⁹ “The function of planning is not to block further interpretation of reality with a permanent and immobile form but, on the contrary, to open up a dialectical process in which reality expands continuously, solicited by images, which in turn become increasingly diversified through new expansions of reality.” Em DE CARLO, Giancarlo, “Architecture’s Public”. Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005, pág.18

⁷⁰ Idem, pág. 21

admitidos – até suprimidos - pela rigidez da sua estrutura organizativa e prática institucional.

2.1.2. John Turner

Outro autor que importa referir no que respeita ao debate internacional é John F. C. Turner⁷¹ - segundo José António Bandeirinha, a “personagem mais consequente, sob o ponto de vista da exaltação teórica das diversas práticas habitacionais de raiz informal”⁷².

Tendo atuado sobretudo na América Latina, deparou-se, entre os anos 50 e 60, num período de forte migração e expansão demográfica, com uma população que ambicionava e, acima de tudo, precisava, conquistar melhores condições de vida e de mobilidade social. No entanto, as fraquezas eram evidentes nas relações entre o povo e o poder político, gerando uma distribuição desigual da riqueza e impossibilitando os cidadãos de colocar a habitação como uma das suas prioridades de vida.

Apesar de ciente do desinteresse do Estado perante toda a precariedade, dado o seu estatuto de “encarnação administrativa e jurisprudente de uma dominação de classe”, Turner persiste em afirmar a casa como uma afirmação do Homem no espaço, tornando-se “menos o *master builder* e mais o agente de um novo tipo de sociedade fundada numa cidadania participativa mas também marcada por um enorme romantismo quer nos seus objetivos quer nas suas possibilidades, considerando que se manifesta no contexto impossível de uma sociedade capitalista de acumulação primitiva”⁷³.

Nas teorias e na ação de Turner é evidente o seu inconformismo perante as injustiças sociais que representavam os preceitos políticos da época, que leva à

⁷¹ John F. C. Turner (nascimento 1927): arquiteto britânico, referência no discurso sobre habitação. Baseou o seu estudo sobretudo em países em desenvolvimento, escrevendo sobre a participação, o uso do poder e o papel do arquiteto. Autor, entre outras obras, dos livros *Freedom to Build: Dweller Control of the Housing Process* (New York: Macmillan, 1972) e *Housing by People: Towards Autonomy in Building Environments, Ideas in progress* (London: Marion Boyars, 1976).

⁷² BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011, pág. 44

⁷³ SANTOS, Tânia, *Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John F. C. Turner*, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014, pág.111

colocação de questões que relacionavam o campo arquitetônico ao das ciências sociais, reagindo à noção de Arquitetura enquanto mera resposta a encomendas institucionais, focadas exclusivamente no capital, representativas da opressão e exploração.

Grande parte da sua influência foi consequente de princípios que veio acrescentar ao conceito de *housing*, de que é exemplo o princípio de autogestão. Considerava fundamental o trabalho sobre bases sólidas de comunicação entre todos os envolvidos, para que os erros que vinham sendo observados anteriormente, exemplos claros da desconsideração pelo habitante, não se viessem a repetir.

Conceito de
'housing'

Turner, por sua vez, via nos arranjos informais e ilegais - representativos de uma desobediência ao poder - “a triunfante revelação da autoajuda e das capacidades da realização popular, sem o estorvo e o incômodo das tutelas governamentais ou institucionais”⁷⁴. Acreditava que essa compreensão seria uma lição a ser adotada não só pelos países subdesenvolvidos, mas, igualmente, uma ferramenta útil em países mais ricos, “tradicionalmente fornecedores de *know how* ‘técnico’ aos países pobres”⁷⁵.

Essa subversão vinha apontar uma mudança que começava pela alteração de comportamento do próprio arquiteto, pelo que “procuraria nunca ceder ao uso da supremacia que a sua qualificação técnica e profissional lhe sugeria”⁷⁶; assim, permitia que as populações descobrissem e usassem a capacidade que tinham para gerir os seus próprios problemas habitacionais, para que não continuassem a ser disfarçados pelos responsáveis do Estado, sem nunca lhes atribuir uma verdadeira solução. Turner considerava vantajosa esta subversão, acreditando que poderia ser “ponto de partida para outras libertações”. Essa convicção era fundamentada “(...) pelo envolvimento prático com populações que, recém-chegadas à cidade, ocupavam os espaços vitais com a argúcia e a espontaneidade que lhes eram dadas pelo sentido comunitário e tribal que ainda traziam dos espaços de origem”⁷⁷.

⁷⁴ BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011, pág. 45

⁷⁵ Ibidem

⁷⁶ Ibidem

⁷⁷ Idem pág. 46

Turner considerava possível contornar a rigidez dos modelos habitacionais de promoção pública, propondo um processo em que o envolvimento da população acontecia de forma espontânea, permitindo aos futuros moradores “sentidos mais íntimos de transformação e pertença”, bem como autonomia de decisão, fazendo da habitação um objeto maleável às alterações socioeconómicas e temporais.⁷⁸

Tinha ainda como princípio que as tecnologias deviam estar adaptadas ao contexto, no sentido em que “só os moradores, no contexto do seu bairro, da sua localidade, têm a última palavra acerca dos seus próprios recursos e investimentos”⁷⁹; essas decisões deveriam ser suportadas por serviços institucionais, uma vez que “nenhuma habitação pode ser construída e mantida sem um terreno, sem ferramentas e materiais, sem trabalho qualificado (e gerência), e sem um sistema que permita aos usuários obter os recursos que não possuem”⁸⁰.

A casa seria, no seu entender, percebida mediante o papel que desempenha na vida dos seus habitantes, na medida em que o uso molda as suas características físicas. As qualidades materiais da habitação não são consideradas uma prioridade, mas apenas uma das funções do objeto arquitetónico, dependente, como todas as outras, de variáveis humanas que dizem respeito a cada indivíduo, em cada momento, contexto e lugar.⁸¹ Seria, portanto, imperativo o estabelecimento de bases firmes de comunicação, envolvendo as pessoas para que se sentissem estimuladas a fazer parte do processo, ao invés de se sentirem excluídas, exploradas, ou forçadas a ocupar qualquer posição.⁸²

Considera um erro que a habitação seja, tradicionalmente, entendida como um objeto de qualidade estética, por assim se perderem muitos dos conceitos dinâmicos

⁷⁸ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011

⁷⁹ Idem, pág. 47

⁸⁰ “No house can be built and maintained without land, without tools and materials, without skilled labor (and management), and without an exchange system which allows the users to obtain the resources they do not possess themselves.” Em TURNER, John F.C., “Housing as a Verb. Em TURNER, John; FICHTER, Robert, *Freedom to Build*, Nova Iorque, The Macmillan Company, 1972. Pág.154

⁸¹ Idem

⁸² SANTOS, Tânia, *Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John F. C. Turner*, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014.

que pode ter quando entendida enquanto um conjunto de ações, isto é, enquanto um processo em constante transformação.⁸³

O desencontro entre as necessidades dos habitantes e a resposta inflexível e padronizada que as instituições estavam dispostas a atribuir-lhes era, na opinião de Turner, a principal falha das ações de alojamento convencionais⁸⁴. A situação tornava-se ainda mais evidente quando se tratava de governos cujos orçamentos eram extremamente baixos para organização da habitação em massa para a população de baixo rendimento que migrava para as suas cidades: “uma verdadeira correspondência entre a demanda habitacional e a moradia fornecida pelas instituições centrais é politicamente, se não economicamente, impossível em economias de abundância e escassez.”⁸⁵ A solução partiria de encarar o problema a partir da sua base, a partir das pessoas, das suas necessidades e mesmo das suas vontades.

“A influência de Turner é indiscutível, ainda nos dias de hoje, e o seu trabalho escrito pode ser visto como tendo sido o responsável por persuadir inúmeros estudantes, agências, oficiais do governo e profissionais, que as respostas criativas das pessoas no processo informal de alojamento deveriam ser vistas como parte da solução e não como o grande problema urbano como tantos classificam.”⁸⁶

É evidente a concordância entre os discursos de De Carlo e Turner: na afirmação de uma problemática social, na necessidade de a transformar numa solução, e no uso da participação enquanto ferramenta fundamental para alcançar tal objetivo. Defensores desta prática, com espólio teórico e intervenções práticas que a suportam, tornaram-se referências no que respeita ao tema da participação enquanto ferramenta capaz de reverter o panorama hierárquico tradicional e estabelecer maior compromisso social, sob o intuito de restaurar a legitimidade da arquitetura.

Síntese

⁸³ TURNER, John F.C., “Housing as a Verb”. Em TURNER, John; FICHTER Robert, *Freedom to Build*, Nova Iorque, The Macmillan Company, 1972.

⁸⁴ Idem

⁸⁵“(…) a true match between housing demand and housing supplied by central institutions is politically, if not economically, impossible in economies of abundance and scarcity alike.” Idem, pág.169

⁸⁶ SANTOS, Tânia, *Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John F. C. Turner*, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014, pág.131

2.2. Contextualização nacional

Fascismo

“Durante 48 anos de fascismo, a produção do arquiteto esteve inteiramente submetida à vontade da classe dominante”⁸⁷. A situação da habitação em Portugal era, a par de outros países já referidos, de extrema urgência. “É no aspeto residencial onde surge mais nitidamente o verdadeiro rosto da classe dominante e onde se denuncia mais inequivocamente o caráter desumano da exploração capitalista. (...) As ilhas, as barracas de lata e a ganância dos empresários de construção são bem a prova dessa realidade”⁸⁸.

A Revolução Industrial e o problema da habitação

Aquando da Revolução Industrial, metrópoles como o Porto e Lisboa sofreram enchentes de camponeses, atraídos pelas indústrias pioneiras que aí se iam fixando, sob promessas de melhores salários e condições de vida. Este fenómeno viria a provocar profundas alterações nas estruturas organizacionais das cidades.

A cidade do Porto é disso um grande exemplo. “A troca de salários de fome, (os trabalhadores) eram alojados em pocilgas construídas nas proximidades dos locais de labor. Estas pocilgas, propriedades de indústrias e capitalistas, são as célebres ‘ilhas’ que, além de fonte de chorudos lucros constituem verdadeiros ‘guetos’ onde os interessados encurralam os seus escravos”⁸⁹.

Nessas ilhas, camufladas sob as ‘fachadas nobres’ que davam rosto à cidade, eram esquecidas classes desprotegidas e marginalizadas, exploradas de modo desprezível por subalugas e todos os outros que encontravam neles – sem dinheiro e sem entendimento - uma oportunidade de rendimento. O quarteirão representava assim duas realidades de vida bem distintas: a burguesa frente de rua versus a elementaridade da habitação do operário, carente e degradada, disposta no seu interior.⁹⁰

A cidade escondia, no interior dos seus quarteirões, um amontoado de pessoas, barracas, fábricas, lixo, e parecia não ter mais espaço. Não existiam quaisquer indicadores de segurança, conforto ou higiene associados aos espaços de

⁸⁷ BARBOSA, Cassiano. *Os arquitetos portugueses e os seus interesses associativos*. Porto, 1975, pág.10

⁸⁸ Idem, pág.7

⁸⁹ Idem, pág.9

⁹⁰ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011.

sobrevivência de cerca de um quarto da população portuense.⁹¹ “As ilhas já não chegavam para albergar os trabalhadores”.⁹²

Tal situação exigia uma resposta eficaz à demanda dos populares por habitação de baixo custo. “Em 1933, o Estado remete para si todas as responsabilidades relativamente à promoção habitacional através da implementação do ‘Bairros de Casas Económicas’ (BCE), constituindo a ‘solução’ do estado Novo para o problema da habitação”⁹³.

Bairros de casas
económicas

Em 1956, perante a ineficácia da habitação unifamiliar que caracterizava os BCE, surge no Porto um novo programa municipal que explora as unidades de habitação coletiva na resolução dos problemas habitacionais e urbanos: o Plano de Melhoramentos. Ao abrigo deste programa que “previa a construção de 6000 alojamentos num prazo de dez anos, o município do Porto procedeu à construção de (...) um total de 6072 alojamentos”⁹⁴. Assim, nos anos que antecederam a Revolução de 25 de Abril, milhares de pessoas foram sendo alojadas em bairros das periferias. No entanto, se esse realojamento correspondeu a uma melhoria das condições de habitabilidade do fogo, implicou também um desenraizamento e uma marginalização em relação à cidade: “(...) não só porque as pessoas eram compulsivamente transferidas para os bairros sem que lhes fosse facultada a possibilidade de escolha do local que melhor lhes conviesse, como o realojamento se fazia sem ter em conta as comunidades formadas levando à destruição dos laços sociais e afetivos adquiridos ao longo de décadas”⁹⁵.

Plano de
Melhoramentos
do Porto

Na década de 60, o mercado habitacional havia atingido um grande desequilíbrio. Enquanto cerca de 90% da produção de fogos era de iniciativa privada, estima-se que apenas 10% da população tivesse rendimento conciliável com o preço desses andares ou com o custo das rendas.⁹⁶ “Portugal era (...) um país de crescimento irregular,

⁹¹ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

⁹² BARBOSA, Cassiano. *Os arquitetos portugueses e os seus interesses associativos*. Porto, 1975, pág.9

⁹³ MAÇAIRA, Carlos Manuel Teixeira. *Processo SAAL: O contributo para a conceção arquitetónica da habitação social*. Universidade do Minho: Guimarães, Portugal. 2015. Pág.29

⁹⁴ Idem. Pág.39

⁹⁵ Idem. Pág.43

⁹⁶ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985.

envolvido numa guerra colonial e em que o alojamento clandestino se tornara fenómeno urbano emergente”⁹⁷.

Nos anos 70, em Lisboa, crescia o número de situações resolvidas a partir de meios de produção alternativa, de entre as quais a autoconstrução, dando origem a bairros informais com difíceis condições de vida. Estas condições deviam-se tanto a questões de repressão social e política, como de exploração económica e de desorganização urbana, não descurando ainda das questões culturais que se viriam a confrontar.⁹⁸

“Costuma dizer-se que o 25 de Abril começou em 1969”.⁹⁹ Por esta altura, as cidades e as suas populações viviam tempos contraditórios e de grandes mudanças; no entanto, poucos eram os que estavam conscientes desta situação. Os arquitetos, pelo envolvimento social inerente à profissão e, pelo vínculo político inevitavelmente acochado à disciplina, eram uns dos que estavam mais cientes dos problemas da sociedade.

ENA

Foi sob este pretexto, a fim de analisar as estruturas socioeconómicas e políticas do país, no intuito de alertar para a necessidade de uma ação consciente do papel do arquiteto na sociedade, que se realizou, em dezembro de 1969, o Encontro Nacional de Arquitetos (ENA).

Num momento em que teria havido uma espécie de ‘desistência’ da habitação unifamiliar para cada família portuguesa, dada a conjuntura da situação habitacional, “a reivindicação de uma habitação para ‘um maior número’ e a consequente responsabilização social do arquiteto, é o principal motor de reflexão disciplinar lançado pelo Encontro Nacional de Arquitetos de 1969”¹⁰⁰.

Foram três os eventos que, em 1969, contextualizaram os temas discutidos no ENA: o II Congresso Republicano (Aveiro, maio de 1969), o Colóquio sobre Políticas de Habitação (Laboratório Nacional de Engenharia Civil, setembro de 1969) e as

⁹⁷ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010, pág.40

⁹⁸ Idem

⁹⁹ Idem, pág.42

¹⁰⁰ Idem

eleições legislativas (outubro de 1969).¹⁰¹ Havia percepção da gravidade do problema e a discussão sobre a crise habitacional havia por fim sido colocada na ordem do dia.

Cada um destes acontecimentos terá funcionado como “charneira no modo institucional de encarar os problemas de alojamento em Portugal”¹⁰², tanto pelo impacto imediato que resultou da sua realização e das discussões levantadas, quanto pelas consequências que lhes sucederam, reformando as bases do setor habitacional do país.

As propostas colocadas em cima da mesa aproximavam-se das perspetivas mais recentes do debate internacional, anteriormente referidas, na medida em que viam reconhecidos graves problemas sociológicos ou geográficos que advinham das grandes operações de realojamento, vindo nascer o conceito de participação do morador na construção da sua própria casa.¹⁰³

A ação ia, portanto, muito além de uma mera reivindicação de classes. Nuno Teotónio Pereira, personagem relevante no estudo e divulgação das experiências habitacionais que ocorriam no exterior, afirmou: “São exigências postas por toda uma população mal alojada de que nós (arquitetos), por termos disso a consciência mais esclarecida, temos de ser fiéis intérpretes”.¹⁰⁴

Foi no atelier de Teotónio Pereira que se vieram a realizar, no início dos anos 70, reuniões e debates em que os protagonistas pretendiam agilizar o processo de deflagração de movimentos urbanos, semelhantes aos que iam acontecendo nas principais cidades da Europa e da América Latina. Acreditavam que os ensaios referentes a este último caso - “baseados numa infraestruturização de grau zero e interligados com uma construção evolutiva, autopromovida e tecnicamente assistida - podiam ser adaptados em Portugal”.¹⁰⁵

Teotónio Pereira

¹⁰¹ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.44

¹⁰² Ibidem

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ Nuno Teotónio Pereira citado em LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.46

¹⁰⁵ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.54

Integração e diálogo com a envolvente física constituíam o ‘motor da conceção’, mas era na relação com o contexto social e na necessidade de dar resposta a uma carência acima de tudo humana, que residia o ‘estímulo concetual’ desta nova abordagem.¹⁰⁶

Era tida em conta a comunicação com a população para quem trabalhavam. Por uma questão funcional, perante a necessidade urgente de responder à crise habitacional, entendiam que a sua participação era crucial na resolução dos problemas; aliás, fundamental para o entendimento desses mesmos problemas. Era inédita a importância que começara a ser concedida à informação e consequentemente à comunicação. Graças a ela, era possível estar a par do que ia acontecendo noutros países e procurar adaptar tais soluções à situação nacional.

“Em Portugal, a dificuldade verificada antes da Revolução no que diz respeito ao acesso a uma habitação condigna por parte da população mais carenciada, deveu-se à incapacidade do setor público em construir habitações capazes de suprir as necessidades, tanto em quantidade como em qualidade, e ao investimento privado mais direcionado para uma procura com maior poder de compra”¹⁰⁷.

A Revolução - 25
de Abril de 1974

A 25 de Abril de 1974, deu-se o golpe militar que assinalou o fim de 48 anos de regime autoritário e ditatorial. Com a Revolução, na qual os media tiveram grande peso estratégico e político, romperam-se paradigmas e abriram-se caminhos para uma rutura que não foi apenas política, mas acima de tudo sociocultural. Neste sentido, os meios de comunicação atuaram como ‘atores políticos’, tendo experienciado e informado acerca de todas as tensões que se verificavam nas várias vertentes da sociedade.¹⁰⁸

“Ouvir a rádio, ver a televisão ou ler os jornais implicava, durante os anos da revolução, um esforço crítico quotidiano. A massa informativa era impressionante. Todos emitem opiniões, todos decidem. As fronteiras entre o jornalismo e a política

¹⁰⁶ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

¹⁰⁷ MAÇAIRA, Carlos Manuel Teixeira. *Processo SAAL: O contributo para a conceção arquitetónica da habitação social*. Universidade do Minho: Guimarães, Portugal. 2015. Pág.53

¹⁰⁸ AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos Matos; REZOLA, Maria Inácia. *Os meios de comunicação social e o processo revolucionário*. Disponível em <<http://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acometimento/os-meios-de-comunicacao-social-e-processo-revolucionario/>> acesso em 20 de agosto de 2018.

eram praticamente inexistentes”¹⁰⁹. Dadas as pressões partidárias e governamentais, a autonomia dos meios de comunicação esteve efetivamente comprometida durante este período, mas mantiveram-se ativos na proliferação da informação que o público necessitava para se manter a par da sua própria situação.

Este foi um período determinante para os media, no sentido em que podiam finalmente, finda a ditadura, informar em liberdade e incentivar ao debate e à ação.

Procurava-se inverter o panorama de baixos salários e de minimização do investimento em setores sociais, que havia sido imposto pelo regime em curso durante quase meio século; mas foi o problema da habitação que esteve na ordem do dia das reivindicações com as quais os governos provisórios tiveram de lidar com o restabelecimento das condições democráticas em Portugal. “O dramatismo do quotidiano dessas famílias (alojadas em condições extremas de miséria), as intimidades agredidas, os conflitos, a incerteza constante, o temor do despejo, explodiam, imediatamente após a Revolução”¹¹⁰.

Foi com caráter de urgência que foram criadas condições para reformular as políticas existentes, referentes à arquitetura e ao urbanismo. No Porto, como vimos, grande parte da população vivia em Ilhas. Em Lisboa, “a maioria da população (afetada pelo défice habitacional) tinha construído nos arredores das grandes cidades, ‘uma cidade espontânea em extensão, sobre centenas de loteamentos clandestinos’”¹¹¹. O 25 de Abril representara um ponto de viragem nos contextos social, cultural e económico do país.¹¹²

“Após a Revolução sentia-se, nas ruas, nos cafés, nos locais de trabalho, em qualquer lado, um ambiente em transformação, uma nova forma de estar.”¹¹³ Esta alteração de comportamento devia-se sobretudo à consciência que iam tomando da sua liberdade; à consciência que reivindicar melhores condições de trabalho e de vida

¹⁰⁹ AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos Matos; REZOLA, Maria Inácia. *Os meios de comunicação social e o processo revolucionário*. Disponível em <<http://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acontecimento/os-meios-de-comunicacao-social-e-processo-revolucionario/>> acesso em 20 de agosto de 2018

¹¹⁰ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985. Pág.105

¹¹¹ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.58

¹¹² BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011.

¹¹³ Idem. Pág.60

era, não só um direito, como acima de tudo um dever que só a eles pertencia e que, ninguém melhor do que eles, poderia expressar.

O ambiente revolucionário representou, para as classes mais desfavorecidas, a esperança que, bem como a situação política do país, também a sua condição de vida pudesse sofrer alguma mudança em prol da sua melhoria: “tudo podia, devia e ia mudar num ápice”¹¹⁴.

O povo não estava, naquele momento, disposto a grandes esperas; queriam aproveitar a atmosfera para fazer a diferença; queriam usar a liberdade a que tinham, pela primeira vez, sido expostos. Fala-se de liberdade de expressão e de ação – duas armas que podiam ser usadas a seu favor. Tal urgência, disse Alexandre Alves Costa¹¹⁵, só havia antes sido vista no maio de 68.

A população estava ciente do espaço que ganhara na sociedade. Foi essa consciencialização que esteve na base do processo revolucionário. O tempo é de anarquia; “é toda a população mal alojada ou pagando rendas que ultrapassam elevadíssimas taxas de esforço (relação rendimentos familiares/renda) que desce à cidade e estabelece, de imediato, um diálogo, por vezes tenso, com responsáveis e técnicos na procura de alternativas”¹¹⁶. Exigem-se respostas.

As ocupações fizeram, deste modo, parte espontânea das suas demonstrações de revolta; um passo inevitável perante a gravidade do problema da habitação. “Com os exemplos que vinham de fora, não espanta que a ideia das ocupações fervilhasse nas mentes dos ativistas políticos. Afinal, a eles cabe o papel de canalizar as aspirações reais imediatas do povo para servir os seus objetivos estratégicos”¹¹⁷. Ocuparam prédios devolutos, inabitados, tanto construídos como em construção, de particulares a bairros sociais. Não existia regra, senão a luta por um espaço.¹¹⁸

¹¹⁴ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.60

¹¹⁵ Alexandre Alves Costa em ARAÚJO, Sandro. *Paredes Meias* (documentário). MUZZAK / CINEMACTIV em Coprodução com a RTP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=M7ZYok4hTeU>> acesso em 3 de agosto de 2018.

¹¹⁶ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985. Pág.106

¹¹⁷ *As casas que o povo quis*, 25 de abril de 2010. <<https://www.publico.pt/2010/04/25/jornal/as-casas-que-o-povo-quis-19210970>> acesso em 20 de agosto de 2018.

¹¹⁸ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

Durante os anos de fascismo, face ao contexto hostil, não era aparente uma vontade coletiva de associação, que seria de desejar para que os arquitetos conferissem à sua atuação um caráter político e de pretensão democrática.¹¹⁹

Foi quando Nuno Portas assumiu a posição de Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, durante o primeiro governo provisório após a Revolução, que houve a possibilidade de pôr em prática os ideais que partilhava com Teotónio Pereira e que vinham sendo discutidos até então.¹²⁰ Falava-se de direito à habitação. “Mais vale ter uma casa clandestina do que não ter casa nenhuma”¹²¹, este era o princípio.

Nuno Portas

Portas trouxe a Portugal convidados que considerava relevantes na abordagem dos princípios participativos que defendia, entre os quais John Turner, “numa tentativa de corrigir e atualizar as ideias e conclusões que anteriormente já havia formulado”¹²².

Com o poder que adquiriu com o novo cargo, conhecedor das lutas urbanas decorrentes e com inúmeras referências aos modelos internacionais mais progressistas da Europa entre as duas guerras, Portas fundou o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), em agosto de 1974. “O SAAL, criado como sistema alternativo de promoção pública, baseava-se na organização independente de procura social e nas capacidades virtuais de autogestão”¹²³.

SAAL

O SAAL surge como resposta, promovendo a organização de associações de moradores, cooperativas e programas descentralizados que eram capazes de gerenciar operações de habitação. Pretendiam dar apoio a “estratos mais insolventes, mas com organização interna que permitisse o seu imediato envolvimento em autossoluções, com apoio estatal em terreno, infraestruturas, apoio técnico e financiamento”¹²⁴.

A organização era fundamental; a comunicação era a chave. A iniciativa devia partir da população; deviam ser eles a compreender as condições precárias em que

¹¹⁹ BARBOSA, Cassiano, *Os arquitetos portugueses e os seus interesses associativos*. Porto, 1975.

¹²⁰ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

¹²¹ REIS, Sofia Borges Simões dos. *74-76 Arquitetura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2007. Pág.184

¹²² LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.62

¹²³ Idem. Pág.64

¹²⁴ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985. Pág.106

viviam e então ter a vontade de as mudar. Tal estado de autoconhecimento e ordenação permitiria “uma melhoria progressiva, não só das condições habitacionais casa a casa, mas sobretudo das condições urbanísticas do próprio bairro e da sua integração na cidade”¹²⁵.

Via-se nesta nova abordagem vontade de atribuir aos moradores funções que seriam antes entregues a entidades públicas, atribuindo aos bairros um carácter local - desde a elaboração dos projetos à sua construção – com a possibilidade de baixar os custos mantendo a qualidade. “Até o aparecimento deste programa muito raramente alguém tinha perguntado aos moradores de baixa classe social como e onde gostariam de viver. Os bairros sociais, encomendados pelo governo, já estavam terminados antes da atribuição das casas ou antes dos inquilinos entrarem nas instalações que iam habitar”¹²⁶.

Com a transferência de processos administrativos e técnicos de especialistas para utilizadores, haviam sido criadas novas relações na gestão do projeto; havia sido feito o questionamento acerca da posição social do arquiteto. Perante a revolução, a sua função era precisamente levantar questões e ser capaz de entregar respostas, o mais rápido possível. O clima revolucionário auxiliou à inversão de papeis, à integração e envolvimento dos sujeitos, à redefinição da abordagem arquitetónica, bem como de tantas outras inerentes à sociedade e política.

A experiência exigiu processos específicos de comunicação; a capacidade de diálogo e entendimento entre agentes de tão diversificadas áreas profissionais foi constantemente posta à prova. “Expropriações, plano, habitação individual, coletiva, evolutiva, (...) eram expressões ainda há pouco tempo tão distantes do seu vocabulário e agora quotidianas”¹²⁷. Seria espectável que disto resultasse uma aproximação da população aos técnicos/arquitetos e, acima de tudo, da arquitetura a essa mesma população. Ambicionavam-na mais humanizada, mais próxima do seu modo de vida,

¹²⁵ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.121

¹²⁶ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.68

¹²⁷ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985. Pág.110

mais funcional e dinâmica. Aspiravam a identificação das pessoas com as suas casas, com o lugar que habitavam, com o ambiente ao redor.

No entanto, a realidade demonstrou-se, em muitos casos, bem diferente: “(...) a efetiva participação popular no ‘Processo’ constituiu uma emocionante experiência do ponto de vista dos arquitetos empenhados na clarificação metodológica da sua atividade, já que raramente se encontrava um cliente coletivo, utente direto da obra, motivado militantemente para uma contribuição positiva à qualidade do habitat a criar. No entanto, esta participação corre o risco de ser contraproducente, nalguns casos, causando uma maior demora na elaboração do projeto, enquanto noutros vai revelar-se ineficaz, porque (apesar do tempo investido na procura de uma solução de consenso entre arquitetos e clientes) as características finais de muitas das habitações (ao nível dos materiais de acabamento, por exemplo) são rapidamente alteradas pelos próprios moradores, a expensas próprias”¹²⁸.

Tratou-se de uma “experiência inédita em Portugal de diálogo entre a população e a equipa técnica, a partir da qual o arquiteto foi aprendendo e ensaiando”¹²⁹. Este sistema de interação veio, no entanto - por se tratar de uma iniciativa experimental que podia evoluir por tantos e tão diferentes caminhos - a revelar-se um desafio maior e mais complexo do que era espectável, tendo acabado por imprimir uma maior morosidade ao processo. Este, que era um dos seus maiores trunfos, acabaria por se revelar, num constante desequilíbrio entre a “capacidade de prever e a capacidade de agir”¹³⁰, uma das suas maiores fraquezas.¹³¹

“Falar da arquitetura produzida pelo SAAL (...) é, então, falar também de uma prática de projeto envolvida por todas as circunstâncias físicas e emocionais que lhe serviram de fundo”¹³²; é falar do estreitamento dos laços comunicativos entre as partes, nem sempre próspero; é falar de envolvimento não apenas profissional, mas de igual

¹²⁸ FERNANDES, Eduardo. *A Escolha do Porto: contributos para a atualização de uma ideia de Escola*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho; Guimarães, Portugal. 2010. Pág.434

¹²⁹ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985. Pág.68

¹³⁰ BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.255

¹³¹ ARAÚJO, Sandro. *Paredes Meias* (documentário). MUZZAK / CINEMACTIV em Coprodução com a RTP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=M7ZYok4hTeU>> acesso em 3 de agosto de 2018.

¹³² BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.246

modo social. “Foi uma época pautada por um ritmo de quotidiano em permanente alteração, durante a qual se renovavam expectativas e compromissos, valores sociais e culturais, desejos e pontos de vista.”¹³³

O SAAL representou, no contexto português, a inserção de diversos conceitos que, como exposto previamente neste capítulo, já vinham sendo desenvolvidos internacionalmente. Devido às facilidades de troca de informação mundial que vinham sendo viabilizadas através dos meios de comunicação, em especial com o fim do período ditatorial no que respeita a Portugal, a integração global desses conceitos foi possível. Nos anos 70 e 80, via-se na atividade de alguns arquitetos o “afastamento de uma compreensão do fenómeno (arquitetónico) de um ponto de vista construtivo-financeiro” para a “aproximação a uma postura inter-relacional de campos autónomos de conhecimento”¹³⁴, tal como havia sido defendido anteriormente por De Carlo.

No estrangeiro, os centros de investigação procuravam saber o que este processo traria; acompanhavam de perto toda a experiência; faziam publicações; pediam o relato dos intervenientes.¹³⁵ A par e passo tudo ia sendo transmitido lá fora, influenciando tantos outros que, também como os portugueses, sem consciência, viviam muito aquém dos seus direitos.

A cidade idealizada no período pós-revolucionário conduziu à inversão da lógica tecnocrática estatal, através da interação da procura popular e das vanguardas técnicas multidisciplinares. Apesar desta contraversão, as operações levadas a cabo no Porto, são representativas de que a malha urbana e a sua densidade eram respeitadas e consideradas no decorrer do processo. O cumprimento destas condições dependia ainda da composição das brigadas que estavam no comando das operações.¹³⁶ Deviam ser tidas em consideração variáveis como experiência dos coordenadores, relação com os moradores, entusiasmo social e político, ou mesmo local de intervenção.¹³⁷

¹³³ BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.250

¹³⁴ REIS, Sofia Borges Simões dos. *74-76 Arquitetura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2007. Pág.185

¹³⁵ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985.

¹³⁶ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

¹³⁷ BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011.

Muitos eram ainda aqueles que, conservadores, temiam a perda dos benefícios que tinham. Temiam o dinamismo do planeamento urbano, a participação do morador e acima de tudo o conhecimento que lhe estaria a ser concedido. Para estes, interessava contra-argumentar. Estes, lamentavam a “falência dos processos clássicos de planeamento, estáticos, correspondentes a uma imagem fixada da cidade, inerte em relação a todos os fatores que tivessem surgido depois de ‘inquéritos’ que lhe dão origem”.¹³⁸

Por este motivo não é suficiente enquadrar as operações SAAL num contexto de progresso e conquista. É certo que representou esperança – levou a acreditar na “substituição dos interesses fundiários pelo diálogo particularizado com os moradores como ponto de partida para a intervenção”¹³⁹; é certo que propôs uma reforma – “construir para o povo, mas, também, como se vinha fazendo sentir cada vez com mais intensidade desde os anos sessenta, construir com o povo”¹⁴⁰; mas, da mesma forma, “agudizaram-se as contradições entre uma visão progressista, que pressupunha a rutura com o *establishment*, e as tentativas desesperadas de manter o poder, de sedimentar ancestrais conluios de domínio e de submissão, de perpetuar os privilégios no mercado de solos e de rendas urbanas, em condições sociais adversas”¹⁴¹.

Em 1975 surgiam dúvidas de origem política e económica, acusando o programa de “corrupção, de malbaratar dinheiro, de pagar brutalidades às brigadas, sendo inclusivamente objeto de um inquérito no parlamento”¹⁴². Duvidava-se da eficácia de um programa experimental de contornos imprevisíveis na resolução de uma crise que se revelara tão urgente. Dada a correlação das operações SAAL a questões de foro estreitamente político, por as operações dependerem de financiamento estatal, da atuação militante das brigadas e dos arquitetos, “os combates político-partidários

¹³⁸ GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho. Pág.111

¹³⁹ BANDEIRINHA, José António, O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.248

¹⁴⁰ Idem. Pág.249

¹⁴¹ Idem. Pág.248

¹⁴² LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.76

acabam por conseguir dilacerar o SAAL a 5 de novembro de 1976”¹⁴³, sucedendo-lhe uma inflexão expressiva das políticas habitacionais no decorrer dos anos 80.¹⁴⁴

O resultado de todo este processo foi, segundo José António Bandeirinha, “uma colheita produtiva na medida em que não se quedou pela prefiguração de alternativas reluzentes, provavelmente utópicas, mas inertes, e avançou para o confronto com a realidade, avançou para o projeto, avançou para a construção, avançou para o compromisso de vizinhança com as implantações da cidade e do território capitalistas. (...) Os arquitetos do SAAL não fizeram planos para a cidade do proletariado, antes encetaram um processo de construção de fragmentos dessa cidade em conjunto com os moradores, um processo tão credível e tão assustador que teve de ser interrompido”.¹⁴⁵

Apesar dessa descontinuidade, o SAAL prosseguiu, muito para além de 1976, com a sua influência no modo de se fazer arquitetura em Portugal, sob o ponto de vista das tipologias, da metodologia e da linguagem.¹⁴⁶

¹⁴³ LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010. Pág.78

¹⁴⁴ EM 1976, o processo SAAL sofreu uma alteração no enquadramento legislativo, que remeteu o seu desenvolvimento para as Câmaras Municipais, interrompendo vários projetos que se encontravam em curso. No entanto, localmente, algumas autarquias continuaram com o programa.

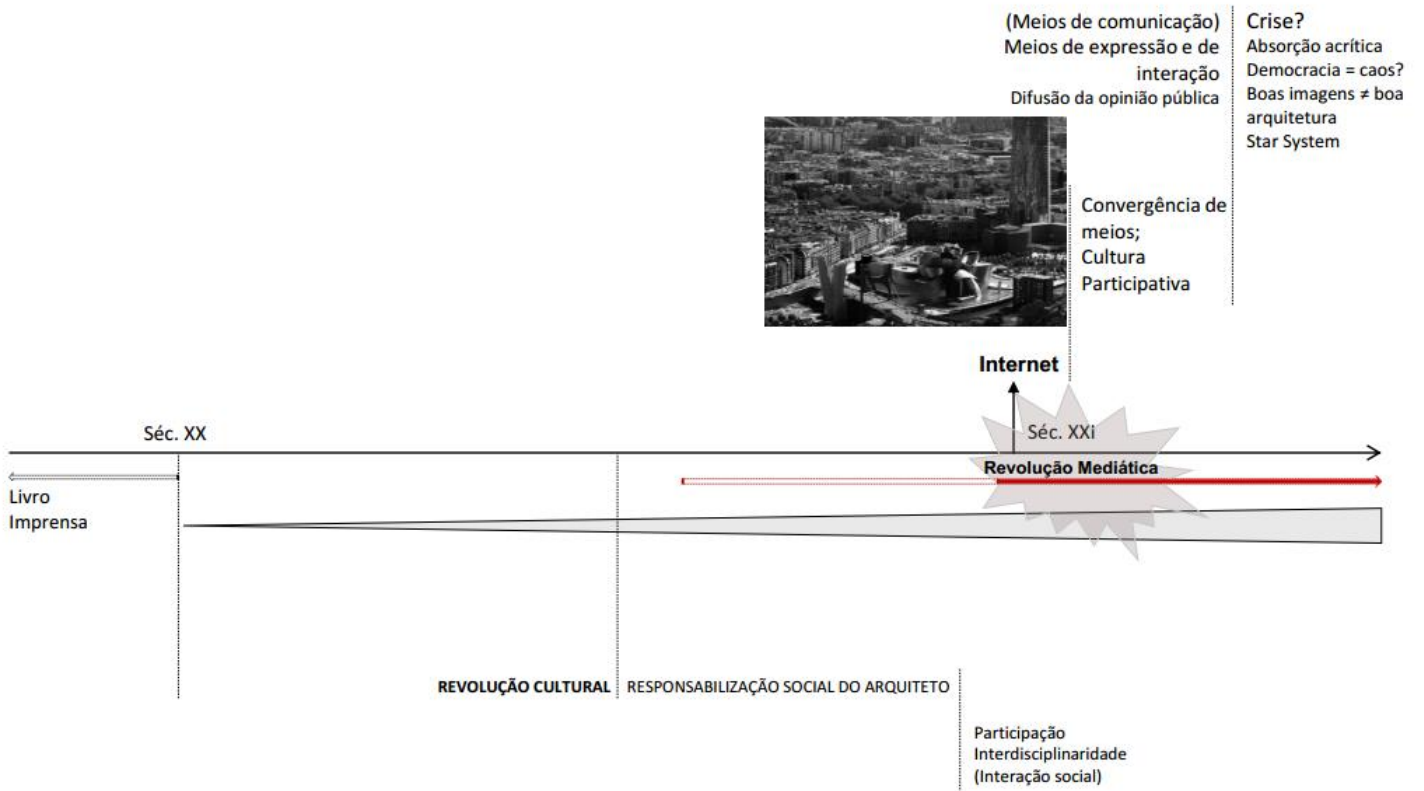
¹⁴⁵ BANDEIRINHA, José António, *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da universidade de Coimbra, 2011. Pág.260

¹⁴⁶ FERNANDES, Eduardo. *A Escolha do Porto: contributos para a atualização de uma ideia de Escola*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho; Guimarães, Portugal. 2010.

3 | Século XXI: Revolução Mediática

“Com a vaga promessa de facilitar o trabalho, a tecnologia está a transformar o nosso quotidiano: as relações entre as pessoas, entre as pessoas e as suas atividades e entre as pessoas e os objetos. A tecnologia tornou-se onnipresente. Na arquitetura, a tecnologia está a transformar radicalmente as metodologias de conceção e representação do projeto, mas também a construção da obra e a vivência do edifício.”

Casa da Arquitetura, 2018



Esquema síntese capítulo 3
Fotografia: Museu Guggenheim, Bilbao - Frank Gehry (Iker Merodio)

“O fabuloso desenvolvimento do livro, da impressão (...) inundou as nossas mentes e subjugou-nos. Estamos numa situação completamente nova. Tudo é conhecido por nós”¹⁴⁷ declarou Le Corbusier, numa publicação datada de 1925.

Durante a primeira metade do século XX, verificaram-se mudanças drásticas na forma de comunicar, de gerar e receber informação, de interagir. Em consequência, surgiu uma revolução cultural que afetou cada comunidade e cada sujeito. A noção de tempo e de escala foram alteradas, o indivíduo procurava o lugar que deveria ocupar nesta nova sociedade.

Acompanhando estes progressos sociais, a arquitetura viu-se obrigada a adaptar a sua abordagem. Como vimos no capítulo anterior, a responsabilidade social do arquiteto foi tema recorrente durante as décadas de 60 e 70. “Certo é que, entretanto, e em relação à forma como o problema era enquadrado há algumas décadas, alguma coisa mudou: já não se trata, como ainda era possível supor na primeira metade do século, de uma ética de maneira exterior, aditiva à linguagem arquitetónica, mas sim, de uma ética interna, estrutural, desde logo implicada na própria linguagem e com ela coincidente”¹⁴⁸.

A abertura que o desenvolvimento dos media havia permitido, tornara evidente, no campo da arquitetura, as enormes falhas urbanísticas que iam assolando as

¹⁴⁷ “The fabulous development of the book, of print (...) has flooded our minds and overwhelmed us. We are in a completely new situation. Everything is known to us.” Le Corbusier citado em COLOMINA, Beatriz, *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*. Londres: MIT Press. 1998. Pág.160.

¹⁴⁸ FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *da Função Social do Arquiteto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: edições do curso de arquitetura da E.S.B.A.P., 1985. Pág.3

idades: “(...) ficara igualmente demonstrada a falência básica da mentalidade da simples formação tecnicista que, perfeitamente capaz de resolver os problemas no campo da produção-realização, se mostrara impotente para enfrentar os que afetam a parte mais delicada da arte de compor, e podem fazer variar os valores de uma obra por aquilo que ela represente de humanização ou desumanização efetiva”¹⁴⁹.

Envolvimento e responsabilização surgiram quase de modo intuitivo face às relações que emergiam na política, na sociedade, na arquitetura e em diversas outras áreas. “Esta nova consciência de responsabilidade profissional, ampliada com uma componente responsabilidade social, revigorará a Arquitetura, e todas as suas novas conquistas serão pautadas por um ideal de dignificação da vida de toda a gente”¹⁵⁰.

Deste período resultaram conceitos que fizeram da arquitetura uma disciplina interventiva. Tais ideais, como a ‘participação’ e a ‘interdisciplinaridade’, podem ser considerados ‘frutos dos media’, uma vez que o seu impacto se deve sobretudo a este confronto com a realidade, e às consciências inquietadas.

No entanto, os meios de comunicação até então existentes, que haviam já sido representativos de uma revolução cultural da sua época, ainda não eram capazes de responder eficazmente à necessidade de interação social.

“A escrita permitiu que o conhecimento ultrapassasse a barreira do tempo e que a mensagem pudesse existir independente de um emissor, podendo ser recebida a qualquer momento por alguém que soubesse decifrar o código”¹⁵¹. Esse mesmo código viria a ser ultrapassado com o surgimento do rádio e da televisão, que possibilitaram a receção da informação de modo passivo. No entanto, falhava a associação da qualidade de interação perante o alcance das massas.

Internet

É essa a mudança provocada pela Internet, nos finais do séc. XX. “É a aldeia global de McLuhan concretizada muito além do que ele havia previsto. Uma aldeia repleta de vias duplas de comunicação, onde todos podem construir, dizer, escrever,

¹⁴⁹ FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *da Função Social do Arquiteto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: edições do curso de arquitetura da E.S.B.A.P., 1985. Pág.90

¹⁵⁰ Idem. Pág.93

¹⁵¹ RECUERO, Raquel da Cunha, *A internet e a nova revolução na comunicação mundial*. PUC/RS, dezembro de 2000. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>> acesso em 30 de setembro de 2018.

falar e ser ouvidos, vistos e lidos”¹⁵². Esta nova revolução tem vindo, desde o início do século XXI, a alterar todos os paradigmas sociais, modificando a forma como o mundo é visto e vivido.

O emissor e o recetor podem ser, finalmente, a mesma pessoa – alguém que tem o poder de difundir as suas mensagens massivamente, em qualquer lugar, a qualquer hora, sob qualquer formato. Assim, a internet tem como consequência a alteração da relação entre media e utente, bem como entre os vários tipos de media, representando, como defende Henry Jenkins¹⁵³, o seu ponto de convergência.

Uma vez mais, e mais do que nunca, a adaptação vai sendo feita, e desta vez, com carácter de urgência, em todas as áreas. Tempo, espaço e relações sociais moldam-se a esta nova realidade. “Os novos media apropriam-se e transformam os antigos. A Internet alimenta novos tipos de jornalismo, novos tipos de literatura, novas formas de teatro, novos tipos de vídeo arte. Poderá a arquitetura ter ficado para trás?”¹⁵⁴

¹⁵² RECUERO, Raquel da Cunha, *A internet e a nova revolução na comunicação mundial*. PUC/RS, dezembro de 2000. Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>> acesso em 30 de setembro de 2018.

¹⁵³ Henry Jenkins (nascimento 1958): pesquisador norte-americano, é considerado um dos mais influentes da atualidade no que respeita aos media. Professor de comunicação, jornalismo e artes cinematográficas na University of Southern California, é autor/editor de diversos livros sobre cultura popular e mediática, dos quais: “Convergence Culture: Where Old and New Media Collide”(2006), “Spreadable Media: Creating Meaning and Value in a Networked Culture”(2013), e “By Any Media Necessary: The New Youth Activism”(2016). Foi ainda diretor do programa de Estudos de Media Comparada do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), entre 1993 e 2009.

¹⁵⁴ “New media occupies and transforms old media. The Internet feeds new kinds of journalism, new kinds of literature, new forms of theater, new kinds of video art. Can architecture be far behind?” em COLOMINA, Beatriz. “Manifesto Architecture”. Em *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Editado por Craig Buckley, Nova Iorque: GSAPP Books. 2014. Pág.59.

3.1. Uma questão de perspectiva

“O livro, apontou Alphonse de Lamartine em 1830, era já um meio muito lento para acompanhar as rápidas mudanças do século XIX; o futuro da escrita estaria no jornal. Quando Marshall McLuhan repetiu as palavras de Lamartine, cerca de 120 anos mais tarde, os jornais e as revistas haviam já garantido o seu domínio há muito tempo e tornavam-se, por sua vez, extremamente conscientes da concorrência dos media mais instantâneos como o rádio e a televisão. Hoje, a lacuna entre escritor e público foi comprimida de forma ainda mais radical”¹⁵⁵.

No ciberespaço não existem fronteiras físicas, é um “(...) local que possibilita novas expressões de governo, indústria, instituições e práticas, sendo que as redes tecnológicas reconfiguram interações e práticas de trabalho”¹⁵⁶.

Segundo a máxima de Victor Hugo – ‘Isto vai matar aquilo’ – o estado era, desde a Idade Média, de uma constante expectativa perante a morte anunciada da arquitetura. Do mesmo modo, à medida que novos meios foram sendo desenvolvidos, a lógica manter-se-ia. “Isto, o jornal, mataria o livro. (...) Isto, a televisão, mataria a rádio, o cinema, o teatro e o livro. A internet é um *serial-killer* – vão todos a eito, não tarda nada – televisão, rádio, livro, cinema, teatro, e o que mais haja por aí”¹⁵⁷.

Não obstante, a situação real que se verificou é uma acumulação de media e não uma substituição das mesmas. Na atualidade, várias formas de expressão se complementam e desenvolvem para dar resposta às necessidades atuais e à concorrência de meios que, cada vez mais, como antecipou McLuhan já nos anos 60, atuam como extensões dos nossos sentidos. “Bem-vindos à cultura de convergência, onde velhos e novos media colidem, onde os media de base e corporativos se cruzam,

Convergência de meios

¹⁵⁵ “The book, Alphonse de Lamartine pointed out as early as 1830, was already too slow to keep up with the rapid changes of the nineteenth century; the future of writing lay with the newspaper. When Marshall McLuhan repeated Lamartine's words, some 120 years later, newspapers and magazines had long secured their dominance, and were in turn becoming acutely aware of competition from the more instantaneous media of radio and television. In our own time, the gap between writer and public has been compressed even more radically.” Em BUCKLEY, Craig. *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Nova Iorque: GSAPP Books. 2014. Pág.21.

¹⁵⁶ KOHN, Karen, MORAES, Cláudia Herte, *O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital*. Universidade Federal de Santa Maria, 2007. Pág.8.

¹⁵⁷ ALVES, Dinis Manuel, *Isto matará aquilo?* Lousã, 1 de junho de 2003. Disponível em <<http://www.mediatico.com.pt/sartigo/index.php?x=28>> acesso em 27 de setembro de 2018.

onde o poder do produtor e o poder do consumidor interagem de formas imprevisíveis”¹⁵⁸.

Não houve, portanto, a morte dos meios tradicionais; houve antes uma adequação: adequação de linguagem, de tempo, de velocidade, de público, de lugar. Remediar-se as falhas, reformular-se os objetivos. A convergência com os novos meios permitiu aos tradicionais ‘respirar’, transformar-se, globalizar-se¹⁵⁹: “(...) os media enquanto meios desagregados passam por uma convergência e recombinação massiva por meio de formas online de distribuição, canalizando um fluxo amplamente expandido de informações mutáveis, filtradas por interfaces que aparecem, desaparecem e se reconfiguram, num ritmo apenas um pouco mais lento do que o real das informações que transmitem”¹⁶⁰.

Agregadas às alterações dos próprios media, estiveram as alterações por eles originadas, de tão grande ou maior importância. “O foco na expansão do acesso a novas tecnologias leva-nos apenas até certo ponto, se não fomentarmos também as habilidades e o conhecimento cultural necessários para implantar essas ferramentas em prol dos nossos próprios fins”¹⁶¹. A Rede introduziu novos conceitos de comunidade (comunidades virtuais) que se vieram contrapor aos modelos tradicionais, ultrapassando limites geográficos e barreiras sociais. Todos passaram a ser emissores e, concomitantemente, receptores – ampliando o conceito de cultura participativa.

Cultura
participativa

A Internet, enquanto motor de agitação social, gerou maior vontade de participação em cada indivíduo, concedendo-lhe a oportunidade de o fazer sem restrições. A relevância deste envolvimento é tanto maior na arquitetura quando se considera que, como defendido por Bernard Tschumi, esta está sempre relacionada

¹⁵⁸ “Welcome to convergence culture, where old and new media collide, where grassroots and corporate media intersect, where the power of the media producer and the power of the media consumer interact in unpredictable ways.” Em JENKINS, Henry, *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. Nova Iorque: New York University Press. 2006. Pág.2

¹⁵⁹ CUNHA, Karenine, *Da informação à comunicação: acontecimentos do jornalismo*. Curitiba: Appris Editora. 2016.

¹⁶⁰ “(...) separate media are undergoing a massive convergence and recombination through online forms of distribution, channeling a vastly expanded stream of changeable information, filtered by interfaces that appear and disappear, mutate and reconfigure at a rate only slightly slower than the things they convey.” Em BUCKLEY, Craig. *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Nova Iorque: GSAPP Books. 2014. Pág.21.

¹⁶¹ “A focus on expanding access to new technologies carries us only so far if we do not also foster the skills and cultural knowledge necessary to deploy those tools toward our own ends.” Em JENKINS, Henry, *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Chicago: The MacArthur Foundation. 2006. Pág.8.

com o Poder e com interesses maiores, quer financeiros quer políticos, tornando-se tão grandiosa quanto as aspirações da sociedade em que se insere ¹⁶² .

Outrora, quando os estereótipos de liberdade e de expressão eram bem diferentes, os manifestos representaram plataformas para o desafio de hierarquias de conhecimento estabelecidas, servindo de suporte na formação de novas identidades. “A partir de meados do século XIX, o manifesto surgiu como um modo de captar a atenção mediante o crescente fluxo de documentos e informações liberados pela cultura de impressão em massa.”¹⁶³ Quando Marx e Engels escreveram o Manifesto Comunista, em 1848, tinham realmente o intuito de reescrever a própria história, de poder de alguma forma revolucioná-la¹⁶⁴. Isto demonstra a vontade de intervenção que desde sempre esteve incutida na sociedade, o desejo de impor uma posição.

Para Colomina, novos media acarretam sempre novos manifestos, que podem, no entanto, não mais se parecer com manifestos¹⁶⁵. Por isso, numa época de explosão de meios como a que se vive atualmente, multiplicam-se as manifestações dos utilizadores sob diversas formas e em plataformas variadas, físicas ou virtuais. Mais do que meios de comunicação, os novos media representam meios de expressão e interação, onde se encontram memórias, desejos e protestos sobre qualquer tópico.

Se esta liberdade de acesso e de difusão de conteúdo pode significar a expansão dos mercados e das oportunidades de receita, como acontece com o ‘efeito Bilbao’¹⁶⁶, por outro lado, “corre-se o risco de confundir boas imagens com boa arquitetura, nos meios de comunicação (mesmo na imprensa especializada) e na opinião pública”¹⁶⁷.

Crise da
arquitetura

¹⁶² POGREBIN, Robin. *I'm the Designer. My Client's the Autocrat*. The New York Times, 22 de junho de 2008. Disponível em https://www.nytimes.com/2008/06/22/arts/design/22pogr.html?_r=0&pagewanted=all&utm_medium=website&utm_source=archdaily.com acesso em 10 de maio de 2018.

¹⁶³ BUCKLEY, Craig. *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Nova Iorque: GSAPP Books. 2014. Pág.21

¹⁶⁴ Idem

¹⁶⁵ “New media = new manifestos, but they may no longer look like manifestos.” Em COLOMINA, Beatriz. “Manifesto Architecture”. Em *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Editado por Craig Buckley, Nova Iorque: GSAPP Books. 2014. Pág.41.

¹⁶⁶ Bilbao tornou-se, após a construção do Museu Guggenheim (Frank Gehry, 1997), exemplo mundial de uma cidade que renasceu após o investimento na arquitetura, dada a dinamização financeira e cultural consequente do impacto mediático que a arquitetura havia alcançado. Denominou-se ‘Efeito Bilbao’ o fenómeno de transformação de uma cidade a partir de uma obra arquitetónica relevante.

¹⁶⁷ FERNANDES, Eduardo. *A Escolha do Porto: contributos para a atualização de uma ideia de Escola*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho; Guimarães, Portugal. 2010. Pág.664.

A todo o instante, milhares de imagens relacionadas à arquitetura são divulgadas em todo o mundo, sendo cada vez mais difícil distinguir o que é real do que é apenas ‘obra da tecnologia’. O interesse e envolvimento da sociedade cresce à medida que uma multiplicidade de informação gráfica e escrita lhes é entregue diariamente. Este encadeamento tem vindo a resultar na democratização do direito à cidade, no sentido em que se atenuam as fronteiras hierárquicas, direcionando a cada indivíduo a responsabilidade de escolha e de decisão que até então lhes era, muitas vezes, contestada.

No entanto, importa referir - num momento em que todos têm não só acesso, mas também opinião e voto sobre tudo - que são inesgotáveis as fontes de referência, muitas vezes absorvidas acriticamente. Gehry, um dos primeiros a beneficiar de forma muito evidente da mediatização da arquitetura, refere: o “(...) tema da construção urbana na democracia é interessante, por criar o caos. Quando todos fazem o que querem, gera-se um ambiente caótico”¹⁶⁸.

Há quem aviste, portanto, uma crise na arquitetura no século XXI; porém, Balkrishna Doshi, vencedor do Pritzker 2018, afirma que “em toda a crise estará uma oportunidade”¹⁶⁹. Apesar do tema da participação do público na tomada de decisão estar fora da zona de conforto da Arquitetura e o do arquiteto propriamente dito, alguns optam por “tomar a iniciativa, procurar projetos que lhes ofereçam novas possibilidades para exercer a sua própria agência, mesmo que isso signifique repensar os papéis e os privilégios que tradicionalmente lhes foram conferidos”¹⁷⁰.

Isto é hoje mais fácil devido à repercussão que os media proporcionaram à opinião pública. As manifestações que foram surgindo em vários programas, atribuíram relevância a questões de foro público, permitindo aos utentes participar ativamente quer na colocação dessas mesmas questões, como na procura de uma solução.¹⁷¹

¹⁶⁸ GEHRY, Frank, *A master architect asks, Now what?* (Video) TED2002. Disponível em <https://www.ted.com/talks/frank_gehry_asks_then_what/transcript> acesso em 14 de outubro de 2018.

¹⁶⁹ “Every crisis will be an opportunity.” Em DOSHI, Balkrishna, *Create, explore and love your life*. (Video) TEDx. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9a_2DyN_GtM> acesso em 14 de outubro de 2018.

¹⁷⁰ RUBY, Andreas, RUBY, Ilka, SHINOHARA, Yuma, “Poder Doméstico. Uma nova Agenda”, em *Poder/Arquitetura*. Editado por Casa da Arquitetura. Porto: Lars Muller Publishers, 2017.

¹⁷¹ BUCKLEY, Craig. *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Nova Iorque: GSAPP Books. 2014.

Alexandre Alves Costa acredita que tal estatuto não se pode dissociar da insatisfação inerente às condições péssimas em que ainda vive tanta gente. Acredita que este terá sido o mote que colocou em destaque, uma vez mais, como ocorreu na década de 60, a questão da habitação social.¹⁷² Por meio dos media, por meio da ‘inteligência coletiva’ a que Henry Jenkins faz referência¹⁷³ - resultante de uma cultura participativa emergente - a Arquitetura pode hoje vir a ser o resultado das necessidades e desejos do seu público.

“No contexto da mecânica paradoxal de uma economia de mercado livre, é cada vez menos claro o que, para quem e por que os edifícios são produzidos”¹⁷⁴. Cabe a cada um a leitura do atual panorama, no sentido de acompanhar a cultura, a velocidade e o contexto das massas em plena era digital, onde as possibilidades são infinitas.

“Importa quais ferramentas estão disponíveis para uma cultura, mas importa mais o que essa cultura escolhe fazer com essas ferramentas”¹⁷⁵.

¹⁷² Alexandre Alves Costa em PINTO, Cândida, *Vizinhos: A revolução e as casas de Siza na Bouça* (documentário). Produção: SIC, 2016. Disponível em <<https://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca>> acesso em 3 de agosto de 2018.

¹⁷³ JENKINS, Henry, *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. Nova Iorque: New York University Press. 2006.

¹⁷⁴ “In the context of the paradoxical mechanics of a free market economy, it is increasingly unclear for what, for whom and why buildings are produced.” Em GRAAF, Reinier de, *Few architects have embraced the idea of user participation; a new movement is needed*. 26 de julho de 2016. Disponível em < <https://www.architectural-review.com/rethink/viewpoints/few-architects-have-embraced-the-idea-of-user-participation-a-new-movement-is-needed/10008549.article> > acesso em 20 de setembro de 2018.

¹⁷⁵ “It matters what tools are available to a culture, but it matters more what that culture chooses to do with those tools.” Em JENKINS, Henry, *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Chicago: The MacArthur Foundation. 2006. Pág.8.

4 | Quando Arquitetura e Media se encontram

“Foi-se o tempo em que a meta era ser exclusivo.
A inclusão tornou-se a nova tendência.”

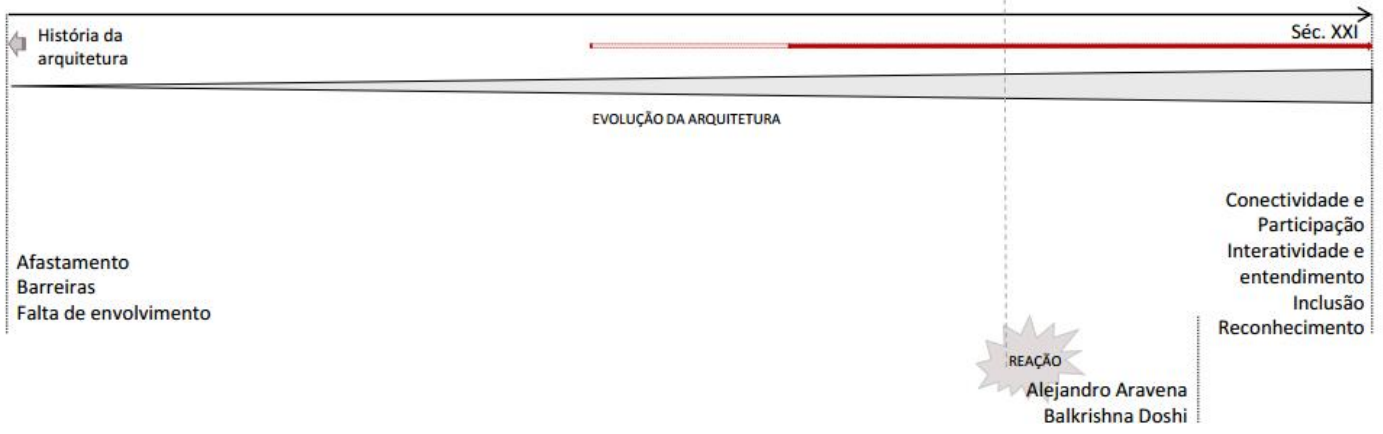
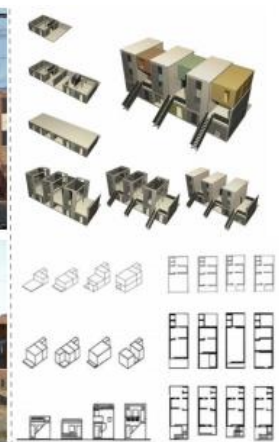
(Philip Kotler, 2017)



Quinta Monroy, Alejandro Aravena



Aranya, Balkrishna Doshi



Esquema síntese capítulo 4

Fotografias: Quinta Monroy – Alejandro Aravena | Conjunto habitacional Aranya – Balkrishna Doshi

Tendo em conta que após a revolução digital os Media têm vindo, cada vez mais, a desempenhar a função de marketing para quem trabalha na área da arquitetura, é de suma importância entender qual a melhor forma de usar esta ferramenta. O marketing, como a arquitetura, adapta-se constantemente às mudanças que se dão na sociedade e, portanto, no mercado. Assim, considerada a revolução mediática que caracteriza o novo século, ambos os setores devem estar preparados para “se adaptar à natureza mutável dos caminhos do consumidor na economia digital”¹⁷⁶.

Segundo Marc Kushner, a revolução mediática representou a chegada da maior revolução arquitetónica do último século. Kushner fundamenta esta posição na aproximação às pessoas, contrariando uma tendência que se criou ao longo da história da arquitetura – de afastamento, de imposição de barreiras e de falta de envolvimento.¹⁷⁷

Tradicionalmente, para promoção de produtos ou serviços, as empresas deveriam associar-se aos principais canais através dos quais a sociedade consumia informação, tais como jornais, revistas ou televisão, estando sempre dependentes da imagem que estes criariam a seu respeito. No entanto, o marketing tradicional foi deixando de ser

¹⁷⁶ KOTLER, Philip, *Marketing 4.0: Do Tradicional ao Digital* [recurso eletrónico] / Philip Kotler, Hermawan Kartajaya, Iwan Setiawan; tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

¹⁷⁷ *Marc Kushner at the RAIC 2016 Festival of Architecture* (vídeo) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=bHsNSlpM94>> acesso em 20 de outubro de 2018.

uma resposta suficiente: Kotler¹⁷⁸ acredita “que a convergência tecnológica acabará levando à convergência entre o marketing digital e o marketing tradicional”¹⁷⁹.

Hoje, qualquer empresa, independentemente da sua escala, pode, através da Internet, comunicar diretamente com o seu público, a conectividade concedeu aos mercados um caráter ágil e dinâmico. As empresas já não dependem apenas dos seus recursos internos uma vez que a inovação passou a ser uma força horizontal em vez de vertical; essas entidades passaram a comercializar ideias que são fornecidas pelo próprio mercado.

“A globalização cria um campo de jogo nivelado. A competitividade das empresas não será mais determinada por seu tamanho, seu país de origem ou sua vantagem passada. Empresas menores, mais jovens e localmente estabelecidas terão chance de competir com empresas maiores, mais antigas e globais. No fim, não existirá uma empresa que domine totalmente as demais. Pelo contrário, uma empresa pode ser mais competitiva se conseguir se conectar com comunidades de consumidores e parceiros para a cocriação”¹⁸⁰.

Arquitetura

Importa clarificar que a perspetiva empresarial de marketing e de produto, que generaliza o cliente e as suas necessidades não se pode aplicar à arquitetura. Neste campo, a transformação deu-se essencialmente na elaboração de projetos de promoção pública: a atenção que vinha sendo dada à participação e à interdisciplinaridade desde a década de 60 orientou a uma prática de diálogo, fazendo do projeto uma negociação entre vários atores. Foi crescendo o espaço para a troca de ideias, permitindo aos agentes sofrer influências transversais e tornar a arquitetura uma prática mais inclusiva.

Ao mesmo tempo, as portas foram-se abrindo para mercados emergentes; no entanto, num momento em que todos têm a possibilidade de promover o seu trabalho e conceder-lhe dimensão global, quando se multiplicam a cada minuto as empresas

¹⁷⁸ Philip Kotler (nascimento 1931): Autor, professor e consultor de marketing norte-americano. ‘O maior dos especialistas na prática do marketing’ segundo o Management Centre Europe. Listado, em 2008, como a sexta pessoa mais influente no mundo dos negócios pelo Wall Street Journal.

¹⁷⁹ KOTLER, Philip, *Marketing 4.0: Do Tradicional ao Digital* [recurso eletrónico] / Philip Kotler, Hermawan Kartajaya, Iwan Setiawan; tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

¹⁸⁰ Idem.

que, virtualmente, se expõem e vendem, a dificuldade reside precisamente na diferença. O que leva um determinado arquiteto a destacar-se de todos os outros?

Durante o século XX, muitos profissionais foram, através da imprensa, divulgados por associação a grandes nomes, pela colaboração com arquitetos de prestígio ou através da divulgação feita por teóricos renomados; exemplo disto é Kenneth Frampton que, nas suas publicações, divulga vários arquitetos menos conhecidos. Este meio funcionou desta maneira durante muito tempo; no entanto, a divulgação de conteúdos dá-se hoje a uma velocidade muito maior no mundo tecnológico em que vivemos. Assiste-se à reversão da situação que colocava muitas vezes o arquiteto num patamar distante daquele para quem trabalhava, permitindo-lhe agora trabalhar diretamente com os usuários na resolução dos problemas que a sociedade enfrenta.¹⁸¹

Se a participação vinha, desde a segunda metade do século XX, a ser estudada enquanto princípio fundamental do processo arquitetónico, agora encontra um panorama que lhe confere mais eficácia. Se De Carlo e John Turner se expressaram sobre a necessidade de reconfigurar toda a disciplina - visando a inclusão do utilizador enquanto solução para o sistema hierárquico inflexível da época – hoje, os processos de digitalização da sociedade sugerem que o futuro da arquitetura residirá na criação de “(...) produtos, serviços e culturas empresariais que adotem e reflitam valores humanos”¹⁸².

Já não estamos em lados opostos, diz Marc Kushner. A conexão entre o usuário e o arquiteto é cada vez maior. O público atreve-se a desafiar, a criticar, a construir. Através dos novos media - da velocidade que atingiram, das massas que alcançam e da individualidade que despertam – é possível, entre as milhares de soluções existentes para um mesmo problema, saber aquela que de facto estimula o interesse do público.¹⁸³ Mais importante ainda, defende Aravena, é possível descobrir qual o verdadeiro problema.

¹⁸¹ KUSHNER, Marc, *Why the buildings of the future will be shaped by... you.* (vídeo) TED2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/marc_kushner_why_the_buildings_of_the_future_will_be_shaped_by_you?referrer=playlist-how_architecture_can_connect_u> acesso em 20 de outubro de 2018.

¹⁸² Philip Kotler, sobre o marketing, em KOTLER, Philip, *Marketing 4.0: Do Tradicional ao Digital* [recurso eletrónico] / Philip Kotler, Hermawan Kartajaya, Iwan Setiawan; tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

¹⁸³ *Mark Kushner: How We Make Architecture.* (vídeo) PSFK conferência 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wyJ8OMIM49E>> acesso em 20 de outubro de 2018.

É neste sentido que a arquitetura tem sido beneficiada pelo modo como lida cada vez mais - por meio do diálogo que tem vindo a ser alcançado, com o desenvolvimento dos media, desde os anos 60 - "(...) com a identificação e satisfação das necessidades humanas e sociais"¹⁸⁴ das comunidades. Kushner acredita ainda, enquanto arquiteto, que de nada serve ter a solução para uma determinada problemática, se o cliente não acreditar nessa mesma solução. É, portanto, através da interatividade e do envolvimento que se vive nas comunidades virtuais e na cultura mediatizada dos dias de hoje, que o público pode participar dos debates e das tomadas de decisão, levando ao entendimento da resposta que o arquiteto lhe fornece e sendo o primeiro a procurar por ela, sabendo que responde exatamente às suas necessidades.

Em 1961, Ricoeur afirmou: "O fenómeno da universalização, embora seja um progresso da humanidade, constitui ao mesmo tempo uma espécie de destruição subtil, não apenas das culturas tradicionais, o que talvez não fosse um mal irreparável, mas igualmente daquilo que chamarei provisoriamente o núcleo criativo de grandes civilizações e de grandes culturas"¹⁸⁵. Nesta altura, quando a ascensão dos Media trazia consigo uma revolução cultural, previa-se uma homogeneização da produção arquitetónica.

No decorrer dos anos 2000, a arquitetura produzida pelo *star system* foi muito questionada pela 'repetição das fórmulas': "(...) de facto, muitas obras foram apropriadas nesse sentido, de usar uma obra de arquitetura com a função de rentabilizar processos produtivos e agregar valor através da imagem – em que as suas qualidades de facto da arquitetura ficam em segundo plano"¹⁸⁶.

Não obstante, o facto de termos passado a morar numa 'Aldeia Global' permitiu-nos o contacto com a diversidade cultural existente e isso, como vimos, vem-se refletindo na forma de produção. Assim, diz Martin Corullon, "(...) é difícil fazer uma leitura homogeneizante da produção arquitetónica, pois existem veículos e canais de divulgação tão eficientes hoje que tornaram a diversidade intrínseca ao campo

¹⁸⁴ Philip Kotler, sobre o marketing, citado em PINTO, Catarina Rodrigues Ferreira, *Arquitetura Social Participada: contributos para uma nova metodologia*. Instituto Superior Técnico: Lisboa, Portugal. 2015. Pág.36.

¹⁸⁵ "The phenomenon of universalization, while being an advancement of mankind, at the same time constitutes a sort of subtle destruction, not only of traditional cultures, which might not be an irreparable wrong, but also of what I shall call for the time being the creative nucleus of great civilizations and great culture" Paul Ricoeur citado em FRAMPTON, Kenneth, *Modern architecture: a critical history*, London: Thames and Hudson Ltd, 1985, pág.313.

¹⁸⁶ Martin Corullon citado em DELAQUA, Victor, "Arquitetura em Diálogo", *uma conversa com Martin Corullon*. 24 de março de 2015. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/764353/arquitetura-em-dialogo-uma-conversa-com-martin-corullon>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

arquitetónico mais visível do que nunca. Ao mesmo tempo em que há processos homogeneizadores, há canais no sentido contrário – que revelam obras que talvez sempre tenham sido produzidas, mas que nunca estiveram tão visíveis como hoje”¹⁸⁷.

Expostas estas circunstâncias, torna-se claro o porquê de se verem reconhecidos, nos últimos anos, arquitetos até então inseridos em meios marginais em relação aos habituais centros produtores da sociedade ocidental, que, de repente, viram o seu nome associado ao mais importante prêmio internacional de arquitetura. A evolução dos media está a aproximar a relação entre o global e o local e parece haver maior interesse em perceber e divulgar o que se passa em lugares ‘menos visíveis’ do mundo, ao invés de apenas consagrar o arquiteto de prestígio. Será esta uma reação? Será este o momento de uma nova atenção à produção periférica como no regionalismo crítico teorizado por Frampton nos anos 80?

Reconhecimento

Nos subcapítulos seguintes, falar-se-á de Alejandro Aravena e Balkrishna Doshi que, em 2016 e 2018 respetivamente, foram os laureados do prêmio Pritzker. Foram duas estreias: pela primeira vez, Chile e Índia viram consagrada a sua arquitetura ao mais alto nível. Se o Pritzker homenageia, desde 1979, arquitetos cuja obra “(...) tenha produzido significativas contribuições para a Humanidade e para o ambiente construído”¹⁸⁸, como explica a organização, a grande maioria dos premiados são europeus ou americanos. O que fez destacar Aravena e Doshi?

¹⁸⁷ Martin Corullon citado em DELAQUA, Victor, *"Arquitetura em Diálogo", uma conversa com Martin Corullon*. 24 de março de 2015. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/764353/arquitetura-em-dialogo-uma-conversa-com-martin-corullon>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

¹⁸⁸ “(...) which has produced consistent and significant contributions to humanity and the built environment through the art of architecture.” Em *The Pritzker Architecture Prize – Purpose*. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/about>> acesso em 3 de novembro de 2018

4.1. Alejandro Aravena

“Os vencedores do Pritzker, para nós, em meados dos anos 80, não eram arquitetos, eram mitos. É por isso que não estava à espera deste prémio, nem por um segundo.”¹⁸⁹ Estas foram as palavras de Alejandro Aravena¹⁹⁰, na cerimónia do Prémio Pritzker 2016, que seguiu agradecendo a toda a comunidade pelo entendimento do prémio enquanto uma poderosa ferramenta de influência para o desenvolvimento do ambiente construído e da qualidade de vida.

O ano de 2016 marcou a estabilização do prestígio internacional do arquiteto, que se tornou “(...) o primeiro chileno a receber o Prémio Pritzker, sendo também o primeiro diretor latino americano da Bienal de Arquitetura de Veneza (...) incentivando arquitetos de todo o mundo a compartilhar as batalhas em seus países”¹⁹¹.

Considerando a existência de uma nova geração de arquitetos, Alejandro Aravena desempenha, para a organização do Pritzker, uma posição de influência na expansão do papel do arquiteto na sociedade. Esta nova geração é caracterizada por um entendimento holístico da prática arquitetónica; são arquitetos capazes de conectar responsabilidade social e preocupações económicas, nos projetos de habitação e urbanismo, sem descurar o esforço artístico em prol dos desafios económicos ou vice-versa.

Aravena demonstra, através dos seus projetos, a perceção da arquitetura enquanto elemento fundamental de comunicação; mas para o júri do Pritzker o que realmente o fez destacar das massas foi o seu comprometimento para com a habitação social. “Desde 2000 e da fundação do escritório ELEMENTAL, ele e os seus colaboradores realizaram, consistentemente, trabalhos com objetivos sociais claros. Chamando a empresa de *‘Do Tank’*, em oposição a um *think tank*, construíram mais de 2.500 unidades usando soluções arquitetónicas imaginativas, flexíveis e diretas para habitação social de baixo custo. A equipa da ELEMENTAL participa de todas as etapas do complexo processo de prover habitação para a população carenciada: relacionam-

¹⁸⁹ “Pritzker prizes, for us, in the mid 80’s, were not architects, they were myths. That’s why I didn’t see this prize coming at all, not for a second.” Em *Discurso de Alejandro Aravena – Prémio Pritzker* (video) SDGF, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FzF7uhMG-YE>> acesso em 9 de novembro de 2018.

¹⁹⁰ Alejandro Aravena (nascimento 1967): Arquiteto chileno, diretor executivo do escritório Elemental S.A., é mundialmente reconhecido pela sua atuação em projetos de habitação social e participativa. Vencedor do Pritzker 2016.

¹⁹¹ YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: ‘O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta’*. Entrevista publicada na edição n°31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

se com políticos, advogados, pesquisadores, moradores, autoridades locais e construtores, a fim de obter os melhores resultados em prol dos moradores e da sociedade.”¹⁹².

Os questionamentos que faz ao processo tradicionalmente associado ao projeto de arquitetura colocam-no em vantagem na criação de novas oportunidades para a população economicamente desfavorecida. Tem uma aproximação quase radical ao tema da habitação, tirando partido da participação ativa, do envolvimento e do investimento dos habitantes para a compreensão das suas aspirações. “Esta abordagem inventiva amplia a competência tradicional do arquiteto e transforma o objetivo de encontrar uma solução verdadeiramente coletiva para o ambiente construído.”¹⁹³

Ao entregar-lhe o prêmio, o júri acreditou que o seu nome poderia surgir como um exemplo para as gerações futuras, enquanto um arquiteto que não se restringe à posição singular de *‘designer’*, mas que se permite inovar e experimentar diversos papéis que o levem a descobrir novas oportunidades e a renovar a profissão. Aravena, refere a organização, atribui à arquitetura uma nova dimensão que é, acima de tudo, necessária para a resolução de problemas e para enfrentar desafios futuros. Sob uma atuação socialmente envolvida, ataca a crise global de habitação e luta por um melhor ambiente urbano, atendendo a necessidades sociais e humanitárias.¹⁹⁴

Esta é uma das mudanças que Aravena considera fundamental: a da posição acomodada dos arquitetos. Em entrevista à AOA (Asociación de Oficinas de Arquitectos de Chile), refere que os que têm e terão relevância para o futuro da arquitetura são aqueles que “(...) tentam sintetizar ou abarcar componentes que não eram evidentes”¹⁹⁵. O contributo da qualidade formal é indispensável, mas não é suficiente.

Posição do
arquiteto

¹⁹² “Since 2000 and the founding of ELEMENTAL, he and his collaborators have consistently realized works with clear social goals. Calling the company a ‘Do Tank’, as opposed to a think tank, they have built more than 2.500 units using imaginative, flexible and direct architectural solutions for low cost social housing. The ELEMENTAL team participates in every phase of the complex process of providing dwellings for the underserved: engaging with politicians, lawyers, researchers, residents, local authorities, and builders, in order to obtain the best possible results for the benefit of the residents and society.” Em *The Pritzker Architecture Prize – Jury citation*. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/about>> acesso em 5 de novembro de 2018

¹⁹³ “This inventive approach enlarges the traditional scope of the architect and transforms the aim of finding a truly collective solution for the built environment.” Idem

¹⁹⁴ Idem

¹⁹⁵ YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: ‘O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta’*. Entrevista publicada na edição nº31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

“É desejável entrar em questões que importem a muitos e cujo benefício atinja o maior número possível de pessoas”¹⁹⁶.

Metodologia

Quando se fala da arquitetura de Aravena, colocam-se frequentemente em divergência dois segmentos distintos: habitação social (maior inovação) e edifícios municipais ou universitários (maior convencionalidade)¹⁹⁷. No entanto, há no seu trabalho três conceitos que não se podem dissociar, representando a sua identidade metodológica.

‘Do tank’

O primeiro dos princípios é seguir a política do ‘do tank’ em oposição à do ‘think tank’. Em entrevista ao ArchDaily, Aravena explica: “Se queremos ter voz, se tivermos uma ideia de algo que poderia ser melhorado, nós desenvolvemos um projeto. Se não houver um cliente, tentamos criar um. Tentamos identificar os fundos e abordar questões que achamos que são relevantes através de propostas.”¹⁹⁸ Assim, Aravena tenta organizar a realidade numa proposta concreta e não apenas em diagnósticos intermináveis. Está, portanto, comprometido na entrega e aplicação de ideias à vida real.

Aravena está empenhado em provocar a discussão, mas interessa-lhe discutir questões que são da sociedade e não dos arquitetos. Por isso, acredita que reside aí outro dos grandes desafios do processo: ser capaz de começar o mais longe possível da arquitetura; abordar temas em que qualquer indivíduo sinta que pode ter algo a dizer.¹⁹⁹

Projeto participativo

É então que entra o segundo princípio que fundamenta a sua linguagem: a participação. Considera fundamental o diálogo com as pessoas no intuito de entender os assuntos que realmente importam. Ninguém melhor do que eles lhe pode explicar que condições impõem uma barreira à qualidade do ambiente construído, o que prejudica a sua qualidade de vida e quais são as suas prioridades.

¹⁹⁶ YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: ‘O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta’*. Entrevista publicada na edição n.º 31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

¹⁹⁷ SARKIS, Hashim, *(Não) é Elemental: sobre a Arquitetura de Alejandro Aravena*. Tradução de Camilla Sbeghen, 5 de fevereiro de 2016. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/781317/e-elemental-nao-na-arquitetura-de-alejandro-aravena>> acesso em 8 de novembro de 2018.

¹⁹⁸ *AD Interviews: Alejandro Aravena/ Pritzker Laureate 2016*. (vídeo) Produção ArchDaily 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=10g60sZqNpg>> acesso em 10 de novembro de 2018.

¹⁹⁹ Idem

“Não são apenas as emergências, catástrofes ou crises humanitárias que destroem a qualidade de vida, também a mediocridade das periferias da Europa ou a banalidade da construção nos Estados Unidos (...)”²⁰⁰, afirma. É neste sentido que encara a arquitetura enquanto uma convergência de disciplinas.²⁰¹ O arquiteto deve ser capaz de manter um certo afastamento aos temas que pertencem somente à arquitetura; deve ser capaz de entender as linguagens da economia, política e antropologia, sem nunca abandonar a elaboração do projeto: “Se pudermos entender que os problemas com que a arquitetura tem que lidar são aqueles que importam à sociedade (...)”²⁰².

Associado à participação estará o processo contraintuitivo de procurar perguntas no lugar de respostas: “(...) quando um cliente chega com a demanda, não tem necessariamente clara a pergunta”²⁰³, defende. O diálogo com as pessoas é fundamental para a identificação do problema ao qual o arquiteto deve responder pois, como o próprio defende, “não há nada pior do que responder corretamente à pergunta errada”²⁰⁴. Para o efeito, a expansão de alcance e a velocidade crescente que os novos media conferiram às relações interpessoais foram essenciais, pois facilitaram a percepção das verdadeiras questões às quais se deveria dedicar. Permitiram, portanto, uma aproximação mais emocional das pessoas, em oposição ao inquérito formal que tantas vezes havia ludibriado os arquitetos para a entrega de soluções irrealistas ou desadequadas.

Tradicionalmente, o arquiteto inicia o processo sabendo à priori ao que quer responder, o que lhe confere controlo sobre o resultado final do seu projeto. No entanto, sob a perspetiva do arquiteto chileno, esse não é o parâmetro de maior relevância. “Há

²⁰⁰ YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: 'O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta'*. Entrevista publicada na edição nº31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

²⁰¹ *AD Interviews: Alejandro Aravena/ Pritzker Laureate 2016*. (vídeo) Produção ArchDaily 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=10g60sZqNpg>> acesso em 10 de novembro de 2018.

²⁰² YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: 'O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta'*. Entrevista publicada na edição nº31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

²⁰³ Idem

²⁰⁴ “There’s nothing worse than answering well to the wrong question.” Em ARAVENA, Alejandro, *My architectural philosophy? Bring the community into the process*. (vídeo) TedGlobal2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process#t-731472> acesso em 9 de novembro de 2018.

outras forças em jogo - funcionais, ambientais, políticas, sociais - e, desse ponto de vista, a falta de controlo pode ser uma coisa boa”²⁰⁵.

Poder de síntese
do projeto

Aravena explica: “(...) devemos entender que se há algum poder na arquitetura é o de síntese, e nesse sentido não se deve ter medo de começar por projetar a pergunta e identificar quantas variáveis tem a equação. (...) A dificuldade – ou talvez a graça – da arquitetura, é que, para essa determinada equação, não há uma resposta única”²⁰⁶. Pois o poder de síntese é precisamente o terceiro e último alicerce que estrutura a sua metodologia.

Ainda que consideradas todas as variáveis, admite não existir uma regra para a formulação correta da pergunta. Tratar-se-á sempre de um caminho irregular e criativo, baseado em certezas parciais e sem quaisquer garantias até se chegar à proposta que sintetiza todas as forças em jogo. Ai reside a complexidade, que encara como uma mais valia do processo, uma vez que “(...) quanto maior a complexidade, maior a necessidade de síntese”²⁰⁷. Em vez de tentar o caminho mais curto, defende que as respostas se encontram na aceitação, entendimento e persecução de todas as restrições. “Um artigo académico é linear, de cima para baixo, da esquerda para a direita. Em vez disso, uma proposta (arquitetónica) é tudo em simultâneo, e a capacidade de sintetizar essas forças é tremendamente poderosa”²⁰⁸.

ELEMENTAL

O escritório dirigido por Aravena, fundado nestes princípios, trabalha com “(...) equipas interdisciplinares que fazem a ponte entre a escala urbana e arquitetónica e as questões técnicas e sociais”²⁰⁹. A sua prática é ostensivamente orientada às seguintes medidas:

- Promoção do desenvolvimento social e superação do panorama de pobreza e desigualdade;

²⁰⁵ “There are other forces at play – functional, environmental, political, social – and from that point of view the lack of control might be a good thing.” em WINSTON, Anna, *Architects “are never taught the right thing” says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

²⁰⁶ YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: ‘O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta’*. Entrevista publicada na edição n°31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

²⁰⁷ Idem

²⁰⁸ Idem

²⁰⁹ “(...) interdisciplinary teams bridging urban and architectural scales and technical and social concerns.” Em HADDAD, Elie; RIFKIND, David (Ed.), *A Critical History of Contemporary Architecture: 1960-2010* [Recurso eletrónico]. Editora Ashgate, 2014.

- Obtenção de 'mais com o mesmo', projetando sob as mesmas condições de mercado e políticas que os demais;

- Alcance de projetos de qualidade e valor incremental, garantindo o retorno do investimento a médio e longo prazo, abandonando o conceito de mera 'despesa social'.²¹⁰

Deste modo, o arquiteto desafia o *status quo*, fazendo da arquitetura uma prática cívica: "(...) contrapõe-se aos projetos burocráticos desenvolvidos nos anos 60 e 70 na América Latina"²¹¹, acreditando, porém, que a questão da rápida urbanização é, uma vez mais, um desafio a considerar para a restauração da qualidade de vida²¹². "Dos três bilhões de pessoas que vivem hoje nas cidades, um bilhão está abaixo da linha de pobreza. Em 2030, dos cinco bilhões de pessoas que estarão a viver nas cidades, dois bilhões estarão abaixo da linha de pobreza"²¹³ – explica.

Em entrevista à Dezeen, Aravena falou de uma iminente crise global de habitação para a qual considera que os jovens arquitetos não têm vindo a ser preparados. "A pobreza, o crescimento populacional, os desastres naturais e a guerra estão a combinar-se na criação de demanda para mais de um bilhão de casas"²¹⁴ - afirma. É imprescindível que os profissionais de arquitetura estejam preparados para enfrentar desafios impostos por questões políticas e económicas, bem como pelos códigos de construção, a fim de entregar soluções viáveis e eficazes.

Face às condicionantes da sociedade atual, Aravena identifica três variáveis basilares a considerar na resolução do problema: escala, velocidade e escassez de recursos. Em 2003, o arquiteto apresentou aquele que seria o projeto pioneiro de um conceito que ganhou prestígio: 'metade de uma boa casa'. Usando os subsídios

'Metade de
uma boa casa'
Quinta Monroy
(2003)

²¹⁰ KRZYKOWSKI, Matylda, *Quinta Monroy by Alejandro Aravena*. Dezeen, 12 de novembro de 2008. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2008/11/12/quinta-monroy-by-alejandro-aravena/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

²¹¹ "(...) aim to counter bureaucratic projects developed in the 1960s and 1970s throughout Latin America" em HADDAD, Elie; RIFKIND, David (Ed.), *A Critical History of Contemporary Architecture: 1960-2010* [Recurso eletrónico]. Editora Ashgate, 2014.

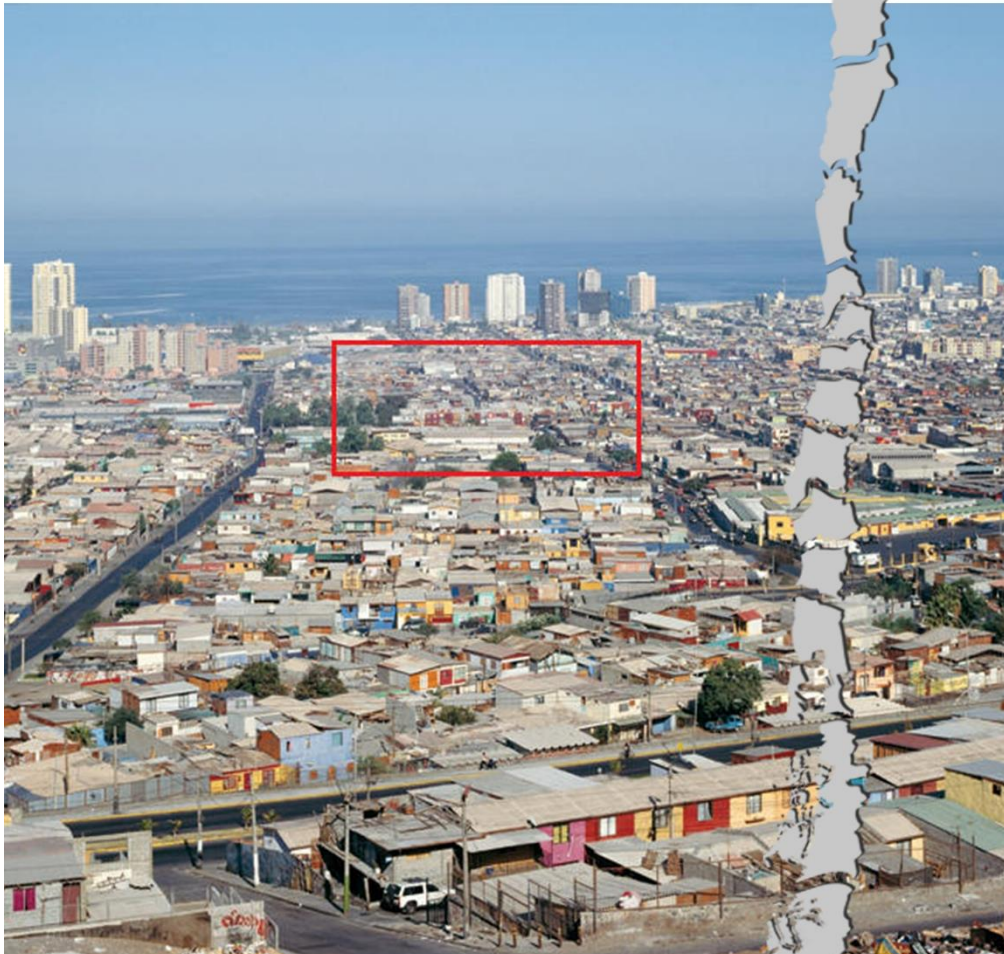
²¹² YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: 'O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta'*. Entrevista publicada na edição nº31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.

²¹³ "Out of the three billion people living in cities today, one billion are under the line of poverty. By 2030, out of the five billion people that will be living in cities, two billion are going to be under the line of poverty." Em ARAVENA, Alejandro, *My architectural philosophy? Bring the community into the process*. (vídeo) TedGlobal2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process#t-731472> acesso em 9 de novembro de 2018.

²¹⁴ "Poverty, population growth, natural disasters and war are combining to create demand for more than a billion houses" em WINSTON, Anna, *Architects "are never taught the right thing" says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

$$X = \frac{150 \text{ famílias} \times 30 \text{ m}^2 \times \text{US } \$ 7.500}{1 \text{ há}}$$

Equação inicial
(ELEMENTAL S.A.)



Vista sobre
Iquique –
localização do
terreno
(Cristobal
Palma)



Fotografias do
local antes da
intervenção
(divulgação
Elemental)

Figura 1. Equação inicial e contexto do lugar antes da intervenção (Iquique, Chile)

limitados do governo, a empresa constrói a metade essencial de uma casa familiar decente. Os moradores podem preencher o vazio ao longo do tempo de acordo com as suas próprias necessidades e situação financeira”²¹⁵. Tratou-se da Quinta Monroy, em Iquique, no Chile, que salvou dezenas de famílias da realocação através da construção de unidades de habitação expansíveis e de infraestrutura pública básica.²¹⁶

“O governo chileno pediu-nos para resolver uma equação difícil: radicar 100 famílias que durante os últimos 30 anos estiveram a ocupar ilegalmente um terreno de 0,5 hectares no centro de Iquique”²¹⁷ explica a equipa. Com um subsídio de \$7500 por família, tinham de comprar o terreno (três vezes mais caro do que o habitualmente suportado), fornecer a infraestrutura e construir a casa.

Face a um orçamento inflexível e escasso, que lhes permitia construir apenas 30m², a solução passaria pela reformulação da pergunta: “(...) em vez de projetar a menor unidade possível, de \$7500 e multiplicá-la 100 vezes, nos perguntámos qual era o melhor edifício de \$7500, capaz de abrigar 100 famílias e suas respetivas ampliações”²¹⁸. A estratégia passou, portanto, pela mudança das prioridades, substituindo o objetivo de uma moradia terminada pela entrega de uma estrutura base num terreno bem localizado, que viria a funcionar como uma oportunidade de inserção para as famílias aí residentes.

Junto às populações, com base num diálogo nem sempre cordial, alguns problemas foram identificados, algumas conclusões foram tiradas, e várias possíveis soluções foram testadas procurando suprir as suas prioridades. A equipa tentava “(...) responder com ferramentas próprias da arquitetura a uma pergunta não-arquitetónica: como superar a pobreza”²¹⁹.

Sendo a boa localização um trunfo para a valorização do edifício, assim como para a economia do habitante dada a proximidade às amenidades e empregos, foi

²¹⁵ “Using limited government subsidies, the firm builds the essential half of a decent-size family home. Residents can then fill in the void over time according to their own needs and financial situation.” em WINSTON, Anna, *Architects "are never taught the right thing" says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

²¹⁶ HADDAD, Elie; RIFKIND, David (Ed.), *A Critical History of Contemporary Architecture: 1960-2010* [Recurso eletrónico]. Editora Ashgate, 2014.

²¹⁷ *Quinta Monroy/ELEMENTAL*. Descrição enviada pela equipa do projeto. Tradução de Victor Delaqua, 6 de fevereiro de 2012. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental>> acesso em 11 de novembro de 2018.

²¹⁸ Idem

²¹⁹ Idem

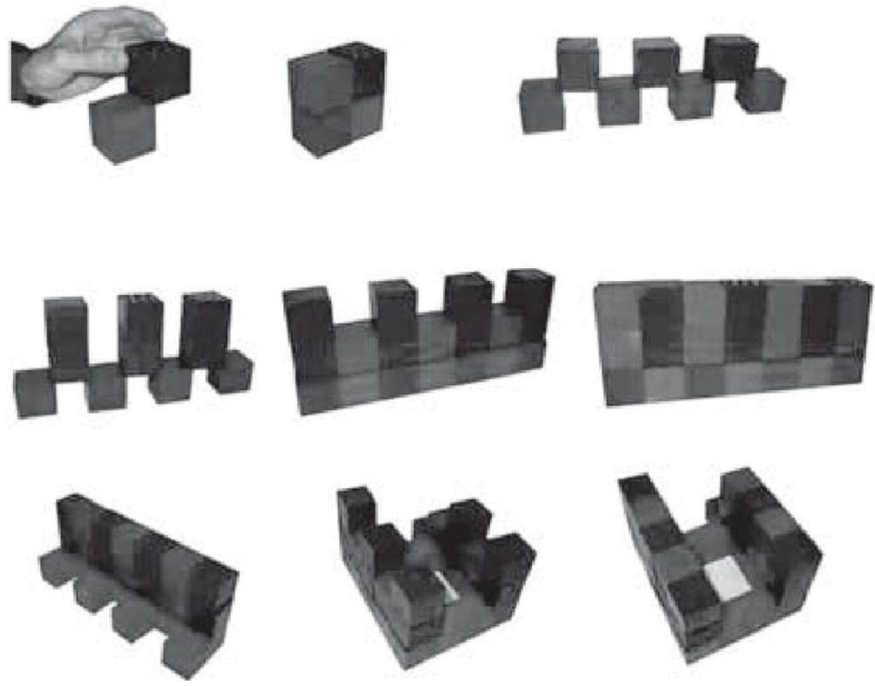
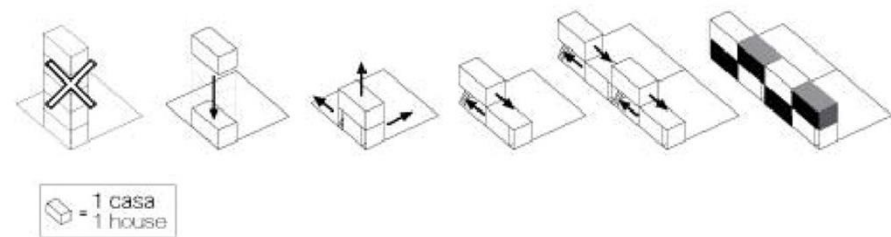
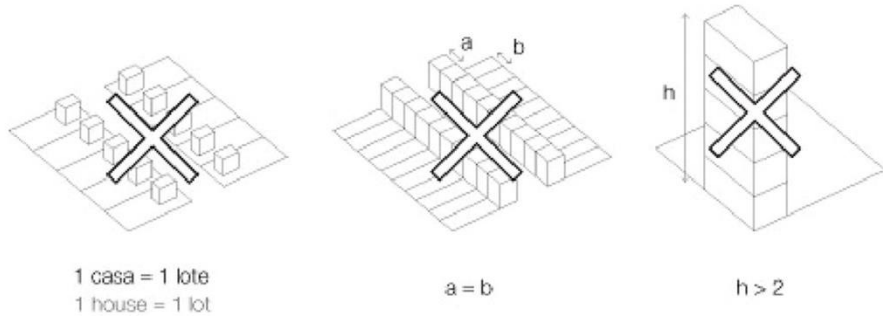
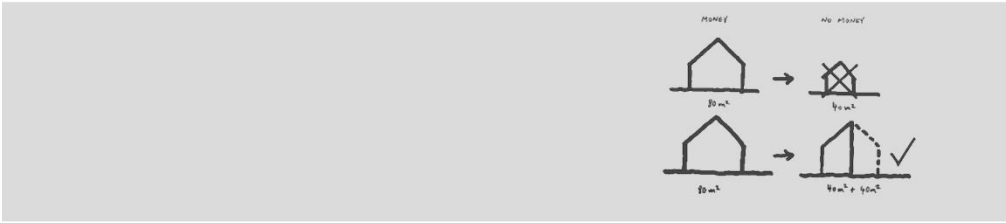


Figura 2. Estudos de tipologias, agregação e ampliação das habitações perante nova equação (ELEMENTAL S.A.)

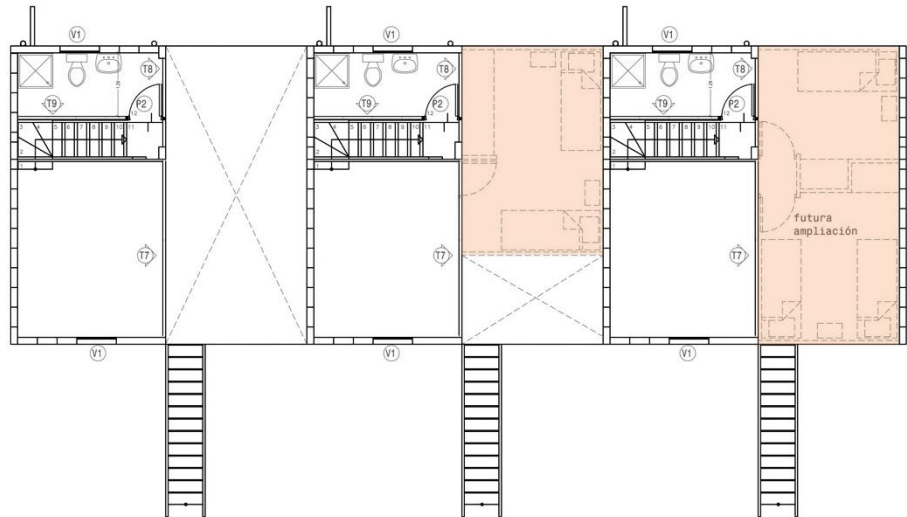
necessário chegar a uma tipologia expansível com uma densidade suficientemente alta para lhes permitir reduzir a área total e, portanto, as despesas de financiamento do terreno. No intuito de preservar as redes sociais e, em simultâneo, ajudar a criar um clima de boa vizinhança, criaram espaços coletivos comuns, mas de acesso restrito, que resultaram no redimensionamento da escala urbana. Dado o carácter auto construtivo de 50% do edifício, foi também importante idealizar uma estrutura permeável que viesse a emoldurar essa construção espontânea. Assim, evitar-se-ia a deterioração do entorno urbano e facilitar-se-ia o processo de ampliação.

Efetuaram vários estudos de viabilidade de implantação no terreno até chegar à que realmente estava de acordo com as necessidades daquela população. Fosse por uso ineficiente do solo, por superlotação ou por falta de condições para a futura expansão, facto é que nenhuma tipologia conhecida se adaptava às condições do terreno dado o número de habitações a ser construído para todas as famílias pudessem manter a posição que tinham conquistado na cidade. “Essa edificação deveria ser suficientemente porosa, para permitir o crescimento de ambas as habitações: seja para as laterais, no mesmo nível ou para cima. Na verdade, essa tipologia escolhida pelo Elemental reflete a real situação da ocupação na Quinta Monroy – as 50 famílias que ocuparam inicialmente o terreno permitiram construções acima delas, para parentes ou amigos. O que diferencia as tipologias é que as casas térreas teriam as vantagens de uma casa (pátio, jardim) e os apartamentos teriam maior qualidade de iluminação, ventilação e segurança”.²²⁰

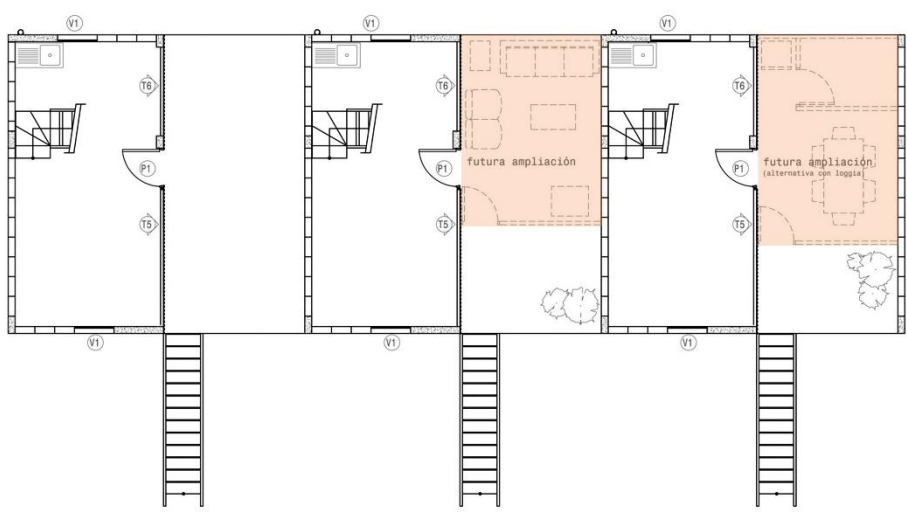
Os ELEMENTAL criaram um sistema aberto e, como expõe Aravena, “quando se cria um sistema aberto, ele personaliza-se, corrige-se, está mais adaptado à realidade - não apenas para a família, mas também para a diversidade cultural. Portanto, não é apenas uma resposta à escassez de meios. Mesmo se tivéssemos muito dinheiro, seria uma solução apropriada”²²¹.

²²⁰ JARDIM, Mariana, *Habitação (é) Elemental: o caso de Quinta Monroy*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Arquitetura, 2017.

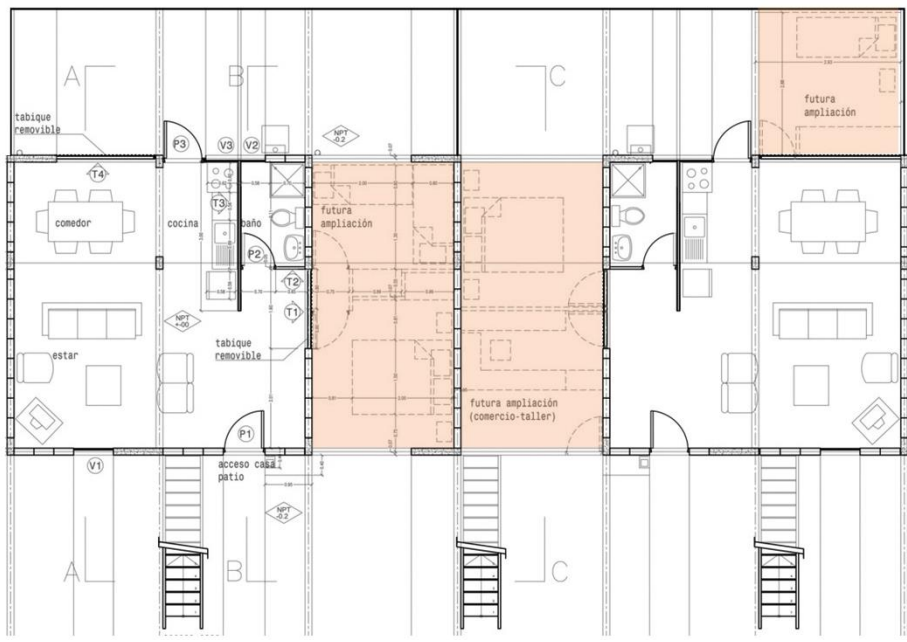
²²¹ “When you create an open system, it customizes itself, it corrects itself, it's more adapted to the reality – not just to the family but also for cultural diversity. So it is not only a response to scarcity of means. Even if we had a lot of money it would have been an appropriate solution” em WINSTON, Anna, *Architects "are never taught the right thing" says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.



Piso 2



Apartamentos
Piso 1



Moradias térreas

Figura 3. Plantas das moradias e possíveis ampliações (ELEMENTAL S.A.)

Entregou-se, à partida, apenas uma parte do projeto de uma habitação de classe média (70m²), com os espaços mais complexos (wc, cozinha, escadas e paredes divisórias) projetados a essa escala, ao invés de uma casa pequena (30m²) onde tudo seria mínimo²²². Os lotes entregues são constituídos por moradias térreas e, acima deles, apartamentos duplex. Ambas as tipologias são compostas por três módulos de 3x6m, dois construídos e um vazio, para futura expansão; os térreos usufruem de um pátio que acompanha a largura do lote, com 3m de profundidade. A área construída não é entregue com qualquer delimitação física, exceto na zona de wc, estando a organização dos restantes espaços ao critério do morador, consoante as suas necessidades. Dado o posicionamento dos pontos hidráulicos, predeterminados, a zona de cozinha torna-se também praticamente fixa.²²³

Nos dias que se seguiram à entrega das casas, no intuito de guiar as futuras intervenções, arquitetos e população reuniram-se numa ‘semana piloto’ de oficinas organizadas pelo Elemental, na qual começaram a pensar as primeiras ampliações, as fachadas, os espaços exteriores, entre outros. Isto revela-se uma novidade em relação aos processos participativos anteriormente conhecidos, por não encontrar na entrega das moradias o fim do processo. Em vez disso, as casas construídas foram usadas como maquetes à escala real, que o cliente podia, por fim, entender, facilitando o diálogo entre o arquiteto e o usuário. Um ano e meio depois, 64% das habitações já contavam com mais de 50m².²²⁴

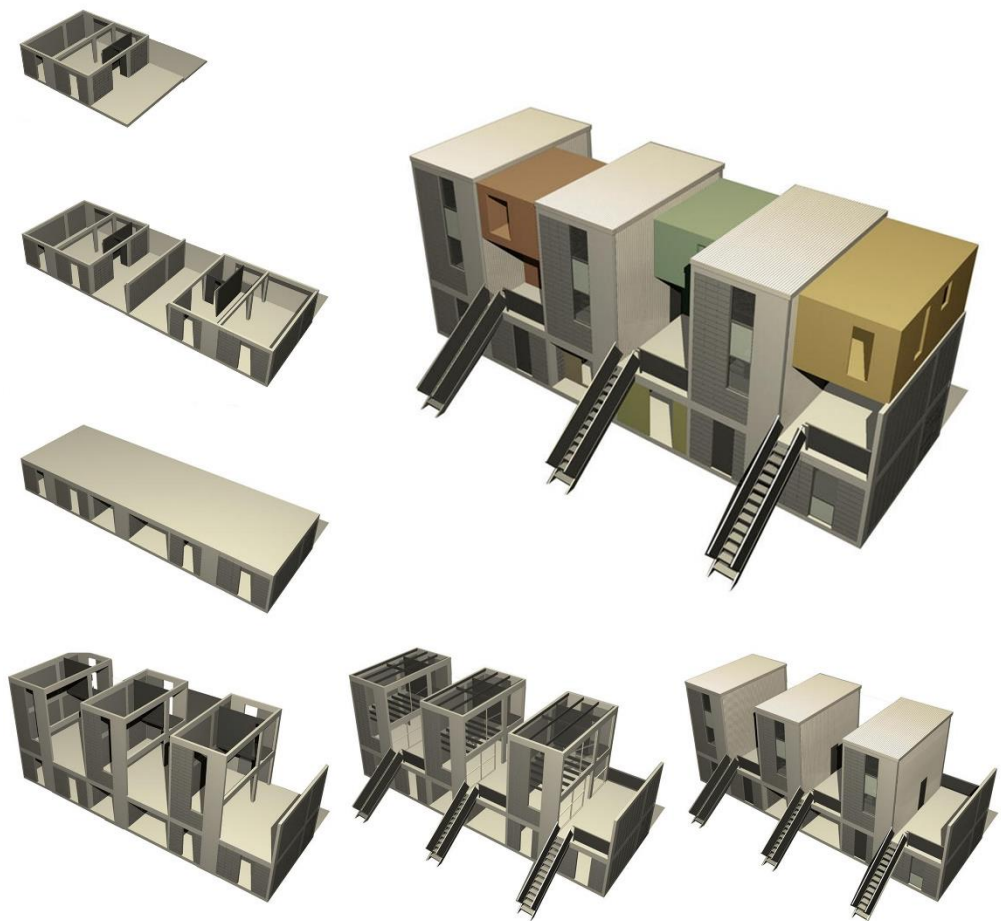
Este método permitia ultrapassar a conotação depreciativa que recaía sobre a habitação social, uma vez que as casas valorizar-se-iam com o decorrer do tempo. Assim, o dinheiro que havia sido investido pelo Estado não seria apenas mais uma despesa que se desvaloriza a cada dia, como acontece na maioria dos projetos subsidiados devido à má localização, meio envolvente e disposição urbana. Em vez disso, clarifica, “(...) cada projeto que fizemos triplicou [em valor]. Isto, para as famílias, é a prova de que eles têm algo valioso nas suas mãos e que podem ir a um banco e pedir um empréstimo para iniciar um pequeno negócio. Então, de alguma forma, a

²²² *Quinta Monroy/ELEMENTAL*. Descrição enviada pela equipa do projeto. Tradução de Victor Delaqua, 6 de fevereiro de 2012. Disponível em < <https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental> > acesso em 11 de novembro de 2018.

²²³ JARDIM, Mariana, *Habitação (é) Elemental: o caso de Quinta Monroy*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Arquitetura, 2017.

²²⁴ Idem

Moradias antes
da expansão
(Tadeuz
Jalocho)



Fases de
construção
(ELEMENTAL
S.A.)

Moradias depois
da expansão
(Tadeuz
Jalocho)



Figura 4. Evolução das moradias

moradia projetada desta maneira não é apenas um abrigo contra as intempéries, é uma ferramenta para superar a pobreza”²²⁵.

Para Aravena o propósito do projeto será canalizar a própria capacidade de construção das pessoas, pois acredita que só assim haverá possibilidade de vencer os desafios da sociedade no contexto em que se insere (escala, velocidade e escassez). Assume, portanto, uma posição que se aproxima da de John Turner, acreditando que nos bairros e nas favelas pode não residir o problema e sim a única solução viável: usar o poder do povo na construção.²²⁶

Aravena “(...) encontra na arquitetura o poder” de desvincular os moradores das suas ambições mundanas, fazendo com que se foquem no “(...) cumprimento das suas necessidades básicas.” O seu discurso “(...) é um manifesto para a ação, é um apelo à liberdade, uma chamada para a arquitetura livre do encargo de escolher entre utilidade e autonomia”²²⁷.

²²⁵ “(...) every single project that we've done, has tripled [in value]. This for families is proof that they have something valuable in their hands and they can go then to a bank and ask for a loan to start a small business. So somehow housing designed that way is not just a shelter against the environment, it's a tool to overcome poverty.” em WINSTON, Anna, *Architects 'are never taught the right thing' says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

²²⁶ ARAVENA, Alejandro, *My architectural philosophy? Bring the community into the process*. (video) TedGlobal2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process#t-731472> acesso em 9 de novembro de 2018.

²²⁷ “As much as he says he wants his publics to be engaged, he finds in architecture the power to disengage them from their mundane wants and to indulge them in the fulfillment of their basic needs. (...) His discourse is a rally for action but it is really a call for freedom, a call to free architecture from the burden of choosing between utility and autonomy.” Em SARKIS, Hashim, *It's Elementary (Not): On the Architecture of Alejandro Aravena*. 25 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.archdaily.com/780947/its-elementary-not-on-the-architecture-of-alejandro-aravena>> acesso em 8 de novembro de 2018.

4.2. Balkrishna Doshi

Prémio Pritzker

"Eu devo este prémio de prestígio ao meu guru, Le Corbusier. Os seus ensinamentos levaram-me a questionar a minha identidade e a descobrir novas expressões contemporâneas adotadas regionalmente para um habitat holístico sustentável. Com toda a minha humildade e gratidão, quero agradecer ao júri do Prémio por este reconhecimento profundamente tocante e recompensador do meu trabalho. Isto reafirma a minha crença de que 'a vida celebra quando o estilo de vida e a arquitetura se fundem'."²²⁸

Durante mais de 60 anos, Balkrishna Doshi²²⁹ tem vindo a fazer contribuições significativas ao seu país e às comunidades às quais se dedica, através de projetos de arquitetura que vão desde a administração e serviço público a instituições educacionais, culturais e residenciais destinadas a clientes privados, atendendo a todos os estratos da sociedade. "O trabalho da vida de Balkrishna Doshi realmente ressalta a missão do Prémio - demonstrando a arte da arquitetura como um serviço inestimável para a humanidade"²³⁰, afirma Tom Pritzker.

Independência da Índia - Identidade em construção

A sua história pode fundir-se com a história da Índia; o reconhecimento da sua arquitetura é, em simultâneo, o reconhecimento da especificidade de um subcontinente.²³¹ Tendo iniciado a sua atividade profissional pouco depois da independência da Índia, teve os seus ideais influenciados pelos pensadores do movimento de independência de 1947. Deste modo, "(...) a carreira de Doshi é dedicada a estabelecer uma identidade para a arquitetura indiana contemporânea, e alcançou-o através do enraizamento do seu trabalho no contexto regional, associando

228 "I owe this prestigious prize to my guru, Le Corbusier. his teachings led me to question identity and compelled me to discover new regionally adopted contemporary expression for a sustainable holistic habitat. with all my humility and gratefulness I want to thank the pritzker jury for this deeply touching and rewarding recognition of my work. this reaffirms my belief that, 'life celebrates when lifestyle and architecture fuse'." Balkrishna Doshi citado em STEVENS, Philip, *Balkrishna Doshi: 8 essential projects by the 2018 pritzker laureate*. Designboom, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.designboom.com/architecture/balkrishna-doshi-projects-pritzker-prize-round-up-03-12-2018/>> acesso em 30 de novembro de 2018.

229 Balkrishna Doshi (nascido em 1927) é um arquiteto e professor indiano, vencedor do Prémio Pritzker 2018. Foi membro dos CIAM e associado do Team X. Destaca-se na área da habitação social e no desenvolvimento da identidade arquitetónica indiana.

230 "The life's work of Balkrishna Doshi truly underscores the mission of the Prize—demonstrating the art of architecture and an invaluable service to humanity." Tom Pritzker citado em MATA, Denny, *The Design Philosophy of B.V. Doshi, 2018 Pritzker Prize Laureate*. 9 de março de 2018. Disponível em <<https://bluprint.onemega.com/doshi-2018-pritzker-prize-winner/>> acesso em 30 de novembro de 2018.

231 SALEMA, Isabel; CARDOSO, Joana, *O Prémio Pritzker chegou finalmente à arquitetura indiana*. Público, 7 de março de 2018. Disponível em <<https://www.publico.pt/2018/03/07/culturaipsilon/noticia/o-arquitecto-indiano-balkrishna-doshi-e-o-premio-pritzker-de-2018-1805717>> acesso em 30 de novembro de 2018.

os seus projetos ao ambiente local e construindo com base nas ricas tradições arquitetônicas e de construção da Índia.²³²

Apesar de, no início da sua carreira, ter colaborado com grandes nomes da arquitetura, tais como Le Corbusier e Louis Kahn, e de a eles dever algumas das suas influências modernistas, foi nas últimas décadas que a sua arquitetura encontrou significado, quando se afastou dos ideais dos seus mentores e se aproximou da cultura e tradição Indiana²³³. “Desde a fundação do Vastushilpa (agora conhecida como Vastushilpa Consultants) em 1956, Doshi tem combinado as lições aprendidas com esses dois mestres modernos com uma sensibilidade local. A sua forma distintamente indiana de regionalismo crítico combina as formas esculturais de betão e de tijolo dos seus mentores com layouts arquitetónicos e morfologias urbanas reconhecidamente indianos”²³⁴.

Influências
Modernistas

O resultado, como salienta o júri do Pritzker, tem vindo a demonstrar a constante conciliação entre questões funcionais e estruturais e todo o contexto que envolve os seus projetos, considerando o clima, o local, as pessoas e as técnicas para uma vasta compreensão das particularidades do lugar²³⁵. Assim, as suas obras tornam-se a representação física de uma tensão que se estabelece entre modernização universal e idiossincrasia cultural.

“A explicação comum dada para o crescimento intelectual pessoal de Doshi foi ter passado do estilo internacional, da influência de Le Corbusier e de Louis Kahn, para uma compreensão mística das muitas influências que moldaram o vernáculo rico do seu país para criar uma nova arquitetura enraizada no passado, que é contemporânea, mas não modernista”²³⁶. Doshi, por sua vez, coloca no âmago da sua arquitetura a

Passado
enquanto lição
para o futuro

²³² “Doshi’s career is devoted to establishing an identity for the contemporary Indian architecture, and he has accomplished this by rooting his work in the regional context, marrying his designs with the local environment, and building on India’s rich architectural and building traditions.” Em SENNOTT, Stephen (Ed.), *Encyclopedia of 20th-Century Architecture*, Volume 1. Nova Iorque: Fitzroy Dearborn, 2004. Pág.697.

²³³ Idem. Pág.698.

²³⁴ “Since founding his practice Vastushilpa (now known as Vastushilpa Consultants) in 1956, Doshi has combined the lessons learned from these two modern masters with a local sensibility. His distinctly Indian form of critical regionalism synthesizes the sculptural concrete and brick forms of his mentors with recognizably Indian architectural layouts and urban morphologies.” Em *Balkrishna Doshi Named 2018 Pritzker Prize Laureate*, 7 de março de 2018. Disponível em <<https://www.archdaily.com/890126/balkrishna-doshi-named-2018-pritzker-prize-laureate>> acesso em 13 de dezembro de 2018.

²³⁵ *The Pritzker Architecture Prize – Jury citation*. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/balkrishna-doshi>> acesso em 5 de dezembro de 2018

²³⁶ “The common explanation given for Doshi’s personal intellectual growth has been that he has moved from international style Modernism, from the sway of le Corbusier and Louis Kahn, toward a mystical understanding of the many alien influences that have

capacidade de transformar situações adversas em oportunidades.²³⁷ Isto foi algo que, como afirma, aprendeu com Le Corbusier: olhar para a história como algo ‘a aprender com’ e ‘ir para além de’. “Podemos sonhar mais? Podemos pensar em outra coisa?”²³⁸ - questiona. “O consciente e o inconsciente puxam para o passado e o presente, rumo ao Oriente e ao Ocidente e é isso que torna a minha prática mais rica”²³⁹ - afirma.

O seu objetivo residiu sempre na procura de uma linguagem arquitetónica capaz de abranger a diversidade sociocultural do seu país. A sua preocupação “(...) não era criar um estilo, mas apoiar um ethos que reconhece as complexidades da Índia”²⁴⁰. Deste modo, baseando as suas respostas no contexto local, perseguiu uma prática ética e pessoal, poética e funcional, que explora as necessidades fundamentais da vida humana, a conectividade com o indivíduo e com a cultura, e o respeito pelas tradições sociais.²⁴¹

Inclusão

“Se eu, como arquiteto, não sou capaz de fazer algo pelo meu povo e fornecer-lhe aquilo de que precisa, então devo dizer que o meu trabalho está incompleto”²⁴², afirma. “Além da estética, Doshi argumentou que a arquitetura e o design urbano - feitos corretamente - podem e devem ser socialmente transformadores para as populações mais pobres”²⁴³, considerando fundamental que os arquitetos repensem a sua aproximação à construção dessas comunidades.

shaped the rich vernacular of his country to create a new architecture rooted in the past, which is contemporary, but not Modernist.” Em STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998. Pág.188.

²³⁷ GANGWAR, Gaurav, *Fusion of Ancient and Contemporary Design Principles in the Works of B.V. Doshi*. Journal of Civil Engineering and Environmental Technology, volume 4, janeiro-março 2017.

²³⁸ “Can we dream more? Can we think something else?” em DOSHI, Balkrishna, *Create, explore and love your life*. (Video) TEDx. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9a_2DyN_GtM> acesso em 14 de outubro de 2018.

²³⁹ “the conscious and unconscious pull towards past and present, towards East and West and this is what makes my practice richer.” em DOSHI, Balkrishna. *Between Notion and Reality* in Architecture Plus Design; Bombay Vol. 5, Ed. 2, 1 de Janeiro de 1989. Pág.20.

²⁴⁰ “(...) was not to create a style, but to support an ethos that acknowledges India's complexities.” Em *Balkrishna Doshi: Reassessing the present and the past*, an excerpt from an essay published in the League's 1998 exhibition catalogue, An Architecture of Independence: The Making of Modern South Asia. The Architectural League of New York, 9 de março de 2018. Disponível em <<https://archleague.org/article/balkrishna-doshi/>> acesso em 9 de dezembro de 2018.

²⁴¹ MATA, Denny, *The Design Philosophy of B.V. Doshi, 2018 Pritzker Prize Laureate*. 9 de março de 2018. Disponível em <<https://bluprint.onemega.com/doshi-2018-pritzker-prize-winner/>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

²⁴² “If I as an architect am not able to do something for my people and provide them with what they need, then I should say my job is incomplete” Balkrishna Doshi citado em BEAUMONT, Peter, *Low-cost housing needs dignity, says Indian architect Balkrishna Doshi*, The Guardian, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2018/mar/12/low-cost-housing-needs-dignity-indian-architect-balkrishna-doshi>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

²⁴³ “Beyond aesthetics, Doshi argued that architecture and urban design – done right – can and should be socially transformative for the world's poorest.” Idem.

“Como arquitetos, devemos ser “designers” sociais, económicos e culturais. Mas na verdade somos exclusivos quando precisamos de ser inclusivos”²⁴⁴. Doshi acredita que o profissional de arquitetura, em especial aquele que trabalha com habitação económica ou com educação, deve repensar a postura individualista do “designer” em prol de uma abordagem mais generosa e tolerante, estabelecida através da partilha de memórias, experiências e aspirações. Desta forma, através dessa troca, vive-se e ‘faz-se’ a cultura.

Foi no decorrer dos anos 50 que Doshi realizou o seu primeiro projeto de habitação social. “Parece que eu deveria fazer um juramento e lembrar-me disso durante toda a minha vida: fornecer à classe mais baixa a moradia apropriada”²⁴⁵, disse.

Balkrishna Doshi veio a cumprir este propósito em diversos projetos, dos quais se destaca o conjunto habitacional de baixo custo de Aranya (1989). Baseando a sua pesquisa na resposta às questões ‘como garantir o bem-estar da população’ e ‘como promover a dignidade e a identidade através da arquitetura’, entendeu a sociedade como uma organização viva, à qual nunca poderia ser imposta uma arquitetura de valor estático: “(...) Doshi vê as comunidades e os lugares físicos em que vivem como ‘orgânicos’ e ‘confusos’ adaptando, inevitavelmente, aquilo que o arquiteto projetou”²⁴⁶.

Entende, deste modo, que a função do arquiteto passa por, ao invés de entregar aquilo que, num futuro provável, a sociedade precisaria, deixar nas mãos das pessoas o poder de acrescentar e moldar os espaços em que se inserem, fazendo deles uma extensão das suas vidas. Encara a arquitetura como uma organização também ela viva e adaptável, no lugar de um objeto inerte e inflexível: “(...) não existe nenhuma questão

A sociedade
enquanto
organização viva

²⁴⁴ “As architects we are supposed to be social, economic and cultural designers. But really we are exclusive when we need to be inclusive.” Balkrishna Doshi citado em BEAUMONT, Peter, *Low-cost housing needs dignity, says Indian architect Balkrishna Doshi*, The Guardian, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2018/mar/12/low-cost-housing-needs-dignity-indian-architect-balkrishna-doshi>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

²⁴⁵ “It seems I should take an oath and remember it for my lifetime: to provide the lowest class with the proper dwelling.” Em *The Pritzker Architecture Prize – Jury citation*. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/balkrishna-doshi>> acesso em 5 de dezembro de 2018

²⁴⁶ “(...) Doshi sees communities and the physical places they live as ‘organic’ and ‘messy’ and inevitably adapting what the architect has designed.” Balkrishna Doshi citado em BEAUMONT, Peter, *Low-cost housing needs dignity, says Indian architect Balkrishna Doshi*, The Guardian, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2018/mar/12/low-cost-housing-needs-dignity-indian-architect-balkrishna-doshi>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

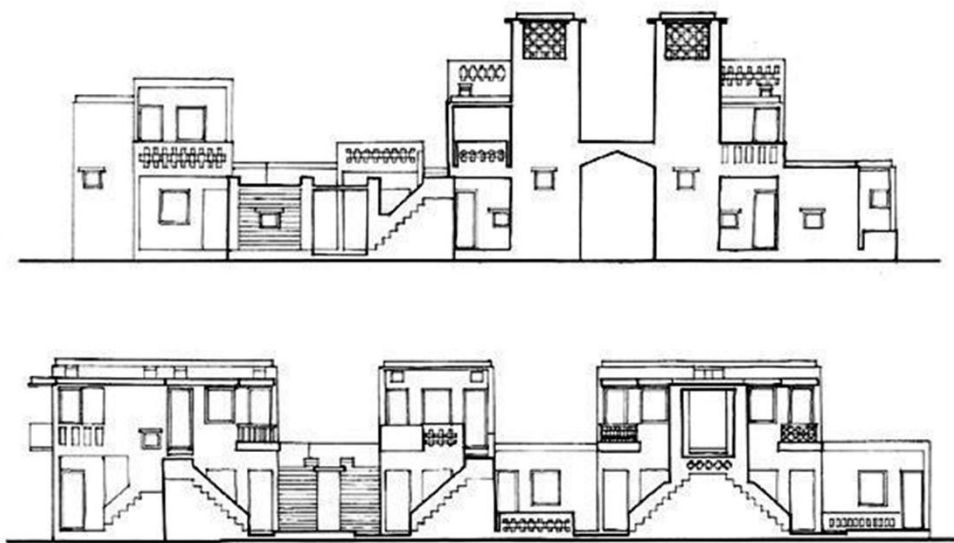


Figura 5. Alçados das casas-protótipo Aranya (VSF)

que se defina de uma única maneira”²⁴⁷ – afirma - “Deve-se capacitar as pessoas (...) para que elas tenham dignidade, tenham orgulho, e tenham a iniciativa para mudar”²⁴⁸.

Funcionando com uma expansão do conceito de “sites and services”, o conjunto habitacional Aranya foi parte de uma política pública de habitação social que Doshi ajudou a formular, com a ambição de suportar a iniciativa de autogestão e construção. “Se o Estado concede a propriedade do terreno e os serviços essenciais, elas (as pessoas) são capazes de mobilizar recursos para fazer o resto. E isto gera esperança, pois elas começam a vislumbrar o futuro. Eu fui um catalisador deste processo”²⁴⁹, relata.

O conjunto representou uma das suas maiores conquistas por ser a síntese dos seus princípios. Com 85 hectares de terreno, localizado a seis quilómetros do centro de Indore, o projeto foi o resultado de vários estudos que Doshi iniciou no princípio dos anos 80 acerca da dinâmica dos bairros informais. A sua pesquisa não pretendia a construção de comunidades que viessem pôr fim aos mesmos, configurava antes a curiosidade e a humildade de aprender com eles. Procurava “(...) determinar a ordem oculta por detrás do que normalmente parece ser uma desordem caótica de habitações em ruínas”²⁵⁰ e entender o sentido de coletividade que, apesar das circunstâncias, daí advém.

Os problemas que inviabilizavam as favelas e os outros arranjos informais iam muito além de questões arquitetónicas passíveis de ser resolvidas através do desenho, seria necessário planeamento e suporte público e financeiro. De tal modo, Doshi estabeleceu para o projeto quatro objetivos primários:

- “Criar um conjunto onde houvesse senso de continuidade e valores fundamentais de segurança num bom ambiente de vida;

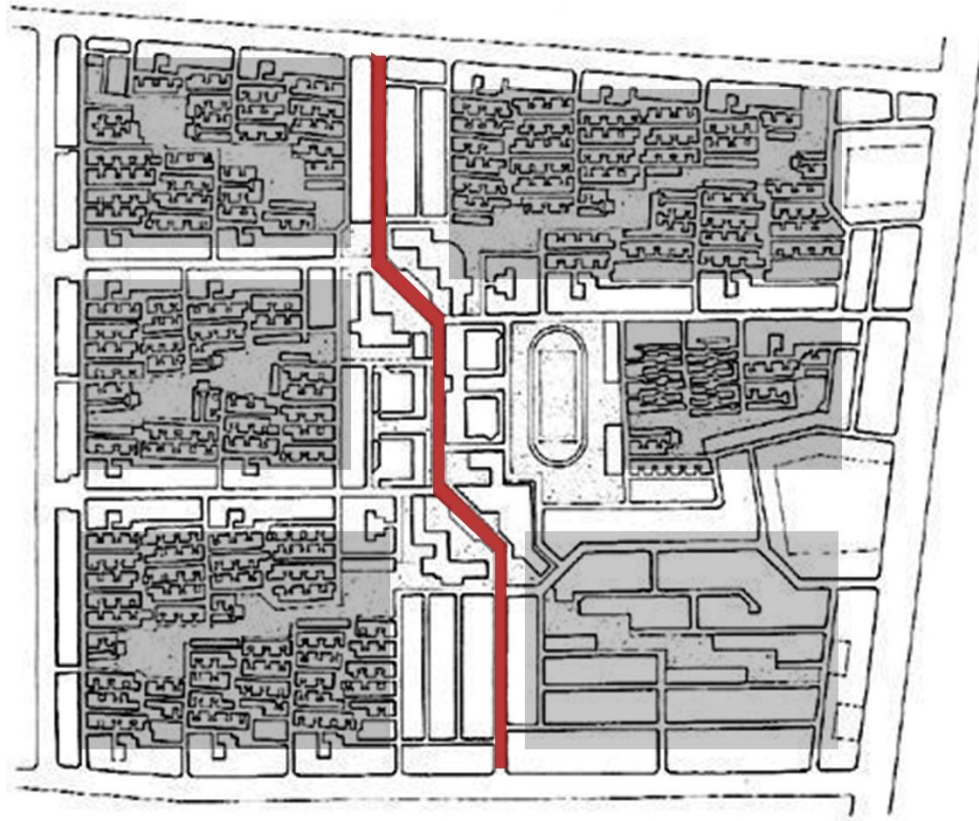
²⁴⁷ “(...) there is no question of only one definition” em Breaking the Barriers, A lecture by 2018 Pritzker Architecture Award Laureate, B V Doshi. 22 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nA3BytEMx5M>> acesso em 12 de dezembro de 2018.

²⁴⁸ “You have to empower people (...) so that they get dignity, they get pride, and they get the initiative to change.” Idem.

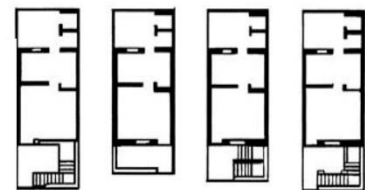
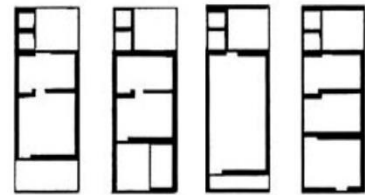
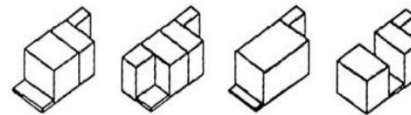
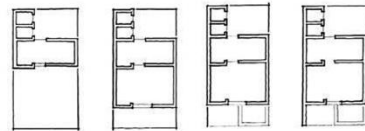
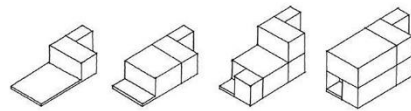
²⁴⁹ Balkrishna Doshi citado em WENZEL, Marianne, *Conheça o trabalho de Balkrishna Doshi, vencedor do Pritzker 2018*. Casa Vogue, 27 de maio de 2018. Disponível em <<https://casavogue.globo.com/Design/noticia/2018/05/conheca-o-trabalho-de-balkrishna-doshi-vencedor-do-pritzker-2018.html>> acesso em 15 de dezembro de 2018.

²⁵⁰ “(...) to determine the hidden order beneath what ordinarily appears to be a chaotic jumble of ramshackle dwellings.” Em STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998. Pág.115

Mapa de zoneamento.
Planta do território (VSF)



Setores destinados a habitação ■
Eixo central (zona comercial) ■



Possíveis configurações das unidades habitacionais-flexibilidade (VSF)

Figura 6. Organização do território e modelos habitacionais (ex.)

- Alcançar um caráter comunitário, estabelecendo harmonia entre o ambiente construído e as pessoas;

- Criar uma comunidade equilibrada de vários grupos socioeconômicos, incentivando a cooperação, a tolerância e a autoajuda geradas por meio de um processo de planejamento físico;

- Desenvolver uma estrutura através do *design*, onde a evolução física incremental pudesse ocorrer dentro das diretrizes legais, econômicas e organizacionais.”²⁵¹

Dado que a maioria dos moradores, por falta de meios, comprou apenas o terreno, optou-se pela elaboração de diversos modelos habitacionais que lhes desse diretrizes para a autoconstrução, procurando suprir as diferentes carências dos moradores, de acordo com o seu nível econômico. Foram colocados à sua disposição materiais de construção como betão, tijolo e pedra, no entanto, cabia ao morador a decisão dos materiais que usaria para a construção e decoração da sua casa. “Doshi projetou sessenta protótipos de casas que incorporavam uma ampla variedade de possibilidades, estendendo-se para cima, a partir de abrigos de uma única divisão, até edifícios de dimensões substanciais”²⁵². As menores parcelas, de 35m², foram responsáveis pela ocupação de 66% do terreno²⁵³.

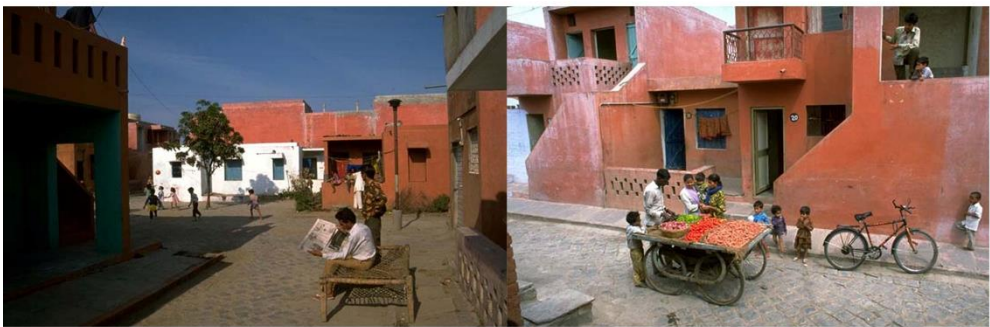
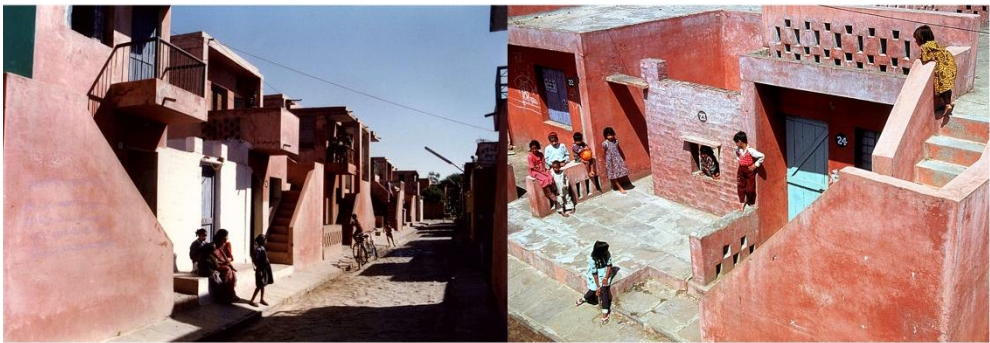
A organização espacial passou pela existência de um eixo central norte-sul onde se agregariam as principais amenidades, constituindo uma área destinada ao comércio. Em torno desta, a nascente e poente, as habitações organizar-se-iam por seis setores - com populações compreendidas entre os 7000 e os 12000 habitantes cada - cortados diagonalmente por parques lineares. Foram consideradas questões climáticas, usando a orientação das casas e as diferentes alturas e rotações dos

²⁵¹ “To create a township where a sense of continuity and fundamental values of security exist in a good living environment. To achieve a community character by establishing harmony between the built environment and the people. To create a balanced community of various socio-economic groups, encouraging co-operation, tolerance and self help generated through a physical planning process. To evolve a framework through design, where incremental physical development can take place within legal, economic and organizational guidelines.” Em STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998. Pág.119

²⁵² “Doshi designed sixty house prototypes which incorporated a wide variety of possibilities, extending upwards from one-room shelters to substantial buildings.” Em HIGGOTT, Andrew, *Key Modern Architects: 50 Short Histories of Modern Architecture*. Reino Unido: Bloomsbury Publishing, 2018. Pág. 222.

²⁵³ STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998.

Fotografia aérea
– densidade
construída
(John Paniker)



Unidades de
habitação e
relação com os
espaços
públicos (VSF)



Figura 7. Fotografias da intervenção

edifícios para controlo de luz e sombra. “Dez casas, cada uma com um pátio na parte de trás, formam um aglomerado que se abre para uma rua. As ruas e praças internas são pavimentadas.”²⁵⁴ Procurou-se ainda atender às necessidades mais urgentes de saneamento e acesso público: um tanque séptico foi fornecido para cada vinte habitações. “Em vez de serem considerados uma necessidade pragmática, os núcleos de serviço foram considerados a chave para este esquema de ‘sites-and-services’, os ‘núcleos’ em torno dos quais as casas, que podem ter muitas configurações diferentes, podem crescer. (...) Doshi adotou uma abordagem abrangente, em vez de sequencial, para evitar tratar as casas como o ‘resíduo’ da estrutura de planeamento, incapaz de mudar. Em vez de se concentrar no sistema, a sua ênfase era concentrar-se nos moradores”²⁵⁵.

Doshi procurou ainda criar plataformas exteriores, localizadas entre o espaço público e privado de cada habitação, a tradicional ‘otta’ da paisagem urbana de Indore. Estes espaços destinam-se à paragem dos transeuntes para conversar, pretendendo com isto promover um senso coeso de comunidade. O conjunto de Aranya consistiu, portanto, em edifícios residenciais (58% do uso do solo), acessos (23.5%), espaços abertos (8%) e instalações comerciais e comunitárias (7%), procurando o desenvolvimento da qualidade de vida e a criação de estruturas sociais²⁵⁶. Como referiu o júri do Prémio Pritzker: “Todo o planeamento da comunidade, a escala, a criação de espaços públicos, semipúblicos e privados são um testemunho da sua compreensão de como as cidades funcionam e da importância do desenho urbano”²⁵⁷.

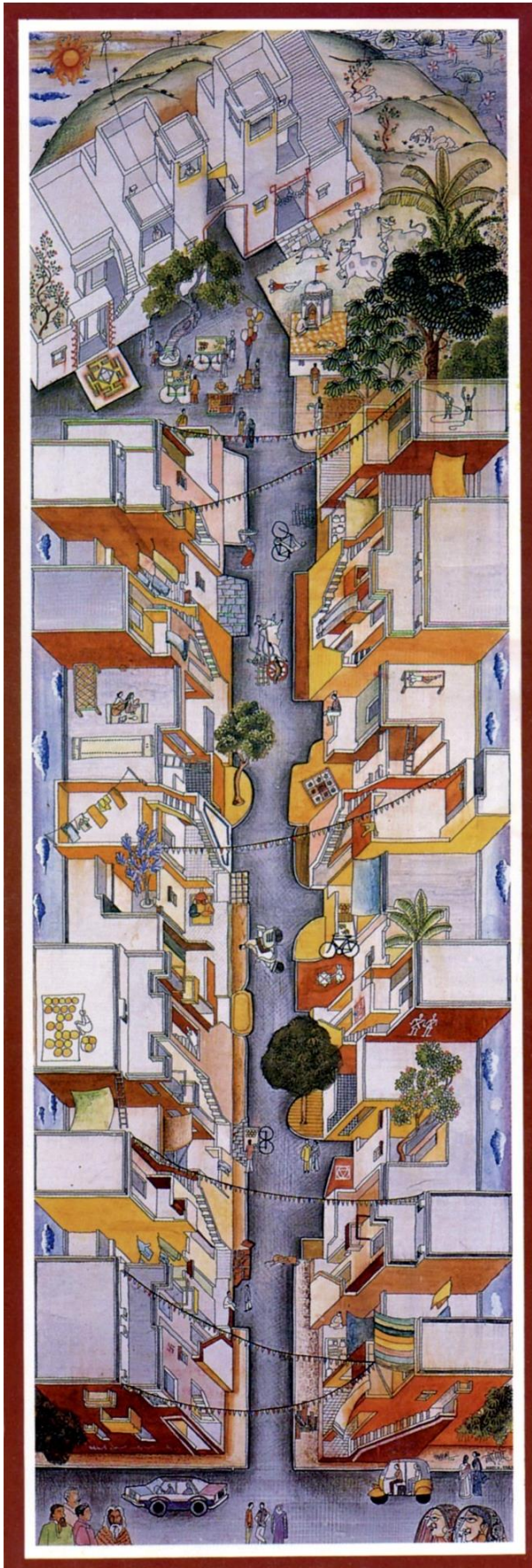
Partindo de um conceito de abrigo e considerando a habitação um processo e não um produto, o projeto propôs-se à criação de lares que transformariam a comunidade numa oportunidade para cada um dos seus moradores. A cada família foi entregue um

²⁵⁴ “Ten houses, each with a courtyard at the back, form a cluster that opens onto a street. Internal streets and squares are paved.” Em *Aranya Community Housing*. Aga Khan Award for Architecture. Disponível em <<https://www.akdn.org/architecture/project/aranya-community-housing>> acesso em 21 de dezembro de 2018.

²⁵⁵ “Rather than being regarded as a pragmatic necessity, the service cores were considered the key to this sites-and-services scheme, the ‘nuclei’ around which the houses, which can take many different configurations, can grow. (...) Doshi adopted a comprehensive rather than sequential approach, to avoid treating the houses as the ‘residue’ of the master planning framework, unable to change. Rather than focusing on the system, his emphasis was to concentrate on the residents.” Em STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998. Pág.120

²⁵⁶ Idem

²⁵⁷ “The entire planning of the community, the scale, the creation of public, semi-public and private spaces are a testament to his understanding of how cities work and the importance of the urban design.” Em *The Pritzker Architecture Prize – Jury citation*. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/balkrishna-doshi>> acesso em 5 de dezembro de 2018



Desenho de
Balkrishna Doshi
(VSF)

Figura 8. Perspetiva de uma rua

lote provido de tanque de água, conexão de esgoto, drenagem de águas pluviais e acesso pavimentado e iluminado²⁵⁸. “Agora, com mais de 80 mil habitantes, o lugar é um sistema de casas conectadas por pátios e caminhos internos onde famílias de baixo e médio estatuto económico convivem de uma forma fluida, sem barreiras. ‘Desenhei algumas casas-protótipo e os moradores foram adaptando, inventando novas soluções. Hoje, algumas unidades têm até três andares. Tudo isso significa que, se dermos oportunidade para as pessoas chegarem lá, elas chegam. Acho que essa foi a minha maior contribuição social’, concluiu”²⁵⁹.

²⁵⁸ KOLAMKAR, Ankita, *Aranya low-cost housing: Indore*. 20 de maio de 2012. Disponível em <<https://www.slideshare.net/ankita224/aranya-low-cost-housing>> acesso em 21 de dezembro de 2018.

²⁵⁹ WENZEL, Marianne, *Conheça o trabalho de Balkrishna Doshi, vencedor do Pritzker 2018*. Casa Vogue, 27 de maio de 2018. Disponível em <<https://casavogue.globo.com/Design/noticia/2018/05/conheca-o-trabalho-de-balkrishna-doshi-vencedor-do-pritzker-2018.html>> acesso em 15 de dezembro de 2018.

Conclusão

“As restrições vêm apenas de nós... as limitações, somos nós que as criamos, porque não temos certeza até onde podemos ir, até onde podemos atravessar as fronteiras. Se podemos quebrar as noções do que nos ensinaram, do que está escrito nos livros, e entrar no contexto de hoje (...), se nos estamos realmente a conectar ao mundo, então porque nos continuamos a conectar a estes espaços limitados, a estas margens limitadas...”²⁶⁰.

Alejandro Aravena e Balkrishna Doshi constituem, como vimos, o testemunho de uma arquitetura que se destaca pelo modo como vai ao encontro das necessidades dos seus utilizadores e da sociedade em que se insere. Procurando responder às mais diversas problemáticas de acordo com as idiosincrasias de cada comunidade, atendem a fatores que nem sempre se relacionam diretamente com a arquitetura, mas sempre com os conceitos de inclusão, de humanismo e de diversidade cultural.

“Ricoeur sugere que manter qualquer tipo de cultura autêntica no futuro irá depender, em última instância, da nossa capacidade de gerar formas vitais de cultura regional enquanto nos apropriamos de influências estrangeiras, tanto no plano da cultura quanto no plano da civilização”²⁶¹, alegava Frampton, nos anos 80, ao teorizar sobre o Regionalismo Crítico.

²⁶⁰ “Restrictions come from us only... limitations, we create, because we are not sure how far can we go, how far can we cross the boundary. If we can break the notions of what we were taught, of what is written in the book, and go into today's context (...), if you are really getting connected to the world, then why you get connected to these limited spaces, limited roofs...” em *Breaking the Barriers*, A lecture by 2018 Pritzker Architecture Award Laureate, B V Doshi. 22 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nA3BytEMx5M>> acesso em 12 de dezembro de 2018.

²⁶¹ “Ricoeur suggests that sustaining any kind of authentic culture in the future will depend ultimately on our capacity to generate vital forms of regional culture while appropriating alien influences at the level of both culture and civilization.” em FRAMPTON, Kenneth, *Modern architecture: a critical history*, London: Thames and Hudson Ltd, 1985, pág.314.

De alguma forma, este tipo de arquitetura tem vindo a ganhar reconhecimento nos últimos anos: aquela que faz das culturas regionais e nacionais “(...) manifestações localmente moduladas da ‘cultura mundial’”²⁶². Ou seja, aquela que se adapta, que comunica com as pessoas, que permite trocar experiências, repensar as questões, a disciplina e os papéis de cada um.

Importa considerar que isto não foi, como pudemos constatar no decorrer desta dissertação, uma transformação repentina. Pelo contrário, acompanhou a revolução cultural que marcou o século XX, num longo processo onde a participação surgiu, em diferentes momentos, enquanto resultado e enquanto consequência.

Quando meios como a imprensa, a rádio e a televisão iniciaram o processo de democratização da informação, essa mutação dos modelos de comunicação levou a uma alteração de comportamentos, que se viria a refletir numa atitude de maior envolvimento social por parte daqueles que eram até então, apenas recetores da mesma. Se esta abertura demarcava dois segmentos distintos – o da consciencialização e o da manipulação – concedia também à população o entendimento maior de que dependia deles a aplicação desta ferramenta enquanto condicionante, enquanto uma poderosa arma a seu favor. Por entender o poder de aproximação que os meios, mais ainda do que as mensagens difundidas, concediam à sociedade, McLuhan enuncia, nos anos 60, o conceito de Aldeia Global.

A relevância deste conceito para a arquitetura residiu, como estudado no segundo capítulo, na abertura de portas para a perceção dos problemas que eram vividos, para a comunicação ativa e para o questionamento do papel social do arquiteto a quem foi, gradualmente, sendo conferida maior responsabilidade. Nos anos 60, a arquitetura viu-se fortemente abalada pelas tensões sociais, culturais e políticas que despertavam consciências, resultando na busca de novos códigos, ideologias e valores sociais. A participação acaba por surgir como uma solução espontânea, como um meio para a reversão do panorama social e para a restauração da legitimidade da arquitetura.

Outro importante conceito resultante deste ciclo foi o conceito de interdisciplinaridade associado à disciplina arquitetónica, que começa a considerar

²⁶² “(...) locally inflected manifestations of ‘world culture’” Ibidem.

outras matérias, outros princípios e filosofias na busca de soluções, admitindo a complementaridade disciplinar estabelecida entre a arquitetura e a economia, a política, a história e a sociedade como um todo, sendo que não mais poderia encontrar um fim em si própria.

Não obstante tenham constituído uma evolução, estes princípios constituíram também uma barreira no momento em que geraram a falta de entendimento entre os agentes das diversas áreas profissionais. O caráter experimental dos projetos que se iam desenvolvendo no decorrer das décadas de 60 e 70 não possibilitava a percepção de que as propostas talvez não correspondessem às necessidades dos seus moradores. Existia a consciência, existia o descontentamento, mas as linguagens que arquiteto e destinatário falavam eram muito diferentes e, na altura, ainda muito distantes. Não bastava prover habitação, conhecer o morador, as suas rotinas, as suas ambições, a sua forma de habitar; era preciso que o arquiteto soubesse interpretar esses dados. Havia participação, mas os limites a ela impostos eram ainda muito significativos; se havia comunicação, faltava muitas vezes entendimento.

Nos finais do séc. XX, com a Internet, uma nova revolução atingiu a sociedade. A velocidade que lhe esteve inerente alterou a relação entre os media (convergência de media) e, mais importante, alterou a relação entre o utente e os media. A Internet funcionou como um motor de agitação social que ultrapassava limites geográficos e barreiras sociais. Mais do que um meio de transmitir informação, constituiu um meio de expressão e de interação que gerou maior interesse da opinião pública, multiplicando as vias de manifestação dos utilizadores.

No que respeita à arquitetura, se por um lado esta nova realidade trouxe liberdade de acesso e de difusão de conteúdo, podendo gerar oportunidades de receita e de crescimento (do arquiteto, do lugar, da obra, etc.), leva-nos também a um excesso de difusão de imagens. É preciso ter presente, hoje, que boas imagens não representam boa arquitetura, e universalidade não representa identidade ou diversidade cultural. Por tudo isto, por alguns dos valores da arquitetura se terem tornado difusos, encontramos-nos hoje perante uma realidade multifacetada.

Se a velocidade e a amplitude de alcance resultantes da era digital se tornou responsável pela geração de *starchitects*, aclamados e reconhecidos pelos media, esta

exposição colocou-os também sob os holofotes dos críticos. Foram muitas, no decorrer do século XXI, as críticas à repetição das fórmulas, alegando a perda da identidade dos lugares. É certo que um edifício projetado por um destes arquitetos valoriza uma cidade e incentiva a economia local, pela notoriedade que lhe é atribuída pelos meios de comunicação desde o primeiro dia; isto era, e continua a ser, aliciante. Não obstante, alguns destes edifícios pareciam nada ter a ver com o contexto que os circundava, com o ambiente que se vivia, nada contavam sobre a história do lugar, sobre os problemas e as necessidades das suas populações.

Esta agregação de valor através da imagem ganhou prestígio por muitos anos; no entanto, simultaneamente, parece ter surgido uma outra tendência. A escala atingida pela 'aldeia global' evidenciou a diversidade de identidades e de culturas; tornou evidente que não faz qualquer sentido projetar sem que seja dada a devida atenção às particularidades "de cada um". Quando tudo é global, há que valorizar o local, e parece não haver melhor maneira de o fazer do que em articulação com as populações locais.

No entanto, contrariamente à visão inicial da recente revolução mediática como um momento de rutura dos preceitos anteriores, percebemos ao longo desta dissertação que ela é, sobretudo, um momento de expansão, de amplificação desses mesmos conceitos de coletivização, quer dos meios quer da arquitetura. Desde a Idade Média que a forma de difundir informação tem vindo a sofrer transformações notórias; em simultâneo, tem-se alterado também a forma de comunicar. A recente revolução digital é mais um passo neste percurso; os seus reflexos na arquitetura estão à vista e os casos de estudo de Doshi e de Aravena sintetizam, em última análise, os resultados obtidos.

Hoje, é possível uma maior aproximação, uma reconexão entre público e arquiteto, um maior reconhecimento da arquitetura que lida com o seu tempo e o seu lugar, que coloca questões e não teme a interação. A visibilidade a arquitetos e projetos que, pela distância aos centros de produção ocidentais, eram até então marginalizados e mantidos em relativo anonimato. Os media amplificam esta visibilidade, como sempre fizeram; mas os novos media também demonstram a sua importância, no discurso dos próprios autores: funcionam como modo de informar para pensar o

problema, ajudando a disciplina a fugir de estereótipos funcionais associados à formulação de propostas arquitetônicas, que em pouco ou nada representavam as necessidades da sociedade.

É certo que o papel do arquiteto já não é o mesmo; a par do seu reconhecimento e valorização, a sua função está, agora, muitas vezes associada a questões que vão para além da construção e da proposta pragmática de projetos. A tendência é lidar com atos impróprios da profissão, é mediar, é despir-se de preconceitos e procurar as raízes que fundamentam as verdadeiras necessidades por detrás da existência da arquitetura. Este novo papel do arquiteto, potenciado pelos novos media, apresenta-se aos futuros profissionais como um campo aberto.

“Quando as fronteiras se dissolvem, a aprendizagem começa, (...) quando as portas se abrem, a interação acontece”²⁶³.

²⁶³ Breaking the Barriers, A lecture by 2018 Pritzker Architecture Award Laureate, B V Doshi. 22 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nA3BytEMx5M>> acesso em 12 de dezembro de 2018.

Arquitetura e Media: Crise e (R)evolução

Bibliografia

ALVES, João Carlos Teixeira, *Arquitetura de intervenção*, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2014.

BANDEIRINHA, José António. *O Processo SAAL e a Arquitetura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

BARBOSA, Cassiano. *Os arquitetos portugueses e os seus interesses associativos*. Porto, 1975.

BARONE, Ana Cláudia. *Team 10, arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002 e PRONSATO, Sylvia A.Dobry. *Projeto participativo e criação coletiva*. São Paulo: FAUUSP, 2002.

BUCKLEY, Craig. *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Nova Iorque: GSAPP Books. 2014.

CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. UK; Intellect, 2011.

Casa da Arquitetura (Ed.) *Poder/Arquitetura*. Porto: Lars Muller Publishers, 2017.

COLOMINA, Beatriz, *Privacy and Publicity: Modern Architecture as Mass Media*. Londres: MIT Press. 1998.

COLOMINA, Beatriz, "Manifesto Architecture". Em *After the Manifesto: Writing, Architecture, and Media in a New Century*. Editado por Craig Buckley, Nova Iorque: GSAPP Books. 2014.

CUNHA, Karenine, *Da informação à comunicação: acontecimentos do jornalismo*. Curitiba: Appris Editora. 2016.

DE CARLO, Giancarlo, "Architecture's Public". Em *Architecture and Participation*, London: Spon Press, 2005.

DOSHI, Balkrishna. *Between Notion and Reality in Architecture Plus Design*; Bombay Vol. 5, Ed. 2, 1 de Janeiro de 1989.

FERNANDES, Eduardo. *A Escolha do Porto: contributos para a atualização de uma ideia de Escola*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho; Guimarães, Portugal. 2010.

FILGUEIRAS, Octávio Lixa, *da Função Social do Arquiteto: para uma teoria da responsabilidade numa época de encruzilhada*. Porto: edições do curso de arquitetura da E.S.B.A.P., 1985.

FRAMPTON, Kenneth, *Modern architecture: a critical history*, London: Thames and Hudson Ltd, 1985.

GANGWAR, Gaurav, *Fusion of Ancient and Contemporary Design Principles in the Works of B.V. Doshi*. Journal of Civil Engineering and Environmental Technology, volume 4, janeiro-março 2017.

GONÇALVES, Rui Mário; DIAS, Francisco da Silva. *10 anos de artes plásticas e arquitetura em Portugal: 1974-1984*. Lisboa: Editora Caminho, 1985.

HALL, Peter, *Cidades do Amanhã*, São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

HIGGOTT, Andrew, *Key Modern Architects: 50 Short Histories of Modern Architecture*. Reino Unido: Bloomsbury Publishing, 2018.

JARDIM, Mariana, *Habitação (é) Elemental: o caso de Quinta Monroy*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Arquitetura, 2017.

JENKINS, Henry, *Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education for the 21st Century*. Chicago: The MacArthur Foundation. 2006.

JENKINS, Henry, *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. Nova Iorque: New York University Press. 2006.

KOHN, Karen, MORAES, Cláudia Herte, *O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital*. Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

LEITÃO, Maria Margarida de Albuquerque, *O Bairro da Bouça – Um contributo para o entendimento do SAAL no debate da Habitação Social*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2010.

MAÇAIRA, Carlos Manuel Teixeira. *Processo SAAL: O contributo para a conceção arquitetónica da habitação social*. Universidade do Minho: Guimarães, Portugal. 2015.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin; ANGEL, Jerome. *The medium is the message: an inventory of effects*. Nova Iorque: Random House, 1967.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding Media: the extensions of man*. Londres: Routledge, 2003.

PINTO, Catarina Rodrigues Ferreira, *Arquitetura Social Participada: contributos para uma nova metodologia*. Instituto Superior Técnico: Lisboa, Portugal. 2015.

REIS, Sofia Borges Simões dos. *74-76 Arquitetura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*. Universidade de Coimbra; Coimbra, Portugal. 2007.

RUBY, Andreas, RUBY, Ilka, SHINOHARA, Yuma, “Poder Doméstico. Uma nova Agenda”, em *Poder/Arquitetura*. Editado por Casa da Arquitetura. Porto: Lars Muller Publishers, 2017.

SANTOS, Tânia, *Who decides? Who provides? Um contributo para a compreensão da obra de John F. C. Turner*, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2014.

SENNOTT, Stephen (Ed.), *Encyclopedia of 20th-Century Architecture*, Volume 1. Nova Iorque: Fitzroy Dearborn, 2004.

STEELE, James, *The complete architecture of Balkrishna Doshi: Rethinking Modernism for the developing world*. Londres: Thames and Hudson, 1998.

TURNER, John F.C., “Housing as a Verb”. Em TURNER, John; FICHTER, Robert, *Freedom to Build*, Nova Iorque, The Macmillan Company, 1972.

Recursos digitais

AD Interviews: Alejandro Aravena/ Pritzker Laureate 2016. (vídeo) Produção ArchDaily 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=10g60sZqNpg>> acesso em 10 de novembro de 2018.

AFONSO, Aniceto; GOMES, Carlos Matos; REZOLA, Maria Inácia. *Os meios de comunicação social e o processo revolucionário.* Disponível em <<http://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/acontecimento/os-meios-de-comunicacao-social-e-processo-revolucionario/>> acesso em 20 de agosto de 2018.

ALVES, Dinis Manuel, *Isto matará aquilo?* Lousã, 1 de junho de 2003. Disponível em <<http://www.mediatico.com.pt/sartigo/index.php?x=28>> acesso em 27 de setembro de 2018.

Aranya Community Housing. Aga Khan Award for Architecture. Disponível em <<https://www.akdn.org/architecture/project/aranya-community-housing>> acesso em 21 de dezembro de 2018.

ARAÚJO, Sandro. *Paredes Meias* (documentário). MUZZAK / CINEMACTIV em Coprodução com a RTP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=M7ZYok4hTeU>> acesso em 3 de agosto de 2018.

ARAVENA, Alejandro, *My architectural philosophy? Bring the community into the process.* (vídeo) TedGlobal2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/alejandro_aravena_my_architectural_philosophy_bring_the_community_into_the_process#t-731472> acesso em 9 de novembro de 2018.

As casas que o povo quis, 25 de abril de 2010. <<https://www.publico.pt/2010/04/25/jornal/as-casas-que-o-povo-quis-19210970>> acesso em 20 de agosto de 2018.

Balkrishna Doshi Named 2018 Pritzker Prize Laureate, 7 de março de 2018. Disponível em <<https://www.archdaily.com/890126/balkrishna-doshi-named-2018-pritzker-prize-laureate>> acesso em 13 de dezembro de 2018.

Balkrishna Doshi: Reassessing the present and the past, an excerpt from an essay published in the League's 1998 exhibition catalogue, *An Architecture of Independence: The Making of Modern South Asia*. The Architectural League of New York, 9 de março de 2018. Disponível em <<https://archleague.org/article/balkrishna-doshi/>> acesso em 9 de dezembro de 2018.

BEAUMONT, Peter, *Low-cost housing needs dignity, says Indian architect Balkrishna Doshi*, The Guardian, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.theguardian.com/global-development/2018/mar/12/low-cost-housing-needs-dignity-indian-architect-balkrishna-doshi>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

Breaking the Barriers, A lecture by 2018 Pritzker Architecture Award Laureate, B V Doshi. (vídeo) 22 de julho de 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nA3BytEMx5M>> acesso em 12 de dezembro de 2018.

Como foi a primeira transmissão regular de TV no mundo, que completa 80 anos, 2 de novembro de 2016. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37846960>> acesso em 15 de setembro de 2018.

DELAQUA, Victor, *"Arquitetura em Diálogo", uma conversa com Martin Corullon*. 24 de março de 2015. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/764353/arquitetura-em-dialogo-uma-conversa-com-martin-corullon>> acesso em 11 de dezembro de 2018.

Discurso de Alejandro Aravena – Prémio Pritzker (vídeo) SDGF, 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=FzF7uhMG-YE>> acesso em 9 de novembro de 2018.

DOSHI, Balkrishna, *Create, explore and love your life*. (vídeo) TEDx. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9a_2DyN_GtM> acesso em 14 de outubro de 2018.

GEHRY, Frank, *A master architect asks, Now what?* (Vídeo) TED2002. Disponível em <https://www.ted.com/talks/frank_gehry_asks_then_what/transcript> acesso em 14 de outubro de 2018.

GRAAF, Reinier de, *Few architects have embraced the idea of user participation; a new movement is needed.* 26 de julho de 2016. Disponível em < <https://www.architectural-review.com/rethink/viewpoints/few-architects-have-embraced-the-idea-of-user-participation-a-new-movement-is-needed/10008549.article>> acesso em 20 de setembro de 2018.

HADDAD, Elie; RIFKIND, David (Ed.) *A Critical History of Contemporary Architecture: 1960-2010.* Editora Ashgate, 2014.

HUGO, Victor, *Notre-Dame de Paris.* Paris: editora Flammarion. 1967. Tradução de Luigi Rotelli. Disponível em <http://www.entreculturas.com.br/2010/08/historia_arquitetura/> acesso em 27 de setembro de 2018.

KOLAMKAR, Ankita, *Aranya low-cost housing: Indore.* 20 de maio de 2012. Disponível em <<https://www.slideshare.net/ankita224/aranya-low-cost-housing>> acesso em 21 de dezembro de 2018.

KOTLER, Philip, *Marketing 4.0: Do Tradicional ao Digital* [recurso eletrônico] / Philip Kotler, Hermawan Kartajaya, Iwan Setiawan; tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

KRZYKOWSKI, Matylda, *Quinta Monroy by Alejandro Aravena.* Dezeen, 12 de novembro de 2008. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2008/11/12/quinta-monroy-by-alejandro-aravena/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

KUSHNER, Marc, *Why the buildings of the future will be shaped by... you.* (vídeo) TED2014. Disponível em <https://www.ted.com/talks/marc_kushner_why_the_buildings_of_the_future_will_be_shaped_by_you?referrer=playlist-how_architecture_can_connect_u> acesso em 20 de outubro de 2018.

LOURENÇO, Ana; COSTA, Elisabete; TEIXEIRA, Teresa. *A grande expansão da televisão*. Disponível em <<http://www.ipv.pt/forumedia/5/24.htm>> acesso em 15 de setembro de 2018.

Marc Kushner: How We Make Architecture. (vídeo) PSFK conferência 2014. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wyJ8OMIM49E>> acesso em 20 de outubro de 2018.

Marc Kushner at the RAIC 2016 Festival of Architecture (vídeo) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-bHsNSlpM94>> acesso em 20 de outubro de 2018.

MATA, Denny, *The Design Philosophy of B.V. Doshi, 2018 Pritzker Prize Laureate*. 9 de março de 2018. Disponível em <<https://bluprint.onemega.com/doshi-2018-pritzker-prize-winner/>> acesso em 30 de novembro de 2018.

PINTO, Cândida, *Vizinhos: A revolução e as casas de Siza na Bouça* (documentário). Produção: SIC, 2016. Disponível em <<https://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca>> acesso em 3 de agosto de 2018.

POGREBIN, Robin. *I'm the Designer. My Client's the Autocrat*. The New York Times, 22 de junho de 2008. Disponível em <https://www.nytimes.com/2008/06/22/arts/design/22pogr.html?_r=0&pagewanted=all&utm_medium=website&utm_source=archdaily.com> acesso em 10 de maio de 2018.

Quinta Monroy/ELEMENTAL. Descrição enviada pela equipa do projeto. Tradução de Victor Delaqua, 6 de fevereiro de 2012. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/01-28605/quinta-monroy-elemental>> acesso em 11 de novembro de 2018.

RECUERO, Raquel da Cunha, *A internet e a nova revolução na comunicação mundial*. PUC/RS, dezembro de 2000. Disponível em

<<http://www.raquelrecuero.com/revolucao.htm>> acesso em 30 de setembro de 2018.

SALEMA, Isabel; CARDOSO, Joana, *O Prémio Pritzker chegou finalmente à arquitetura indiana*. Público, 7 de março de 2018. Disponível em <<https://www.publico.pt/2018/03/07/culturaipilon/noticia/o-arquitecto-indiano-balkrishna-doshi-e-o-premio-pritzker-de-2018-1805717>> acesso em 30 de novembro de 2018.

SARKIS, Hashim, *It's Elementary (Not): On the Architecture of Alejandro Aravena*. 25 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.archdaily.com/780947/its-elementary-not-on-the-architecture-of-alejandro-aravena>> acesso em 8 de novembro de 2018.

SAYEJ, Nadja. *Bricks and Mortar: 5 ways creative leaders can learn from architects*. Forbes, 27 de setembro de 2016. Disponível em <<https://www.forbes.com/sites/berlinschoolofcreativeleadership/2016/09/27/brick-and-mortar-5-ways-creative-leaders-can-learn-from-architects/#1d4b522171ca>> acesso em 10 de maio de 2018.

STEVENS, Philip, *Balkrishna Doshi: 8 essential projects by the 2018 pritzker laureate*. Designboom, 12 de março de 2018. Disponível em <<https://www.designboom.com/architecture/balkrishna-doshi-projects-pritzker-prize-round-up-03-12-2018/>> acesso em 30 de novembro de 2018.

The Pritzker Architecture Prize – Jury citation. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/alejandro-aravena>> acesso em 5 de novembro de 2018.

The Pritzker Architecture Prize – Jury citation. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/laureates/balkrishna-doshi>> acesso em 5 de dezembro de 2018

The Pritzker Architecture Prize – Purpose. Disponível em <<https://www.pritzkerprize.com/about>> acesso em 3 de novembro de 2018.

WENZEL, Marianne, *Conheça o trabalho de Balkrishna Doshi, vencedor do Pritzker 2018*. Casa Vogue, 27 de maio de 2018. Disponível em <<https://casavogue.globo.com/Design/noticia/2018/05/conheca-o-trabalho-de-balkrishna-doshi-vencedor-do-pritzker-2018.html>> acesso em 15 de dezembro de 2018.

WINSTON, Anna, *Architects "are never taught the right thing" says 2016 Pritzker laureate Alejandro Aravena*. Dezeen, 13 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.dezeen.com/2016/01/13/alejandro-aravena-interview-pritzker-prize-laureate-2016-social-incremental-housing-chilean-architect/>> acesso em 10 de novembro de 2018.

YUNIS, Natalia, *Alejandro Aravena: 'O desafio da arquitetura é sair da especificidade da resposta e abordar a inespecificidade da pergunta'*. Entrevista publicada na edição nº31 da Revista AOA, tradução de Eduardo Souza, 2 de março de 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/806392/alejandro-aravena-o-desafio-da-arquitetura-e-sair-da-especificidade-da-resposta-e-abordar-a-inespecificidade-da-pergunta>> acesso em 8 de novembro de 2018.